

A romantic couple in winter clothing. The man has a beard and is wearing a grey scarf and a grey jacket. The woman has long blonde hair and is wearing a blue cable-knit sweater and a grey knit hat. They are both smiling and looking at each other. The background is a soft, out-of-focus winter scene.

Lucy Benton

Deixe a
neve
lá fora

O amor da forma mais inesperada



A romantic couple in winter clothing. The man, with a beard and a small hoop earring, is leaning in to kiss the woman on the cheek. The woman is wearing a blue knit beanie and looking towards the camera with a slight smile. The background is a soft, out-of-focus winter scene.

Lucy Benton

Deixe a
neve
lá fora

O amor da forma mais inesperada

Copyright2019© Lucy Benton

Deixe a Neve lá Fora

Primeira edição.

Todos os direitos reservados.

Proibida toda e qualquer distribuição sem a
autorização prévia da autora.

Essa é uma obra de ficção.

Quaisquer semelhanças com nomes, pessoas, lugares
ou acontecimentos, será mera coincidência.

Foto da capa: Depositphotos

"Eu não quero muito no *Natal*

Só preciso de uma coisa

Eu não ligo para os *presentes*

Debaixo da árvore de *Natal*

Eu só quero *você* para mim

Mais do que você jamais poderia saber

Faça meu *desejo* se tornar realidade

Tudo que eu quero no *Natal* é *você* ."

All I Want For Christmas Is You



Índice



Sinopse

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

Epílogo



Minha mãe costuma me dizer que o nosso coração é sempre o melhor conselheiro. Bem, ela está parcialmente errada, porque o coração pode nos induzir às piores tolices também.

Foi assim, seguindo os conselhos do meu tolo coração, que eu acabei a milhares de quilômetros da minha casa às vésperas do Natal. Sozinha e presa em uma cidade desconhecida, sem chances de retornar ao meu lar e abrir os meus presentes sob a árvore em minha sala.

Por culpa do meu coração eu achei que conhecer finalmente o meu namorado virtual fosse uma boa ideia; não foi.

Por culpa do meu coração, eu também achei que fosse uma boa ideia pedir abrigo a um velho amigo.

Claramente essa segunda ideia foi ainda pior do que a primeira.

Caleb Callahan costumava ser o garoto mais pedante, egocêntrico e irritante que já conheci. O melhor amigo do meu irmão. O menino lindo da casa ao lado. Aquele que amava me importunar e roubar a minha autoestima

quando criança.

Isso foi antes...

Porque agora ele é a perfeição personificada.

Gentil, atencioso e com um sorriso que me deixa de pernas bambas a cada segundo. E acho que uma magia acontece cada vez que trocamos um olhar.

Ficar alguns dias em sua casa, enquanto uma tempestade de neve cai do lado de fora, parece um risco muito alto a se correr. Um risco ao meu coração e a minha alma.

Mas se esse é o preço que tenho que pagar por minhas tolices, bem... me mande a conta ao final do dia.



Sorrio para cada pessoa que passa por mim no corredor deste avião. Embora eu não conheça absolutamente ninguém aqui, quero dividir a minha euforia com todos. Além do mais, não posso arrancar esse sorriso bobo do rosto.

Tudo bem, é provável que eu pareça uma jovem mulher que acabou de fugir da ala psiquiátrica mais próxima e esteja assustando a todos, mas não posso me importar demais.

Estou tão feliz... tão feliz... tão feliz!

Meu coração retumba em meu peito, batendo feito um tambor bem orquestrado entre minhas costelas e chegando ao meu ouvido com facilidade.

Será que mais alguém pode ouvi-lo agora?

Espero que não. O som iria assustá-los bem mais do que o meu sorriso constante.

Contenho a respiração e comprimo ligeiramente os lábios, afastando o meu sorriso com extrema relutância enquanto olho através da janela. Não

adianta muito e sorrio outra vez. É como quando temos uma crise de risos espontânea, mas sabemos que precisamos contê-la por ora e ainda assim não conseguimos parar de rir.

Preciso abraçar a minha ansiedade e acalmar meu coração. O que parece uma tarefa impossível no momento pois: estou viajando sozinha pela primeira vez e, também pela primeira vez, irei conhecer um homem com quem venho me relacionando virtualmente nos últimos oito meses.

Alguém que conheci através de um site de namoro.

Eu sei que isso soa muito imprudente, mas não me julgue antes de ouvir a história completa.

Seu nome é Peter Anderson e ele é lindo. Com grandes olhos azuis sob cílios pretos. Um sorriso arrebatador e um rosto de anjo, que me rouba o fôlego sem esforço algum.

Eu estou apaixonada!

Talvez um pouco mais do que eu devesse estar para o meu próprio bem. Mas não podemos ditar as escolhas do coração e Peter é tão perfeito. Gentil e inteligente. Bem-humorado e espirituoso. Ele tem um ótimo gosto musical e ama bons livros. Gosta de cinema e assim como eu tem uma paixão avassaladora por filmes antigos.

E eu já disse que ele é lindo?

Sim, sei que já, mas não custa nada reforçar esse adjetivo.

Foi muito simples me encantar por ele logo no início, quando trocávamos apenas breves mensagens em um aplicativo de namoro e eu mal podia ver o perfil nublado do seu rosto.

Foram semanas de um flerte quase inocente, juvenil e divertido. Seria difícil confessar isso sem parecer uma pessoa ingênua e irresponsável, mas acho que já estava apaixonada logo nos primeiros dias.

Quando Peter pediu o meu número de telefone, não hesitei em lhe dar. Passamos a nos falar com mais frequência, de forma íntima e pessoal. Trocamos muitas fotos e confidências e não tardou para que ele se tornasse parte da minha rotina e ganhasse um lugar de extremo destaque em meu coração.

Namorar à distância nunca foi algo desejado por mim. Eu era bem cética quando o assunto era esse, na verdade. Em minha mente duas pessoas jamais poderiam manter um relacionamento sem contato físico. Sem sequer se beijarem uma única vez, mas conhecer Peter me provou o contrário.

Começamos a namorar dois meses após o nosso primeiro contato e

desde sempre alimentamos o sonho de um primeiro encontro real. Face a face. Olhos nos olhos.

Peter mora em Denver, no Colorado. Ele é formado em designer gráfico e trabalha para uma empresa de jogos para videogame. Tem uma casa de dois quartos, no subúrbio e em seu nome, totalmente paga. O que, se você me perguntar, é algo mais do que admirável para alguém de vinte e sete anos.

Eu moro em Austin, no Texas e ainda estou presa à minha faculdade de História, dividindo uma casa minúscula com mais três amigas e sem planos sólidos para o futuro.

Então milhares de quilômetros nos separam. Estamos em estados diferentes e em momentos de vida opostos e Peter já deixou mais do que claro que ficaria feliz com a minha mudança para Denver. Mais especificamente para o seu apartamento, porém, sei que seria uma loucura tomar essa decisão agora.

Sim, eu estou encantada, apaixonada e cheia de borboletas em meu estômago, mas ainda tenho um pouco de juízo e ele me impede de dar esse passo imprudente. Não estou nada preparada para dividir a vida com alguém do sexo oposto que não seja o meu pai ou meu irmão, talvez em um futuro próximo.

Ou quem sabe o meu encontro físico com Peter seja do tipo arrebatador e o seu beijo me tire do chão e bagunce toda a minha órbita.

Eu ficaria em Denver se isso acontecesse? Provavelmente.

Meu pai me mataria por isso? Sem a menor dúvida, mas perco a razão quando o assunto são beijos arrebatadores.

Eu já sonhei milhares de vezes com os beijos de Peter. Cansei de imaginar qual a sensação de ter os seus lábios nos meus e minhas expectativas estão nas alturas. Deus, se seus beijos forem horríveis eu cairei dos céus direto no asfalto e isso irá machucar muito.

Meus pensamentos me fazem rir enquanto busco o meu celular na bolsa sob a minha poltrona, enviando uma mensagem para Peter antes da decolagem.

Bree: O avião decola daqui alguns minutos, pode acreditar? Estou tão feliz, mal posso esperar para pisar em Denver e te abraçar!!!!

Digito com rapidez e envio em seguida, deixando o celular sobre a minha coxa coberta por jeans.

Não tarda até que o aparelho vibre com uma resposta de Peter.

Peter: E eu mal posso esperar para te abraçar de volta, tão apertado. Nunca mais vou deixá-la sair dos meus braços, meu anjo ♥

Mordo levemente o interior da minha bochecha, evitando que um gritinho de felicidade escape dela.

Bree: E eu não irei querer sair dos seus braços, acredite ♥ Vai me esperar no aeroporto? Chego em duas horas e vinte minutos.

Sua resposta vem um segundo depois.

Peter: Claro, anjo. Eu estarei lá... te amo, minha linda.

Bree: ♥♥♥♥

Eu nunca disse que o amo, mas Peter não parece se importar com isso e se mantém repetindo as três palavrinhas para mim.

Eu não sei se tenho medo de lhe confessar algo tão grande ou se simplesmente não tenho a mesma convicção que a sua.

Paixão e amor são duas coisas distintas. Eu sei que sinto a primeira, mas não tenho certeza da segunda.

Guardo o meu celular na bolsa quando a aeromoça passa por nós e nos orienta. Em seguida, o anúncio do piloto soa nos alto falantes e travo o meu cinto.

O avião decola sem problemas, mas fecho os olhos e me agarro à poltrona enquanto ganhamos o céu. Volto a abrir os olhos quando sei que estamos em segurança, voando entre as nuvens brancas, através do céu límpido.

O sorriso que estampa o meu rosto logo depois é quase obsceno. Ninguém deveria se sentir tão feliz assim, mas eu me sinto...



Peter não vem me buscar!

Sei disso porque estou esperando há mais de duas horas, sentada em um banco desconfortável de aeroporto enquanto olho para todos os lados em busca de um vislumbre seu e não encontro nada.

Ele não vem!

A espera me causa náuseas e um nó insistente no estômago, que eu tento ignorar; mas não consigo.

Não posso acreditar que ele realmente não apareceu.

Será que me esqueceu?

Ou talvez tenha sofrido algum acidente? Imprevistos acontecem o tempo todo. Ainda assim ele deveria ter me enviado uma mensagem. Não posso esperar o dia inteiro.

Minha bunda já está dormente de tanto ficar sentada aqui. Esses assentos sequer são almofadados. Sei que deveria me levantar e esticar as pernas ao redor, mas tenho medo de perder o único lugar que encontrei disponível enquanto vagava perdida após o desembarque.

Estico as pernas na tentativa de sentir o mais ínfimo dos confortos e encaro o meu celular enquanto minha mente fervilha em preocupação, confusão e medo.

Estou em uma cidade desconhecida, sem reservas em um hotel e se Peter não aparecer até o anoitecer não terei aonde dormir. Meu voo de volta para Austin está marcado para a próxima semana e sei que com a proximidade do Natal, eu jamais conseguiria adiantar a minha viagem de retorno.

Estou presa em Denver e esquecida no aeroporto. Isso é um pesadelo dos piores. Algo inimaginável para mim.

Aperto o meu celular entre as mãos e com dedos nervosos digito uma mensagem rápida para Peter.

Bree: Onde você está, Peter? Faz horas que pousei... você não disse que estaria no aeroporto me esperando?

Venha me buscar. Estou ficando assustada com a sua demora.

Envio e me mantenho encarando o telefone na tola esperança de que ele magicamente fique online e me responda em seguida.

Mas, não importa o quão esperançosa eu seja, o tempo passa e não obtenho resposta alguma de Peter.

Após três horas de espera, a única opção que encontro é encher o seu celular com uma enxurrada de mensagens e ligações não atendidas.

Bree: Ei, onde você está? Por favor, me responda Peter. Estou preocupada... Por favor.

Bree: Onde você está????!!!

Bree: Peter, você me esqueceu no aeroporto? Foi isso? Esqueceu que deveria vir me buscar e agora está com medo que eu me chateie? Eu não estou chateada, só venha me buscar, pelo amor de Deus!!!

Bree: Cadê você? Está partindo o meu coração... venha me buscar.

A essa altura a bateria do meu celular está em menos de vinte por cento e não há nenhuma tomada à vista. Sei que não posso me manter enviando

mensagens a esmo e correr o risco de ficar sem o meu único meio de comunicação.

Frustração e descrença me tomam enquanto começo a rever todas as mensagens que troquei com Peter. Tenho certeza que em algum momento nestes últimos dias ele me falou o seu endereço, mas eu estava tão crente em suas palavras que nem pensei em anotá-lo. Agora sinto-me a garota mais tola por esse ato falho e percebo que talvez tenha me cegado além da conta.

Demoro dez minutos para encontrar o endereço de Peter nos arquivos de mensagens, em uma conversa que aconteceu há duas semanas. Foi quando começamos a planejar minha vinda para Denver e ele me contou um pouco sobre o bairro em que mora.

Copio o endereço e o colo no meu bloco de notas, então coloco o celular em repouso. Fico em pé e olho através das paredes em vidro, buscando uma imagem da paisagem do lado de fora. Quando pousamos o tempo estava fechado, mas sem neve alguma. Ao que parece a situação mudou nas últimas horas e flocos finos e brancos caem agora.

Fecho o meu casaco de couro e desenrosco o meu cachecol da alça da mala, colocando-o em meu pescoço em seguida. Tenho roupas mais quentes em minha mala, mas por ora o que estou vestindo terá que servir.

Assim que saio do aeroporto o ar frio me toca quase com fúria. Está muito mais gelado do que imaginei, portanto me encolho em minhas roupas e puxo minha mala comigo ao caminhar pela calçada movimentada. Demora até que eu encontre um táxi e corro para ocupar o seu interior assim que ele para no meio-fio e alguém desce.

Sem fôlego, eu informo o endereço ao motorista e descubro que fica a quarenta minutos de onde estamos. Não é uma informação consoladora, mas assinto e descanso em meu assento.

Quando chegamos ao bairro de Peter a neve cai com um pouco mais de força. Isso era algo esperado. O que não estava nos planos era que eu chegasse até aqui em um táxi pago com o meu dinheiro e precisasse perambular pelo bairro em busca da sua casa.

É um bairro residencial tradicional, com casas bonitas, mas simples. Os gramados estão escondidos pela camada de neve fina, as árvores também. É uma bela visão que eu apreciaria muito mais se não estivesse nesta situação atípica.

Encontro a casa de Peter após caminhar um pouco. Fica quase ao final da rua. É uma casa de dois andares, em madeira. Sua fachada inteiramente

branca me parece recém-pintada. O telhado é vermelho, formando um belo contraste com o telhado azul da casa ao lado.

Passos apressados me levam pelo caminho estreito em cimento, que separa os dois lados do gramado, até a varanda. Subo os poucos degraus, minhas botas causam um barulho alto sobre a madeira polida na varanda. Sacudo a neve em meus ombros, agradecendo pela pequena cobertura que antecede a porta de entrada e retém um calor bem-vindo.

Não há campainha, então bato à porta. Dois toques com os nós dos meus dedos. Espero, ansiosa. Ninguém atende, portanto, bato novamente... e novamente... e novamente.

Respiro, tentando espiar através da grande janela ao lado. Janela que eu deduzo ser da sala de estar. As cortinas em um marrom-escuro estão cerradas e não sou capaz de vislumbrar nada no interior da casa.

Bato novamente, mais três vezes e não obtendo êxito algum em ser atendida. Tudo ao redor está mortalmente quieto. A garagem também está fechada e me impede de dizer se o seu carro está ou não dentro dela.

Querendo chorar, eu me sento em um dos degraus e coloca a minha mala ao lado. Deixando a derrota se apoderar de mim, escondo o rosto em minhas mãos enluvadas e fico assim pelos próximos minutos. Ouço passos leves pela calçada e aos poucos eles se aproximam de onde estou, ainda assim, só levanto minha cabeça quando alguém pergunta:

— Está procurando o rapaz que mora aqui?

Meus olhos nublados com tristeza se concentram na amável senhora de cabelos grisalhos, escondidos sob um gorro de lã vermelha, diante de mim. Olhando para o grosso e comprido casaco que abriga a sua figura franzina e depois para o seu rosto corado, sorrio com esforço.

— Sim, eu estou — respondo em um sôfrego de ar frio. — A senhora o conhece?

— De vista. — Ela me diz, apontando para a casa sobre os seus ombros, logo à frente. — Somos vizinhos, mas eu só o vejo esporadicamente.

— Entendo, mas será que poderia me dizer se ele está em casa ou não? — sondo, esperançosa.

— Na verdade, eu posso.

— E ele está? Já bati na porta infinitas vezes...

— Ele não está, querida. — ela me corta com sua resposta apressada.
— Posso afirmar, porque eu mesma o vi saindo há três dias, que ele viajou para outro estado.

— Como sabe? — questiono com um nó na garganta.

— Porque eu o vi saindo, como disse.

— Não... — sacudo a cabeça, ficando em pé. — Como sabe que ele viajou para outro estado?

— Ah! — ela suspira, ajeitando o cabelo sob o gorro. — Porque ele pediu que Corbin cuidasse do seu gato por algumas semanas.

Abro a boca, mas nada digo.

Gato? Corbin? Outro estado? Algumas semanas?

— Corbin é o meu vizinho do lado — a senhora me elucida com bondade. — Ele e Peter são bons amigos, embora Corbin tenha mais de cinquenta anos. Mas ele se comporta como se fosse um garotão.

— Peter não tem um gato. — Me vejo soltando em um sussurro.

— Ele tem e está com Corbin. Pode bater em sua porta e perguntar. — Diz, gesticulando na direção da casa citada.

— Eu o conheço há oito meses e sei que ele não tem um gato.

— Ele tem, um belo angorá cinza-claro. É realmente adorável.

— Um gato? — repito e ela apenas acena em concordância. — E viajou para outro estado?

— Sim, eu receio que sim.

— Ele deveria ter ido me buscar no aeroporto há quase quatro horas, mas não apareceu.

— Isso é lamentável. — Ela murmura, sacudindo a cabeça.

— Por que ele fez isso? — pergunto a mim mesma, embora soe com uma pergunta para a senhora.

— Eu não sei, querida, mas é injustificável.

— Nós somos namorados. — Conto, descendo os poucos degraus que me separam dela.

— Eu sinto muito, querida. Ele é um libertino.

— Libertino? — refuto de um jeito bobo.

— Um mulherengo, um sem vergonha. — Ela elucida. — Eu o vejo com uma mulher diferente a cada semana.

— Eu sei o que libertino significa. — Digo, afastando a teimosa mecha de cabelos em meus olhos. — Só nunca ouvi alguém usar essa palavra em uma frase.

— Bem... — ela ri, salientando as rugas ao redor da boca e dos olhos; o que não a deixa menos bonita. — Tenho quase oitenta anos, então não uso as gírias da garotada.

— Claro. — Concorde, amuada. De repente sinto-me em uma realidade paralela, lutando para acreditar que tudo isso seja mesmo verdade.

— Não fique triste, querida. Posso ver em seus olhos que tudo isso te machuca. — A senhora me consola, dando tapinhas em minha mão como se fossemos velhas amigas. — Mas como eu disse, ele é um libertino e não

merece uma moça linda como você.

Como uma ensandecida, acabo rindo. Isso porque a palavra “libertino” soa da forma mais engraçada em seus lábios. Talvez eu comece a usá-la a partir de hoje. O difícil será encaixá-la em uma frase coerente.

— Peter nunca me deu sinais de sua libertinagem. — Digo, escolhendo bem as palavras e me fixando em seus olhos. Nunca conheci um idoso que mentisse, pelo contrário, eles costumam usar a sinceridade sem parcimônia. Como as crianças.

— Você disse que são namorados? — ela pergunta em tom de confissão, aproximando o rosto do meu.

Como sou um pouco mais alta, preciso inclinar o corpo para que a nossa aproximação aconteça.

— Sim, eu disse. — Afirmo. — Nós somos.

— Eu moro nesta mesma rua há quase vinte anos e estou sempre de olho nos vizinhos...

Viu? Sinceridade pura.

Mordo os lábios para evitar um riso, algo que seria indelicado da minha parte, eu deduzo.

— E nunca te vi por aqui. — Ela completa, despreocupada que a confissão a faça parecer uma fofoqueira intrometida.

— Eu nunca estive aqui. — Confesso um tanto envergonhada. — Peter e eu namoramos virtualmente.

— Como é isso? — sua voz se eleva uma oitava, intrigada. — Sem sexo?

— Não... — rio, mas rapidamente me corrijo. — Também, já que nunca nos vimos.

— Nunca se viram?

— Não...

— Credo!

— Nos conhecemos em um site de namoro pela internet — elucido. — Então trocamos números de telefones e passamos a namorar virtualmente, entende?

— Não de fato. — Ela ri. — Mas ao mesmo tempo faz total sentido.

— O quê?

— Toda a movimentação na casa de Peter. Se ele tivesse uma namorada real, acho que não traria tantas mulheres aleatórias para casa com frequência.

— Bem — exalo, encarando os flocos de neve que caem sobre nós. — Isso tudo é novo para mim. Parece que a senhora está falando sobre outra pessoa e não sobre Peter.

— Ele é um rapaz muito bonito, eu concordo.

— Sim, ele é.

— E deve ter uma lábia encantadora também. Vendedor de sonhos, é o que dizem.

— Vendedor de sonhos? — exaspero.

— Ele te vendeu o sonho do namorado perfeito, aposto. — Ela murmura, me escrutinando com seus olhos perspicazes. — Se comportando como príncipe encantando até que estivesse na palma de suas mãos.

— Eu não estou na palma das suas mãos. — Refuto um tanto

incomodada porque talvez seja verdade, mas ninguém precisa me dizer em voz alta. — Todo mundo pode se iludir e eu não sei de fato o que aconteceu com Peter...

— Ele te enganou, querida. — Mais tapinhas em minha mão.

— Será? — questiono em um murmúrio, desviando o meu olhar. — Não Peter, ele não é assim.

— Você nem o conhece.

— Eu o conheço, claro que conheço. — A contradigo, tentando convencer a mim mesma.

— Virtualmente? — ela ri outra vez. Volto o meu olhar para o seu e rio também. De nervoso, obviamente. — Podemos passar anos morando com uma pessoa e ainda assim não a conhecermos de verdade. Imagina em uma relação que nunca foi real?

— Eu não posso contestar isso, — encolho os ombros em desânimo. — Mas talvez exista uma explicação plausível para essa história.

— Quer mesmo usar essa desculpa? — ela me pergunta em um tom maternal e imediatamente me sinto uma criança tola. — Já tentou ligar para ele?

— Inúmeras vezes. De forma exaustiva, aliás. — Sou sincera. — Ele não atende e nem responde as minhas mensagens.

Peter nunca me deixou sem resposta, esse deveria ter sido o primeiro sinal. O seu telefone sempre estava com bateria e disponível quando eu queria fazer contato.

A única explicação plausível para justamente hoje ser o dia da exceção à essa regra, é que Peter esteja em coma no hospital. O que cá entre nós com certeza não é a realidade.

Agora espero que ele sofra mesmo um acidente.

Um fatal...

Não, não um fatal. Eu não sou uma pessoa tão ruim, eu acho.

Espero que quebre ambas as mãos e não possa digitar por um longo, longo tempo.

— Ele só te fez de boba, meu docinho. — Ela me diz. — É duro aceitar, mas as evidências estão bem claras.

— Elas estão. — Sussurro ao soltar a sua mão da minha, voltando a me sentar nos degraus às minhas costas. — Não sei o que fazer agora.

— Volte para a casa e esqueça que conheceu esse rapaz. — Ela me aconselha, rapidamente me dando as costas e retomando o caminho de casa. — Posso te dar outro conselho?

— Por favor. — Concorde, elevando um pouco a voz já que ela não parou de andar.

— Nunca mais namoro alguém que nunca viu pessoalmente. Isso não costuma funcionar muito bem.

— É eu estou vendo que não.

Ela para de forma breve no meio-fio e sorri para mim, antes de atravessar a calçada.

— Feliz Natal, minha querida!

— Feliz Natal, minha senhora!

Ouçó o seu riso até que ela alcance a maçaneta da sua porta e desapareça no interior da casa de fachada cinza e telhado marrom. Contenho a vontade de lhe pedir abrigo, enquanto começo a pensar em como arrumar essa bagunça toda.



Ainda estou sentada nos degraus de Peter, pensando seriamente em dormir em sua varanda esta noite. Claro, talvez eu sofra uma hipotermia porque agora a neve veio com mais fúria e eu não tenho sequer um cobertor fino comigo.

Eu poderia tentar arrombar a sua casa. Quebrar uma das janelas e me esconder no interior quente e protegido. Uma olhada rápida nas janelas me prova que essa não seria a tarefa mais difícil, mas eu preservo a minha liberdade e não quero passar os próximos dias na prisão.

Nos últimos minutos eu liguei para a companhia aérea e tentei adiantar a minha passagem de volta ao Texas. Nada feito. Ao que parece isso não faz parte da política da empresa.

Então tentei comprar uma passagem nova para o próximo dia e a atendente me informou que todos os voos estão lotados até dia vinte e sete.

Hoje é dia vinte e um e a minha passagem está reservada para o dia vinte oito. Ou seja: a menos que eu alugue um carro ou consiga uma alma

bondosa que me leve de volta ao Texas; estou presa em Denver até a próxima semana.

Sete dias... sete dias... sete dias!

O número se repete em minha cabeça de forma exaustiva, aumentando o pânico dentro de mim.

Não há quartos acessíveis e disponíveis. Só um que eu precisarei vender um membro para pagar por ele e bem, ainda não estou disposta a fazer isso.

Eu estou tão encrencada.

São quase quatro da tarde e o dia está praticamente escuro, anunciando a noite que não tardará a chegar. Costuma ser assim no inverno. Eu estava exultante em conhecer Denver por saber do seu histórico de invernos rigorosos e muita neve.

Me imaginei conhecendo os pontos turísticos ao lado de Peter. Ou apenas saboreando um chocolate quente sob as cobertas, assistindo um filme em sua sala. Confesso que a segunda perspectiva me atraía mais que a primeira.

Eu fiz tantos planos. Como sou burra, *burra...* Juro, eu me odeio ferverosamente neste instante e acho que merece todos os castigos que estou recebendo. Só não quero morrer congelada enquanto durmo na rua, à mercê de todos os perigosos que passam por minha imaginação fértil.

Só há uma saída: Calleb Callaham... *filho de Lúcifer*, ou vulgo, o melhor amigo de infância do meu irmão mais velho.

Calleb mora em Denver, se a minha memória estiver boa e ela está, eu sei. Ele se mudou para a cidade há três anos com o intuito de terminar a sua residência em cardiologia no *Saint Joseph*.

Como eu sei tanto sobre Calleb Callaham? Não me pergunte, essa é uma história para outro dia, outra hora.

Sem titubeios eu tiro o meu celular do bolso e disco o número do meu irmão Brian. Por sorte ele não me faz esperar demais.

— *Oi, pequena Bree.* — Sua voz alegre soa em meus ouvidos. — *A que devo a honra de uma ligação sua?*

Mordo os lábios, pensando em como trazer o assunto à tona. Sei que não posso ser direta demais, então floreio um pouco.

— Estou com saudades — gracejo, usando a dose certa de doçura em minha voz. — Como vão as coisas na Flórida?

— *Estão boas, tudo ótimo.*

— Isso é bom.

— *E você? Muitos planos para o Natal?* — ele me pergunta, inocente. Ele não faz ideia de que estou em Denver e quando souber irá ter uma síncope, eu sei.

Brian mora na Flórida e gerencia um resort por lá. Formado em administração com louvores, há dois anos ele se mudou de Louisiana, onde nascemos, para a Costa leste do estado ensolarado.

— Estou tranquila. — Dou risada, nervosa. — Sem grandes planos, desde que nossos pais nos trocaram por um cruzeiro nas Bahamas e nosso Natal em família foi cancelado.

Brian ri também. Sinto falta de ouvir esse som de forma mais costumeira.

— *Bem, eles merecem umas férias.* — Ele me diz. — *Não somos mais crianças, Bree.*

— Não, não somos — concordo em um tom neutro. — Mas sinto falta das nossas noites de Natal.

Esse será o segundo ano em que passaremos a data separados. Com os meus pais nas Bahamas, — ano passado eles estavam na Tailândia — eu em Austin e Brian na Flórida, fica difícil reunir a família com frequência.

— *Ainda teremos muitas outras.*

— *É... teremos...* — sussurro baixinho.

Fico quieta, meu coração aos pulos. Brian se cala também, sei que ele

me conhece o suficiente para perceber que há algo estranho comigo. Eu me comporto assim desde pequena, quando queria que ele me desse algo.

— *Bree* — ele me chama.

— Brian — retorno no mesmo tom, puxando uma grande lufada de ar gélido para os pulmões.

— *Só me diga, Bree. Sei que não irei gostar, mas me diga de uma vez.*

— Por que acha isso? — eu desconverso, ainda ganhando tempo.

— *Porque eu te conheço e sei que me ligou para contar algo.* — Brian refuta com firmeza. — *Me diga!*

— Droga! — exclamo em um muxoxo. — Ok...

— *Diga.* — Ele insiste.

— Eu fiz uma besteira, Brian... uma grande besteira, para ser sincera.

— *Meu Deus.* — Ouço o seu exalar longo e dramático e me retenho no lugar. — *Isso envolve prisão ou drogas? Gravidez? Ou casamento em Las Vegas?*

— O quê? — exacerbo, me engasgando com o choque. — Por acaso sou alguma doida, Brian?

— *Bem, eu temo por minha resposta; mas direi que às vezes sim.*

— Eu não sou. Na verdade, desconheço irmã melhor que eu. — Me Defendo veemente.

— *Há contradições* — ele brinca.

— Injusto!

— *Me conte de uma vez qual foi essa grande besteira.*

— Estou em Denver. — Anuncio, esticando a mão enluvada para recolher alguns flocos de neve.

— *Denver* — ele repete com calma, uma calma que antecede a tempestade.

— Denver — reafirmo sem a mesma calma.

— *O que diabos foi fazer em Denver?*

— Estou aqui para conhecer alguém.

— *Quem?* — ele questiona, enfático.

— Peter.

— *Quem é Peter?*

— Meu namorado.

Suspiro, revirando os olhos e esticando as pernas à frente do corpo. Nem sei se essa palavra se encaixa mais no estranho relacionamento entre Peter e eu, mas é a única que posso usar agora.

— Eu te contei sobre ele há alguns meses. — Completo, enquanto Brian se mantém no mais irritante silêncio. — Foi no jantar de aniversário do papai.

— *Você me disse que estava conhecendo alguém virtualmente.*

— Isso mesmo.

— *Então deixe-me ver se entendi* — ele começa, tossindo levemente. — *A menos que eu esteja completamente enganado, e me corrija se estiver, você voou até Denver para conhecer o seu namorado virtual?*

— Sim. — Suspiro, em desânimo. — Você está certo, Brian. Vim até Denver para conhecer Peter. Finalmente.

— *Bree...* — ele me adverte. — *Você não tem juízo? Não vê os noticiários? Não sabe quantos loucos estão soltos por aí?*

— Eu sei, mas Peter não é um deles.

— *Não é? Ele é o príncipe encantado dos seus sonhos então?*

Se ele fosse o príncipe dos meus sonhos eu não estaria sentada do lado de fora da sua casa, tremendo até os ossos. Morrendo de fome, sede e cansaço, ansiando por uma cama na qual possa dormir pelas próximas horas. Não, Peter não é nenhum príncipe.

— Eu não sei como Peter é, não além do que ele tem me mostrado através de telefonemas e mensagens.

E tudo pode ser uma grande mentira, acrescento ao pensar.

— *Como assim?*

— Brian, ele não foi me buscar no aeroporto e eu esperei por quase três horas. — Elevo a voz. — Ele não atende as minhas ligações ou mensagens. Agora estou sentada nos degraus da sua casa e não há ninguém aqui, está deserto... sem contar que encontrei uma das suas vizinhas e ela me disse que ele é um libertino... um... libertino...

Não tenho mais fôlego, por isso me calo enquanto respiro de forma ruidosa. Agora sinto a minha raiva, frustração e tristeza me engolfarem sem piedade e é difícil conter o choro.

Peter me enganou, *aquele libertino*.

— *Libertino?* — Brian sonda, como se essa fosse a única palavra ouvida em todo o meu discurso eloquente.

— Um mulherengo sem-vergonha. — Elucido.

Contrariando as minhas expectativas, Brian tem um acesso de risos ao telefone. Eu esperava por gritos e impropérios, mas riso é mais agradável.

— *É melhor que ele seja um libertino que um louco* — ele me diz, por fim. — *Ou um assassino que iria te matar e colocar o seu corpo em uma mala.*

— Credo! — estremeço com a visão que se forma em minha mente. — Isso é algo terrível para se dizer.

— *É terrível, mas precisa ouvir porque esse poderia ter sido o seu fim.*

— Mas não foi...

— *E o que ainda está fazendo sentada nos degraus da casa dele?* — meu irmão me inquiri com reprovação. — *Saia já daí Bree.*

— Eu não tenho para onde ir — digo de um jeito choroso e infantil. — Não há voos para o Texas nos próximos dias, nem quartos de hotéis disponíveis por um preço que eu possa pagar.

— *Eu pago* — ele oferece prontamente.

— Não posso aceitar, Brian. Sei que está economizando para trocar o seu carro.

— *E o que pretende fazer esses dias? Ficar em um abrigo até conseguir uma passagem para o Texas?*

Um abrigo? Hum, essa ideia não havia me passado pela cabeça.

— *Bree* — Brian me chama.

— Hum... Calleb Callaham ainda mora em Denver? — pergunto finalmente, sentindo que corri uma maratona até chegar a esse ponto da

conversa.

— *Sim, ele mora.* — A sua resposta desconfiada me ofende — *Por quê?*

— Estive me perguntando se ele me daria abrigo, caso pedisse. Ou se me deixaria ficar em seu apartamento por alguns dias, se ele for viajar para passar o natal com a família.

— *A mãe de Calleb morreu há três anos e ele não tem o melhor relacionamento com o pai.* — Brian me conta.

— Então ele está em Denver? — sondo.

— *Sim, ele está.*

— Então... — deixo a sentença no ar.

— *Jesus* — ele exaspera, infeliz. — *Você me coloca nas piores situações.*

— Ele é seu melhor amigo, Brian. É um pequeno favor, prometo ser uma hóspede quieta e invisível e sairei assim que encontrar um voo disponível.

Um tempo infinito se passa até que ele murmure:

— *Ok, vou ligar para ele e tentar suborná-lo para que te aceite em sua casa.*

— Obrigada! — exclamo, alegre. — Eu serei eternamente grata, Brian.

— *É bom mesmo que seja* — ouço o seu riso, misturado a um farfalhar de papéis.

— Eu serei... serei mesmo.

Afasto o telefone do gancho e jogo o punho no ar, em um sinal de vitória. Ao menos sei que não dormirei no relento.

— *Me envie o seu endereço por mensagem ou, se Calleb não puder ir buscá-la agora, enviarei o endereço dele.*

— Obrigada, Brian. Eu te amo, te amo muito!

— *Também te amo, pequena Bree.*

— Ei, eu amei o meu presente de natal, obrigada novamente. — Digo, olhando para a jaqueta que comprei com o vale-presente que Brian me enviou há uma semana.

— *Fico feliz, Bree!*

Ele se despede em seguida e desliga. Envio-lhe o endereço de Peter e deixo o celular ao meu lado no degrau em que estou sentada, envolvendo os braços ao redor do corpo em uma tentativa inútil de espantar o frio.

A cada cinco segundos encaro o celular em busca de uma mensagem de Brian, mas ela nunca chega. O nervosismo da espera me faz revirar a minha bolsa em busca de algum doce. Qualquer coisa que possa, por ora, aplacar a minha ansiedade. Encontro uma barra de chocolate — *graças a Deus* — e algumas balas de menta. Eu os devoro com rapidez.

Quarenta minutos depois, uma pick-up preta para em frente à casa em que estou sentada. O seu motorista é Calleb Callaham.



Faz exatos dez anos que não vejo Calleb Callaham pessoalmente. Ele se mudou da nossa rua no instante em que se formou no ensino médio e eu nunca mais coloquei os meus olhos nele. Mas a lembrança do garoto da casa ao lado que ele sempre foi para mim, se manteve viva em meus pensamentos por todos esses anos.

São seis anos de diferença entre nós, então eu não passava de uma pré-adolescente franzina quando ele foi embora e eu o detestava. Porque ele era lindo demais e arrogante ao extremo, achava que tinha o mundo aos seus pés, mas principalmente porque cada vez que me olhava causava borboletas em meu estômago. As primeiras que senti em minha vida.

Caleb Callaham foi o meu primeiro amor e ele me tratava como o patinho feio que não merecia um segundo olhar seu. E quando ele me olhava mais diretamente era apenas para me magoar.

”Sua irmã não para de me olhar de um jeito estranho. Por favor, a

tranque no quarto a próxima vez que eu vier aqui”.

Eu o ouvi sussurrar a Brian uma vez enquanto estávamos assistindo um filme na sala.

“Será que você é adotada?” Ele me perguntou certa vez, puxando uma das tranças em meu cabelo. *“ Porque você é tão estranha, parece um ratinho molhado... sua mãe é tão linda e Brian, embora seja um cara, não é tão feio a ponto de assustar as pessoas”.*

“Quantos anos você tem, criatura?” Lembro-me de tê-lo ouvido inquirir de forma áspera, quando tropecei em meus cadarços mal amarrados e dei de cara com o seu peito. *“Você precisa prestar atenção por onde anda, queijo Brie”.*

Ele gostava de me chamar assim, e nunca soube se era porque o nome soava exatamente como o meu apelido ou algo em mim cheirava como queijo àquela época. A verdade cruel era que eu mergulhava em minha colônia favorita toda vez que sabia que iria me encontrar com Calleb. É óbvio, ele nunca notou o cheiro ou fez algum comentário agradável a respeito.

Não entendo o porquê dessas memórias virem à tona com tanta força e clareza neste instante. Justamente enquanto me levanto dos degraus e começo a andar até o carro estacionado no meio-fio.

Vergonha e arrependimento se arrastam sobre mim, assim como arrasto minha mala logo atrás, feito uma criança. A cada passo sob a neve fina, encho-me da mais cruel culpa também.

Eu escolheria estar em qualquer outra situação, além desta. Teria passado os próximos dias morando no aeroporto como *Tom Hanks* fez em *O Terminal*. Quão difícil isso realmente seria?

No filme me pareceu muito fácil.

Enfim, que conste para a posteridade que eu não gostaria de estar prestes a entrar no carro de Calleb Callaham.

Não mesmo.

De jeito algum.

Mas entre dormir no covil de Lúcifer e morrer congelada, ou algo pior; escolho a primeira opção.

Sem contar que posso me trancar no quarto e só olhar para Calleb no

momento em que precisar deixar Denver finalmente.

Deus... eu espero que ele tenha um quarto de hóspede em seu apartamento, caso contrário, o plano de me manter escondida irá por água abaixo. Evitá-lo não será nada fácil se eu precisar dormir em seu sofá todas as noites.

De repente desconfio da minha própria sanidade. Talvez eu esteja além do desjuízo por imaginar que dividir um apartamento com Calleb Callaham possa ser algo agradável. Obviamente será mais uma passagem desastrosa em minha vida.

Mas não há para onde correr, é o que digo a mim mesma quando os meus passos vacilam sem o meu consentimento. Me forço a andar em linha reta, o pequeno espaço entre a casa e a calçada parece nunca ter fim.

Esse é o momento em que a porta do carro se abre e passos se dirigem até mim. Olho para os meus pés, temerosa em reencontrar Calleb após tantos anos. Sim, eu tenho medo do que possa sentir agora aos vinte e dois anos...

— Bree Johnson — A voz masculina, forte e imperativa, ganha a minha total atenção e levanto a cabeça, cessando os meus passos.

Oh, Santa Mãe...

Um chute direto em meu peito teria sido menos impactante que a simples visão do homem à frente. Claro que o tempo o tornaria mais bonito, por que esperar o contrário?

Calleb Callaham sempre foi o menino mais lindo que conheci, mesmo quando eu não sabia diferenciar esse tipo de coisa já o achava deslumbrante. Cheio de personalidade.

O tempo só aprimorou cada uma das suas características marcantes e belas. Meu olhar passeia primeiro por cada botão da camisa branca sob o casaco preto, até parar no colarinho.

Arrasto os meus olhos pelo seu pescoço, seu queixo quadrado com barba cerrada e escura e estaciono em sua boca: carnuda e vermelha. Um homem não deveria ter lábios assim, é injusto porque sei que a minha atenção vai sempre se concentrar ali.

Subo pelo seu nariz, tipicamente irlandês e finalmente estaciono em seus olhos negros.

Lindos olhos, Deus...

Como pude esquecer o quão lindo esses olhos são? Ou talvez apenas

seja a forma como ele costumar olhar tudo ao seu redor. Nunca vi olhos com pupilas tão escuras e são tão, ou mais lindas, quanto pupilas azuis ou verdes seriam.

Após uma eternidade em silêncio, dou dois passos para trás e contemplo por inteiro o belo homem diante de mim.

Alto, forte e lindo. *Tão lindo*. Seus cabelos são curtos e escuros, como os seus olhos e cílios, que escondem o seu olhar contemplativo e curioso em minha direção.

— Sou eu — respondo, por fim, em um fio de voz que mal sai dos meus lábios entreabertos.

— Breatice Johnson? — ele refuta, curioso e um tanto perplexo. O que me incomoda um pouquinho; eu não mudei tanto assim.

— Breatice Luize Johnson — recito com um pouco mais de confiança. — Por quê? Eu te conheço?

Ele ri, já que sabe que estou mentindo. Estremeço em meu lugar, não de frio, mas porque sua risada retumba em meus ouvidos e vai direto ao meu estômago. E eu achando que Peter me causava borboletas no estômago, percebo apenas com um riso breve de Calleb, que o que eu sentia não passava de uma cócega tola.

Preciso relembrar a mim mesma os meus problemas atuais. Problemas maiores do que posso lidar no momento. Não devo me encantar por nenhum homem bonito pelos próximos meses ou mais.

Foi assim que tudo isso começou e veja aonde vim parar.

— Não se lembra de mim, *Brie*? — ele pergunta sorrindo, mas não de forma aberta e descarada. Um meio sorriso de lado, sensual e misterioso. O tipo de sorriso que te deixa com as pernas bambas e o coração aos pulos. Exatamente como me sinto agora, portanto, ignoro o apelido irritante.

— Calleb Callaham? — eu questiono, cerrando os olhos como se me esforçasse para me lembrar dele.

— Sou eu — ele diz, abrindo os braços para me enfatizar suas palavras.

O gesto me dá uma visão ainda melhor do seu peito sob a camisa social. É uma ótima visão por sinal, mas ele deveria fechar esse casaco, não quero que pegue um resfriado exibindo seus dotes físicos por aí.

— Oi — balbucio, entoando uma emoção bem medida em minha voz.
— Como vai?

— Como vai? — ele me imita em um tom divertido.

Antes que eu possa piscar ou respirar mais uma vez, seus dedos longos se enroscam na ponta do meu cachecol e me puxam até seu peito para um abraço.

Um abraço?

Vergonhosamente levo mais de um segundo para retribuir o cumprimento. Meu corpo e mente mal acreditam na realidade do momento. De modo desajeitado contorno o seu grande corpo com os meus braços, ficando na ponta dos pés para que Calleb me aperte entre eles. É um abraço de urso como Brian costuma me dar, mas esse abraço não me causa sentimentos fraternais; de jeito algum.

Me derreto em seu peito, tentando aspirar o perfume em sua camisa de uma forma discreta; é um cheiro tão bom e me inebria no mesmo instante. Sinto um leve beijo em meu cabelo, antes que Calleb me afaste de forma gentil.

Encaram-nos em silêncio: eu, completamente atordoada. Calleb, com um grande e bonito sorriso nos lábios carnudos.

Não que eu esperasse ser maltratada ou mesmo desejasse um reencontro hostil, é que o homem que me encara não me lembra em nada o garoto que conheci no passado.

— Bree Johnson — ele sussurra da forma mais serena, voltando a brincar com a ponta do meu cachecol. — Faz muito tempo, não faz?

— Sim. — Concorde também em um sussurro.

— Você cresceu. — Ele observa, sem nunca desviar o olhar do meu.

— Não tanto quanto você! — Sorrio, porque mal chego a tocar em seu peito.

Altura não foi uma das dádivas concedidas a mim. Talvez eu ainda seja tão pequena quanto era aos doze anos, sendo bem otimista é provável que eu tenha crescido cinco ou seis centímetros apenas. O que me conforta é que não me pareço mais com um ratinho molhado.

Eu adquiri curvas ao longo dos anos. Curvas das quais gosto e tenho imenso orgulho, embora sempre viva pensando em perder uns cinco quilos. Algo que facilmente poderia se realizar se eu conseguisse cortar o chocolate da minha dieta.

Tenho cabelos naturalmente castanhos, lisos e longos, mas no verão passado tive um rompante e os pintei de loiro. A tinta agora está só nas pontas que tocam suavemente as minhas costas. Meus olhos são amendoados e pequenos, e com a oscilação certa de luz podem parecer verdes às vezes. E eu adoro os meus cílios longos e escuros.

Meu rosto redondo pode me trazer um ar juvenil e me fazer parecer mais jovem do que realmente sou, mas não é algo que me cause incômodo. Meu nariz é normal e nada marcante, mas faz um belo conjunto com o restante do rosto. E eu amo o meu sorriso, é com toda a certeza, a minha parte favorita em mim mesma.

Posso não ser a rainha da beleza, mas minha mãe costuma dizer que floresci como uma bela rosa nos últimos anos. Lógico que essa pode ser apenas uma falácia típica de mãe, porém é algo reconfortante.

Desde Calleb Callaham, não deixei mais ninguém me colocar para baixo. Contudo, agora estou diante do meu pesadelo adolescente e toda a autoconfiança adquirida com o tempo, parece se liquefazer com o seu olhar.

— Você está linda! — exclama de forma inesperada. O que rouba todo o ar em meus pulmões e me obriga a exalar de forma pesada e nada feminina.

Sorrio tremulamente e então agradeço de um jeito tão baixo que nem eu mesma possa ouvir.

— Obrigada. — Repito, dessa vez mais alto. — Podemos ir agora? Estou congelando aqui.

— Claro!

Ele solta o meu cachecol e seu olhar se desvia do meu. No mesmo instante quero reclamá-lo de volta, mas é tarde, porque o encanto se desfez. Calleb pega a alça da mala em minha mão e com rapidez a coloca em seu porta-malas.

Ainda estou congelada, de forma figurativa e literal, em meu lugar quando ele abre a porta do passageiro e me convida a ocupar o assento vazio.

Quebro o pequeno espaço até o carro e entro, depois de tirar a neve em meu casaco, cabelos e bota.

Não tarda até que Calleb ocupe o seu assento e ligue o carro, saindo do meio-fio e ganhando a rua deserta. A casa de Peter fica para trás, mas nem me importo em lhe dar um último olhar. Não posso pensar em Peter ou quem quer que seja, com Calleb ao meu lado.

O seu calor invisível me envolve e nubla cada um dos meus pensamentos. Isso é algo que deveria me trazer conforto, no entanto, só me preocupa.

Não sou tão tola a ponto de achar que Calleb está me resgatando, resolvendo a situação problemática na qual me coloquei tão imaturamente. Na verdade, entrar neste carro pode me causar mais dores do que Peter jamais poderia causar.

Agora, me pergunte se meu coração está preocupado com isso... *não, nem um pouco.*



O prédio onde Calleb mora é uma construção moderna, no centro comercial de Denver e fica a aproximadamente dezesseis minutos da casa de Peter. Isso se a minha contagem não estiver errada. Eu precisava me ocupar com algo enquanto Calleb dirigia ao meu lado, em completo silêncio, então eu contei cada um dos minutos.

Tenho somente alguns instantes para apreciar a fachada do prédio, antes que Calleb leve o carro até a garagem subterrânea e estacione em uma das vagas disponíveis ali.

Seu sorriso é gentil quando ele destrava o seu cinto e desce do carro. Porque me sinto além da perplexidade, o observo através do retrovisor enquanto ele dá a volta no carro e tire a minha bagagem do porta-malas. Destravo o meu cinto no mesmo instante em que ele abre a porta para mim, como um perfeito cavaleiro faria.

— Obrigada! — exclamo, saindo do carro de forma desajeitada.

Carrego minha bolsa à frente do corpo, enquanto sigo Calleb pela

garagem escura. Confesso que lugares assim me causam certo mal-estar, portanto apresso os meus passos.

Há um elevador à esquerda de onde ele estacionou e paramos diante dele enquanto Calleb aperta o botão para chamá-lo.

— Qual andar? — eu pergunto, trocando os meus pés desconfortavelmente.

— Moro no oitavo.

— Hum... entendi.

Não me sinto apta a ter uma conversa mais eloquente agora. Meu cérebro realmente está prestes a desligar, então dou graças a Deus quando o elevador chega.

Calleb me convida a entrar primeiro e então me segue, com minha mala a tiracolo. Toda a nossa viagem até o seu andar é feita com meus olhos fechados. O movimento do elevador não faz maravilhas ao meu estômago vazio e quando piso no andar de Calleb, me sinto tonta.

Caminhamos pelo corredor de piso escuro e paredes brancas, imaculadas. Percebo que há quatro apartamentos por andar e o de Calleb é o segundo à direita do elevador.

Em um movimento rápido e fluido, ele retira as chaves em seu bolso e abre a porta.

— Seja bem-vinda. — Ele me diz com extrema gentileza e educação inesperada, que eu adoraria encontrar em todas as pessoas.

— Obrigada. — Assinto, passando por ele, já que espera que eu seja a primeira a entrar.

Há um pequeno hall na entrada logo após passarmos a porta. Espero até que Calleb entre também e me mostre o seu doce lar. Ele passa por mim e aponta para a cozinha em estilo americano que fica à esquerda.

Os eletrodomésticos em inox brilham e são visivelmente novos e intocáveis. Os móveis combinam com o tom claro da madeira do piso e a bancada ao centro é revestida em mármore preto. Minha mãe adoraria essa

cozinha. Não o seu tamanho, no entanto.

A sala de estar fica ao lado e é por onde eu caminho enquanto sigo Calleb e minha imensa mala, ainda em sua mão.

Só tenho tempo de admirar o grande sofá cinza e a tevê sobre o painel na parede, antes de andarmos pelo espaçoso corredor que leva aos quartos.

— Aqui é o banheiro — explica, abrindo a primeira porta à direita. — Fique à vontade para usá-lo sem ter medo de cruzar comigo, tenho um banheiro em meu quarto.

— Ok, obrigada. — Suspiro em agradecimento a ele e aos céus. Não só terei um quarto, como também um banheiro. É bem mais do que poderia desejar.

— Aqui é o meu escritório. — Diz, abrindo a porta em frente ao banheiro. — Pode usar o computador se precisar.

— Isso é muito gentil — sorrio, encarando os seus belos olhos. — Mas eu trouxe o meu notebook e acho que irei tentar me desconectar um pouco da internet enquanto estou aqui.

Ao menos esses eram os meus planos ao embarcar para Denver. Agora não tenho mais certeza de nada.

— Boa decisão, Bree — ele sorri em retorno, entoando o meu nome de uma forma única. Eu gosto, embora não devesse.

Mais alguns passos e Calleb abre a terceira porta. Fica à direita, um pouco depois do banheiro e sei que é o quarto de hóspedes, antes mesmo que ele diga.

— É aqui que você irá dormir nos próximos dias — diz, me convidando a entrar. — Espero que não se importe com a falta de móveis ou decoração. Eu nunca recebo visitas.

Ele está certo: os móveis são poucos e a decoração é quase inexistente. Assim como o restante do apartamento.

Há uma cama *queen size* no centro do quarto e ela ocupa quase todo o ambiente pequeno. Sobre a cama jaz uma colcha cinza em algodão e alguns travesseiros. Uma cortina branca cobre a janela ao lado da cama e uma pequena cômoda em madeira branca é o último item ao redor. Simples, mas funcional.

— Está tudo perfeito, Calleb. — Murmuro, girando o meu corpo em sua direção. — Não posso agradecer o bastante por me receber em sua casa dessa forma tão inesperada, mas obrigada por sua extrema gentileza.

— O prazer é todo meu — ele assente, deixando minha mala ao lado da cama. — Fico feliz em poder resgatá-la neste momento.

— Brian te contou o que aconteceu? — questiono apreensiva, temerosa que a verdade me faça parecer uma inconsequente aos seus olhos.

Não gostaria de me importar com sua opinião a meu respeito, mas ele me deixa insegura e um olhar em minha direção é uma viagem ao tempo. Em um estalar de dedos volto a ser aquela garota estranha e insegura.

— Ele me disse que veio visitar uma amiga, mas ela precisou se ausentar então você ficou sem hospedagem. — Ele me conta de forma tranquila, apoiando-se ao batente da porta e descansando as mãos nos bolsos em sua calça social.

— Hum — suspiro em alívio. — É foi isso mesmo... todos os hotéis estão lotados por conta da proximidade do Natal e não consegui mudar o meu voo. Estou presa à esta cidade.

— Muitas pessoas vêm à Denver para festejar o Natal ou apenas para aproveitar o inverno, os hotéis costumam ficar abarrotados essa época.

— Eu percebi — dou de ombros. — Acho que teria dormido na varanda do... da minha amiga, se você não me abrigasse.

— Teria sido terrível — ele murmura com um sorriso torto, talvez achando divertido o tom exagerado e dramático que coloquei em minha frase.

— Bem, eu não sei o que Brian fez para te subornar...

— Por que acha que precisei ser subornado? — o seu questionamento me interrompe, o sorriso torto ainda presente em seus lábios.

— Porque ele me disse que faria isso. — Sorrio, envergonhada.

— Não, não houve suborno algum. Não estamos mais na sexta série, posso fazer um favor a um amigo e não esperar nada em troca.

— Bom saber que não estou devendo a minha alma ao meu irmão.

— Se fosse o caso, você deveria a mim — Calleb me diz de forma séria, mas sorrindo amplamente.

Então como eu saberei se está brincando ou não?

— Bem... — me contorço em meu lugar, o meu rosto ardendo em mil graus de repente.

— Mas eu não quero a sua alma. — Ele completa de uma forma que parece haver mais a se dizer nas entrelinhas.

Leva um segundo para que eu formule uma réplica espirituosa, o que é esperado em casos assim. Mas estou além de aturdida com o seu olhar aquecido. Por fim, murmuro:

— Eu também não estou disposta a me desfazer dela.

Isso o faz rir de um jeito que sacode levemente o seu corpo e minha atenção se prende a sonoridade do riso e no quão bem eu me sinto enquanto o ouço.

Nada de bom pode vir com todos esses sentimentos, mas jogando todo o bom senso pelos ares — algo que aparentemente fiz há um bom tempo — me vejo rindo em uníssono com ele.

— Como vão as coisas em Austin? — ele me questiona após um tempo.

— Sabe que moro em Austin? — respondo a sua pergunta com outra pergunta, repleta de surpresa.

— Eu sei, claro. Brian me fala sobre você sempre, além de me mostrar algumas fotos.

— Que fotos?

Deus, que não sejam aquelas que ele tirou em nossa última viagem, enquanto eu dormia no carro. São tão constrangedoras. O tipo de foto que um irmão mais velho mostraria a um amigo, apenas para rirem da sua cara.

— Fotos. — Seus ombros se elevam em um gesto casual.

— Eu espero que sejam fotos decentes, ao menos.

— Elas são, não se preocupe. — Ele sorri, divertido. — Então, Austin...

— Sim, Austin — recito, sacudindo levemente a cabeça. — Gosto de morar lá. Eu me formo em História o ano que vem e pretendo lecionar assim que terminar a pós-graduação.

— Está feliz? — a pergunta soa genuína, sorrio.

— Sim — assinto. — E você?

— Acho que sim. A vida é tão corrida, frenética e raramente me faço essa pergunta.

— Você se tornou um brilhante cardiologista. — Pontuo, copiando a sua postura e colocando as mãos nos bolsos. — Brian tem muito orgulho de você.

— Ele é um grande cara. — Seus olhos se acedem ao dizer isso. — Mas estou longe de ser um cardiologista brilhante, talvez em quinze ou vinte anos.

— Tenho certeza que está sendo apenas modesto. — Eu brinco, tentando ignorar quando o meu coração bate erráticamente.

Eu deveria apenas lhe pedir para parar de me olhar dessa forma e sair do quarto de uma vez. Ou para examinar meus batimentos acelerados, que só se acelerariam ainda mais se Calleb chegasse mais perto.

Um silêncio estranho, mas agradável se instala entre nós dois. Trocamos olhares e eu tento decifrar o que os seus significam. Calleb nunca foi alguém fácil de se ler. Agora adulto ele me parece ainda mais enigmático. Abro ligeiramente a boca, sem saber ao certo o que deve dizer. No mesmo instante o seu celular vibra no bolso interno do casaco aberto.

— Só um minuto. — Ele pede, levantando o indicador para mim e saindo do quarto no instante seguinte.

Pronto, posso respirar. É o que penso, soltando o ar preso em meus pulmões e me jogando na cama às minhas costas. Fico sentada por um segundo ou dois somente, porque Calleb volta a entrar no quarto, repleto de pressa. Fico em pé com a mesma rapidez.

— Preciso voltar ao hospital — anuncia, esfregando os olhos em um gesto de cansaço. — Um paciente recém operado teve uma piora...

— Eu compreendo — corto a sua explicação, tocando o seu antebraço. O gesto queima os meus dedos enluvados e não entendo como o calor pode ultrapassar o tecido desse jeito. — Não se preocupe comigo, faça o que precisa ser feito.

— Você ficará bem? — ele me sonda.

Se eu disser que não você ficará aqui comigo?
Não, péssima ideia. Vá embora!

— Claro, não precisa ser a minha babá, se foi isso o que Brian te pediu.

— Não, ele não me pediu. — Seu olhar é penetrante. — Eu só quero ser um bom anfitrião.

— Não se esforce demais. — Eu sussurro.

— O quê?

— Disse que pode ficar em paz. — Digo um pouco mais alto. — Pode ir.

— Eu volto assim que puder. — Promete quebrando o seu contato. — Coma o que quiser, embora não seja muita coisa... acho que precisamos ir ao mercado.

— Nós dois? — pergunto feito boba, correndo atrás dele no corredor.

— Nós dois. — Ele ri, recolhendo as chaves do carro que havia deixado no aparador ao lado da porta. — Não quer conhecer os mercados de Denver, Bree? Eles são fascinantes.

— Pode ser. — Rio também.

— Te vejo em breve. — Nossos olhos se cruzam mais uma vez. — Sinta-se em casa.

— Obrigada, Calleb! — balbucio quando a porta se abre e ele passa por ela. Seu nome parece derreter em minha língua e eu torço para que ele não perceba.

Um último sorriso e ele se vai, fechando a porta atrás de si.

Me vejo sozinha em sua sala, seu apartamento, seu lar.

Minha mente parece se esforçar além do normal para absorver os acontecimentos das últimas horas.



São duas e meia da manhã e Calleb ainda não retornou para casa. Eu tomei um longo banho e dormi por algumas horas, recuperando-me parcialmente de todo o cansaço.

Então acordei em um sobressalto, sem saber onde estava e isso me apavorou demais. Foram necessários alguns minutos com os olhos abertos, direcionados ao teto em gesso, para que eu me situasse realmente.

Todas as lembranças vieram com força: Peter me esquecendo no aeroporto. Peter não estando em casa. Peter sendo um libertino. Brian me censurando por minhas más escolhas. Calleb vindo em meu resgate como um cavaleiro de armadura brilhante que eu nunca o imaginei usando.

Eu tentei dormir novamente, mas foi impossível. Como eu poderia cerrar os olhos e relaxar sabendo onde estou e porque estou?

Então me levantei e perambulei por aí, contendo o desejo insano de espionar o quarto de Calleb e xeretar as suas gavetas. Algo que, se não tivesse a possibilidade iminente de ser pega fazendo, não teria titubeando em fazer.

Mas eu olhei o seu escritório e sua estante com atenção, — e só encontrei livros de medicina — assim como o conteúdo da sua geladeira. Como um bom cardiologista que se prese, Calleb mantém uma alimentação

regrada e saudável, muito diferente da minha; convenhamos. A única coisa que encontrei lá que pudesse me agradar foi uma maçã verde e estou saboreando-a em frente à janela faz alguns minutos.

A neve cai lá fora como uma garoa fina, cobrindo ruas, prédios e tudo o que toca. Passando diante dos meus olhos através do vidro, como um belo véu branco. Está escuro, mas a decoração natalina ao redor, repleta de luzes vermelhas e douradas, ilumina quase todo o espaço que admiro, embasbacada.

Austin costuma sim, nevar no inverno, só não de forma tão constante e bonita. Estou deslumbrada, sentindo-me em uma comédia romântica; ainda que a minha atual situação se encaixe melhor em uma tragicomédia.

Sorrio, encarando a minha maçã mordida e esquecida em minha mão. Eu deveria estar faminta, já que o dia se findou sem que eu fizesse uma única refeição descente; porém o nó em meu estômago preenche quase todo o espaço. Me forço a comer, mordendo a fruta verde e succulenta, no mesmo instante em que ouço o tilintar de chaves e a porta da sala é aberta.

Minha boca está cheia, portanto não posso soltar um suspiro de surpresa, mas meus olhos se arregalam em contrapartida. Calleb caminha pelo hall e logo depois pela sala, deixando as chaves sobre a estante e o seu casaco sobre o encosto do sofá.

Ainda sem me notar sentada no alpendre da janela, ele arregança as mangas e vai para a cozinha. Congelada em meu lugar, mastigo de forma vagarosa, temendo fazer algum barulho.

Ouçó o abrir da geladeira, até mesmo o imagino olhando atentamente o interior dela em busca de algo para comer. Desejo que ele não esteja em busca da última maçã que havia disponível, porque sabemos onde ela está neste instante.

Por fim, acho que Calleb se decide por uma garrafa de água, já que escuto o desenroscar da tampa e o barulho baixo que a ingestão do líquido causa ao ambiente silencioso.

Não sei o que o prende na cozinha, mas ele volta para a sala somente alguns minutos depois, me encontrando ainda estagnada em meu lugar.

— Oi! — ele me saúda, parando no caminho; provavelmente surpreso em me encontrar aqui.

— Hum... olá — balbucio, engolindo em seco.

Eu o vi há pouquíssimo tempo, então, como posso ter me esquecido do quão lindo ele é? Ou a minha insanidade tem atingido níveis inimagináveis ou Calleb tem um tipo de beleza que nunca deixa de te impactar. Apostaria em uma mistura de ambas as coisas.

— Eu te acordei? — ele pergunta. — Ou nem chegou a dormir?

— Dormi por algumas horas, mas acordei há pouco e perdi totalmente o sono.

Ele sorri, retomando a sua caminhada até mim. Passeando os olhos pelo blusão que coloquei para dormir e minhas meias até os joelhos, os dois com estampa de sorvete e cupcake. Posso afirmar que tenho maturidade para algumas coisas, só algumas, mas escolher pijamas e meias não é uma delas. Eu amo coisas fofas e divertidas, e acabo sempre optando por elas quando preciso comprar algo para dormir.

— Espero que o colchão não seja desconfortável — ele diz com um sorriso, o espaço entre nós é quase ínfimo agora. Um simples esticar do seu braço e seria capaz de me tocar.

— Você nunca o testou? — brinco, desejando que a pergunta inocente não me faça corar.

— Não, não testei — responde, roubando a maçã entre os meus dedos e lhe dando uma mordida. — O meu é muito confortável, no entanto.

Ele morde a maçã pela segunda vez, roubando um pedaço ainda maior agora. Não consigo desviar o olhar enquanto o vejo mastigar. *Por que isso é tão fascinante?*

— O colchão é ótimo — afirmo sem muita convicção. Afastando o meu olhar da sua boca e encarando a janela.

Como eu gostaria de abrir esse vidro e receber uma rajada fria de vento no rosto.

— Está preocupada com alguma coisa então?

— Não, só... — volto a encará-lo. — Muitos pensamentos.

— Eu sei bem como é.

Caleb termina de comer a maçã e segura a minha mão, colocando a haste que restou da fruta em minha palma.

Rio, revirando os meus olhos em sua direção e lamento que o seu toque foi tão leve e rápido.

— Como foi no hospital? — pergunto suavemente, tentando não soar de forma invasiva.

— Estressante, complexo e desgastante...

Cada palavra dita foi seguida de um esfregar de olhos cansado. Ele deve estar acordado e em pé há horas, quem sabe um dia inteiro. Sou preguiçosa demais para passar mais de vinte e quatro horas sem dormir, por isso eu jamais seria médica. Claro que não apenas por isso; a simples ideia de cortar pessoas com um bisturi é algo que me apavora.

— Mas conseguiu resolver o problema para o qual foi chamado? — insisto em perguntar. — Espero que tudo tenha ficado bem.

— Na verdade... — seu longo exalar já diz tudo, mas eu retenho minha respiração na espera da sentença completa. — O paciente acabou falecendo, infelizmente.

O lamento muito visível e real em seus olhos, me faz lamentar também. Está aí mais um dos momentos para nunca ter cogitado a medicina como profissão: não sei lidar com a morte. Apenas a possibilidade de encará-la com tanta frequência e tão de perto, me deixa assustada.

— Sinto muito — lamento, por fim. — Deve ter sido muito triste.

— É sempre terrível, não importa quantas vezes aconteça.

— Eu imagino, sinto muito mesmo.

— Isso é inevitável, lidamos com a vida e a morte o tempo todo; nem sempre levamos a melhor. — Seu tom de voz parece querer me consolar quando, na verdade, é o que eu desejo poder fazer com ele.

— Hum... — aperto os lábios em busca de um desvio em nossa conversa. *Novo assunto, novo assunto... por favor, cérebro.*

— Teve notícias da sua amiga? — é Calleb quem muda o assunto.

— Quem? — questiono sem entender.

— Sua amiga. — Ele ri. — Aquela que precisou viajar de repente e te deixou sem lugar para ficar.

Ah, Peter... Claro!

— Ela não deu notícias ainda, mas deve estar bem. — Digo, com desdém mal disfarçado.

Quem se preocupa com Peter agora?

— Você não parece nada preocupada — Calleb pontua em tom zombeteiro.

— Estou um pouquinho — dou risada, usando o polegar e o indicador para mostrar o tamanho da minha preocupação. É ínfima, quase nula.

— Boa amiga você. — Ele debocha em provocação.

— Sou a melhor.

A afirmação o faz rir, me brindando com o som melódico e rico que o meu coração parece tanto adorar. Acho que risos nunca envelhecem, porque a

risada de Calleb soa da mesma forma, exatamente como há dez anos.

Deslizo os meus pés cobertos de meias, do alpendre da janela. Eles tocam o chão e minha coluna se enrijece contra o vidro às minhas costas. Puxo a ponta do meu blusão e deixo os meus dedos descansarem em meus joelhos, na única faixa de pele exposta em meu corpo. Não há nada de indiscreto em minha roupa, mesmo assim me sinto vestida em lingerie de renda e seda. Vulnerável como se estivesse nua.

O olhar de Calleb não me abandona em momento algum, deslizando com quentura sobre mim. Me prendendo ao lugar quando quero correr até o meu quarto e me trancar lá. Era esse o plano, lembra-se? Me esconder, não passar a madrugada conversando como velhos amigos fazem. Nem somos velhos amigos...

— Acho que vou para o quarto. — Murmuro depois de uma infinidade de tempo e olhares. — Está tão tarde, eu provavelmente ficarei com péssimos hábitos de sono enquanto estou aqui.

Ele sorri, mas nada diz. Espalmo minha mão no alpendre e fico em pé, tão pequena perto dele. Meus dedos coçam para ajeitar o colarinho torto em sua camisa. Ou quem sabe para deslizar os botões abertos e tocar a pele do seu peito.

É um pensamento aleatório que nem sei de onde vem, um desejo inconsequente que nem deveria existir.

Eu atribuo tudo isso ao fato de ter sido apaixonada por Calleb em um momento tão marcante da vida de uma garota. Uma época em que ele me olhava de um jeito que partia o meu coração, mas agora parece ser capaz de consertá-lo apenas com um olhar.

Isso é perigoso, não é? Alguém, por favor, diga ao meu cérebro que sim.

— Boa noite, então. — Digo, passando por ele. — Você deve estar exausto, vá dormir também.

— Claro, eu irei. — Afirma, passeando os dedos pelo cabelo já bagunçado. Imagino quantas vezes deve ter repetido esse mesmo gesto ao longo da noite; infinitas. — Quer fazer algo amanhã? Não estarei de plantão.

— Como o quê? — pergunto, meio interessada meio receosa.

— Eu não sei... café da manhã especial, almoço ou um passeio turístico.

— Você seria o meu guia?

— Por que não? — ele questiona e meus ombros se encolhem em resposta.

— Não se sinta na obrigação... — começo a falar, mas ele me corta dando um leve puxão no cordão de ajuste do meu blusão.

— Você é sempre tão desconfiada? — ele me sonda.

Se ele soubesse o quão imprudente costumo ser em algumas ocasiões, essa pergunta nem seria necessária.

— Eu deveria ser mais, na verdade.

— Claro que um pouco de cautela é sempre bom, mas não precisa ficar tão defensiva comigo, Bree.

— Eu não estou — exaspero, fingindo que a afirmação me ofende.

— Está.

— Eu só não quero incomodá-lo, além do que já fiz.

— Não estou incomodado — ele sorri. — Eu pareço incomodado?

— Não. — Respondo a contragosto. — Não parece.

— Então vamos sair amanhã.

— Se você faz tanta questão... — concordo, me segurando para não desviar o olhar ou revirar os olhos.

— Você é engraçada! — exclama, soltando a ponta do cordão para tocar o meu rosto.

É um toque sutil e despretensioso, mas é óbvio que me atinge de outra forma. Deslizo sutilmente para longe do seu alcance, voltando a caminhar até o quarto.

— É, eu me esforço. — Digo antes de ganhar o corredor e deixa-lo para trás. Ouço a sua risada assim que alcanço a maçaneta.

Fecho a porta do quarto e sento-me na beirada da cama, abrindo a mão e encontrando a haste da maçã que Calleb colou em minha palma; então sorrio feito boba.



Acordo às dez na manhã seguinte. Levando-se em conta o quanto demorei para retomar o sono após a minha conversa com Calleb, imaginei que fosse passar o dia na cama.

Me levanto, sem tanto ânimo, espiando através da porta entreaberta, temendo cruzar com o meu anfitrião enquanto caminho até o banheiro. O que não acontece, para a minha sorte.

Volto para o quarto após um banho rápido e ainda de toalha, abro as cortinas para espreitar o clima do lado de fora. Ainda neva, provavelmente tenha nevado toda a madrugada, já que o gelo cobrindo as ruas parece mais denso agora.

A previsão do tempo mostra que quase nada irá mudar nos próximos dias e teremos neve em abundância. Por um instante desejo que Peter seja soterrado por ela. Aquele descarado ainda não fez contato e eu duvido que volte a fazer. Ainda oscilo entre querer ouvir uma explicação sua ou em nunca mais voltar a saber dele.

Não tenho certeza de nada e a culpa é de Calleb Callaham e não de

Peter. Porque o dono deste apartamento me fez duvidar de todos os sentimentos que jurava nutrir pelo meu namorado virtual.

Ex-namorado virtual, é o mais provável.

Puxo as cortinas outra vez e coloco minha mala sobre a cama, procurando algo para vestir. Saio do quarto vinte minutos depois, porque não conseguia decidir o que usar. Tanta indecisão para acabar me vestindo da forma mais usual possível: jeans claro e suéter rosa.

Meus pés, cobertos por meias e dentro de chinelos de pelúcia quentinhos, caminham pelo corredor em direção à cozinha. As cortinas da sala já estão abertas, trazendo a luminosidade do dia através da grande janela.

Calleb está acordado e eu o encontro na cozinha, sentado em frente a ilha ao centro. Com fones de ouvido, um notebook diante dele e uma caneca de café a seu lado.

Hoje ele trocou a camisa social por uma camiseta cinza, em algodão e com mangas curtas. Suas pernas cobertas com jeans escuros são visíveis para mim, além dos seus pés descalços. Nunca imaginei que pés pudessem ser sexy, mas os de Calleb são.

Ele não me nota de imediato, muito absorto à tela do computador. Ando pela cozinha, parando em frente à pia onde a cafeteira está. Aspiro o cheiro bem-vindo do café recém-coado, neste instante os olhos de Calleb se erguem e encontram os meus.

Ele sorri e eu retribuo, e as borboletas em meu estômago acham que esse é o momento perfeito para despertarem.

— Bom dia! — exclamo, com uma mecha do meu cabelo ainda molhado, entre os dedos.

— Bom dia, Bree! — Calleb retribui, passeando os olhos sobre mim com lentidão enquanto tira seus fones de ouvido. — Gostei do suéter.

Olho para a pequena lhama azul em versão *kawaii* estampada no centro do meu suéter e solto uma risadinha boba.

— Obrigada... é fofinho, não acha?

— Assim como você. — Ele pontua com um riso breve.

— Isso é um elogio? — pergunto com desconfiança.

— Claro, o melhor deles.

— Hum, não tenho tanta certeza.

Ele sustenta o seu sorriso, enquanto seus olhos brilham para mim com a mais genuína diversão e alegria.

— Dormiu bem? — ele questiona.

— Sim — exalo, descansando o meu quadril no balcão da pia. — E você?

— Sim, o suficiente para descansar.

— Você não dorme muito, — pondero. — Achei que fosse acordar após o meio-dia.

— Sou um médico e não estou acostumando com longas horas de sono — ele explica, fechando o notebook e arrastando o banquinho para trás. — Nem posso acostumar o meu corpo a dormir demais.

— Isso é uma lastima — assobio. — Eu amo dormir.

— É, eu percebi — diz, sorrindo de lado.

— Ei, eu não dormi demais — me defendo enquanto ele fica em pé e anda até mim com sua caneca na mão.

— Eu não disse isso, disse? Voltamos à defensiva outra vez, Bree?

— Você me chamou de dorminhoca. — Refuto, prendendo o ar quando ele fica a centímetros de mim e estica o braço para pegar algo no armário sobre a minha cabeça.

É uma caneca para mim. Em silêncio eu o observo enchê-la de café

fumegante e aromático e me entregá-la em seguida.

— Dorminhoca é ofensa para você? — ele me questiona por fim, apontando para o açúcar sobre a pia e a caixinha de leite ao lado.

— Soa como se eu fosse preguiçosa — dou risada ao dizer, colocando uma quantidade generosa de açúcar em meu café.

A forma como as sobrancelhas de Calleb se franzem enquanto me vê fazendo isso, deixa claro que ele prefere o seu café sem açúcar. Que horror!

— Você está de férias, pode ser preguiçosa o quanto quiser.

Suspiro, soprando a fumaça em minha caneca em sua direção. Bebo o meu café em silêncio, Calleb reabastece a sua caneca e faz o mesmo, apoiando o corpo no espaço da pia ao meu lado.

— Seria indelicado se eu dissesse que estou morrendo de fome? — pergunto, após longos minutos em silêncio.

Ele dá risada, seu corpo se sacudindo levemente com diversão. Sua mão desliza sobre a borda da pia e toca o meu braço. Como se eu fosse uma garota de quinze anos, talvez menos, sinto um frio na barriga.

— Indelicado ou não, você acabou de dizer.

— Eu não disse, eu perguntei.

— Está mesmo morrendo de fome? — ele me sonda.

— Faminta — respondo, pousando minha caneta na pia e girando o meu corpo para ele. — Um médico não pode comer nada além de iogurte natural e frutas?

— Andou espiando a minha geladeira?

— Foi necessário... — encolho os ombros. — Então, você pode comer

algum carboidrato?

— Não sei, preciso verificar o meu manual. — Ele brinca, indo até o armário e espionando o seu conteúdo.

Termino de beber o café em minha caneca e me sirvo uma segunda vez, ainda observando Calleb correr ao redor.

Em minutos ele coloca algumas fatias de pão para aquecer na torradeira sobre o balcão. Levando o notebook para a sala, ele me convida a ocupar o lugar vago por ele há pouco. Sento-me meneando a cabeça em agradecimento, apertando a caneca entre as mãos enquanto espero.

O cheiro de pão torrado e manteiga derretida me faz salivar, percebendo o quanto o meu corpo anseia por carboidratos.

Quem pode viver sem eles? Provavelmente só Calleb possa.

Quando ele coloca à minha frente um prato com duas torradas cobertas de geleia e queijo, não posso evitar suspirar de alegria.

No entanto, segundos depois, um olhar mais minucioso me atenta para um detalhe.

— Ei, isso é queijo brie? — indago, sem ser capaz de ocultar o espanto em meu tom.

Remexo no queijo sobre a geleia vermelha, levantando os meus olhos do prato enquanto espero uma resposta de Calleb.

— Hum — ele se agita, abrindo a geladeira para ler a embalagem do queijo. — É sim.

Entre uma lufada de ar e outra, alterno os meus olhos entre Calleb e a embalagem em sua mão.

— Por quê? — ele soa preocupado. — Você é alérgica?

— Não — refuto como se cuspsse a palavra monossilábica. — Só achei irônico mesmo.

— Irônico? — suas sobrancelhas arqueiam em confusão. — Por quê?

Por quê? Exaspero mentalmente, mas como não tenho mais doze anos, rio como se a ironia fosse uma piada engraçada.

— Porque você me chamava de queijo *brie*, às vezes. — Explico calmamente, comprimindo os lábios por um instante. — Só achei surpreendente que dentre tantos queijos existentes, você escolheu logo este para me servir.

— Foi presente de um amigo. — Calleb murmura ao fechar a geladeira e se colocando em um ângulo no qual possa manter os olhos em mim. — Acredite ou não, eu não me lembrava disso, Bree.

— Está bem, isso foi há muito tempo.

— Eu acho que costumava ser um tanto imbecil àquela época. — Ele admite, com um sorriso envergonhado. — Eu te intimidava às vezes, não é?

Às vezes? Mais frequentemente que isso, meu bem!

— Bem... — mordo os lábios, me remexendo em minha cadeira. — Você não era esse doce de rapaz que é agora.

— Doce de rapaz? — ele acha graça.

— Figura de linguagem, Calleb.

— Você me acha um doce agora?

— Por enquanto — reviro os olhos, mas não deixo de sorrir. — O tempo te fez bem. Você tem sido de uma gentileza extrema até então, mas só se passaram algumas horas...

— Eu sou exatamente assim. — Ele afirma e acredito cem por cento na sinceridade em sua voz. — Não importa se fui um imbecil um dia, não sou mais.

— Nós éramos crianças, isso é passado.

— Você era uma criança. — Diz, apontando um dos dedos para mim. — Eu era um adolescente e fiz coisas idiotas, algumas você nem mesmo imagina. Mas eu cresci e tenho orgulho em dizer que absorvi somente as coisas boas.

— Claro, eu entendo. — Sussurro, finalmente mordendo a torrada. Já está fria, mas ainda assim é pão com queijo e geleia; essa combinação jamais ficará ruim.

— Isso claramente te marcou de alguma forma — ele pontua, me escrutinando com olhos mais que atentos.

— Não da forma como parece — digo, tentando aliviar as coisas. — Eu só me perguntava se cheirava a queijo, isso é muito importante para uma garota.

Ele comprime os lábios para conter o riso, o que após alguns segundos não é capaz de evitar. Ignoro a sua gargalhada, voltando a morder a minha torrada. Leva duas grandes mordidas minhas, até que Calleb volte a se recompor.

— Eu sinto muito — diz, esfregando os olhos. — Você nunca cheirou a queijo, Bree.

— Muito obrigada por elucidar. Agora eu sei disso.

— Sinto muito, realmente — ele insiste, ainda com resquícios de riso em suas palavras.

— Calleb, está tudo bem — afirmo, me forçando a rir para tornar minhas palavras críveis.

Acho que não consigo, porque ele se cala. Talvez por enxergar em meus olhos que a sua intimidação pode ter sido apenas uma tolice para ele, mas significou muito para mim àquela época. Porque eu enxergava Calleb

como uma estrela distante, um ídolo por quem eu desejava ser notada e querida.

— Isso não justifica e por favor, não pense que estou tentando amenizar o que eu te fiz, mas naquele último ano eu estava passando por uma fase difícil em casa. — Ele conta, me olhando fixamente. De uma forma que me prende por completo dentro do seu olhar. — Foi nesta época que minha mãe adoeceu pela primeira vez e ela e meu pai já viviam uma crise conjugal há tempos. O divórcio veio logo após a nossa mudança de Louisiana.

Assinto em silêncio, lhe dando liberdade para prosseguir ou se calar; caso seja o seu desejo.

— Foram sete anos lutando contra essa doença terrível. — Ele continua. — Minha mãe nunca perdeu a esperança, mas depois de um tempo; eu sim. Foram várias remissões, mas o câncer sempre voltava, às vezes mais agressivo.

— Sinto muito — respiro, deixando minhas mãos caírem em meu colo. — Nem posso mensurar o quão doloroso deve ter sido.

— Mais desgastante do que a morte em si, é vê-la espreitando ao redor durante tanto tempo, sem saber quando será a última vez.

— Sua mãe era uma boa mulher — sinto-me na obrigação de dizer. — Me recordo vagamente dela, mas me lembro do seu sorriso.

— Eu também — Calleb concorda, baixando os olhos. — Era o sorriso mais lindo de todos, inesquecível, eu diria.

— E eu me lembro também que ela dava os melhores doces de Halloween em toda a rua... balas de caramelo e chocolate com amendoim. — Suspiro com a lembrança, quase conseguindo sentir o gosto dos doces em minha língua.

— Eram os seus favoritos, então ela comprava uma quantidade obscena no Halloween — ele ri ao recordar, ainda encarando os próprios pés. — Era

apenas uma desculpa para sobrar doces para o resto do ano, já que havia poucas crianças em nossa rua.

— Eu não afirmaria isso, porque eu mesma já bati em sua porta três vezes em uma única noite — sacudo a cabeça ao contar, uma pontada de nostalgia me atingindo em cheio. — Juro, eu me recordo de um ano em que tentei convencer minha mãe a me comprar duas fantasias diferentes. Isso só para poder ganhar mais doce da sua mãe.

Ele finalmente retorna os olhos para mim, sorrindo de uma forma que derrete o meu coração por inteiro. Não deveria ser assim, essa conversa começou por causa de um queijo e da lembrança de como ele não me tratava bem na adolescência. Agora estou com o coração partido porque Calleb perdeu sua mãe. Uma mãe, que evidente, amava demais.

— Ela teria lhe dado os doces com o maior prazer. — Ele diz. — Bastava ter pedido, Bree.

— Eu sei, mas eu era boba demais para pensar em algo tão simples — pisco para ele, me concentrando em terminar de comer.

A essa altura nem fome tenho mais, mas é bom manter a boca e os olhos ocupados. Calleb anda por aí enquanto mastigo, sem levantar a minha cabeça como se a estampa em meu prato fosse a coisa mais interessante no momento.

Quando termino de comer levo o prato e caneca até a pia, gastando algum tempo para deixá-los limpos.

O tempo todo sinto o calor do olhar de Calleb vindo da sala em minha direção e quando não posso mais protelar de forma alguma, vou até ele.

— Ainda quer sair hoje? — eu pergunto, parando ao lado do sofá.

— Você me perdoa? — ele me inquires de um jeito amistoso, como se o meu perdão fosse de fato importante.

Quero morder minha língua por ter trazido o assunto à toa. Provavelmente o meu lamento tenha soado muito imaturo após tanto tempo.

— Por me chamar de queijo brie? — debocho. — Ou por ter me feito acreditar que eu cheirava a queijo.

— Os dois — sua risada me contagia.

— Claro, está perdoado! — exclamo. — Brian já me disse coisas piores.

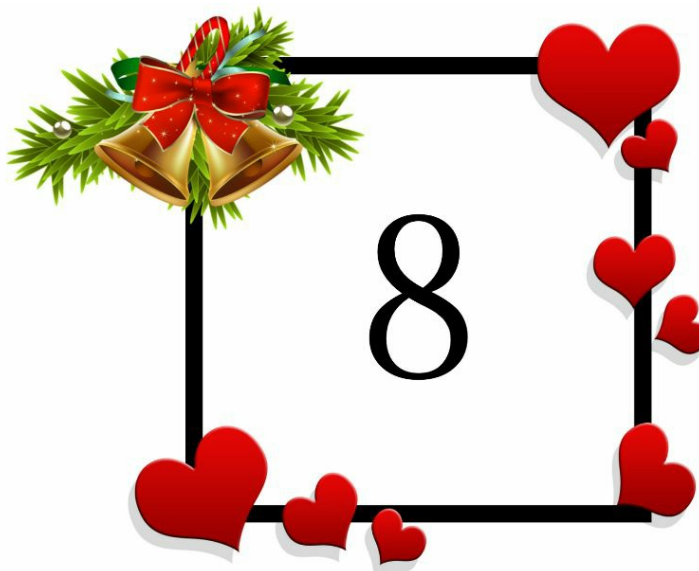
— Ele pode ser bem criativo quando se esforça.

— Nem me fale. — Suspiro dramaticamente.

— Bem, se estou perdoado — Calleb diz, digitando algo em seu celular. — Irei adorar te mostrar um pouco de Denver.

— E eu irei adorar conhecer um pouco de Denver. — Sorrio de orelha a orelha.

Graças a Deus que ele não pode me ver porque está concentrado na mensagem em seu celular.



A neve dá uma ligeira trégua após o meio-dia e no momento em que decidimos sair de casa, os flocos de gelo caem de forma fina e espaçada.

Ainda assim, me coloco dentro do meu casaco mais quente; um sobretudo em tweed, azul marinho. Eu esperei meses para poder usá-lo, desde que o comprei em uma liquidação de inverno no começo do ano. É uma peça bem feminina e delicada, com botões em formato de rosas e um cinto ajustável, em um material mais fino.

Antes de voltar para a sala e encontrar Calleb, calço minhas luvas e enroscro o meu cachecol no pescoço. Deixando o meu gorro de lã pender entre os dedos, ajeito os fios do meu cabelo com primazia e então o visto também.

Não há espelhos no quarto, então só sou capaz de vislumbrar a minha imagem quando paro em frente à janela espelhada da sala.

Eu amo o inverno e amo ainda mais a forma como as pessoas se vestem nesta época. Sorrio para o meu reflexo, parando em frente à janela e girando ao redor com as mãos nos bolsos.

— Você está linda! — Calleb me diz, vindo da cozinha.

Minhas bochechas se aquecem, mas me mantenho sorrindo ao admirá-

lo também. Ele continua com o mesmo jeans, mas colocou um suéter fechado no lugar da camiseta que usava há pouco. O mesmo casaco de ontem o espera sobre o sofá, acompanhado de um par de luvas.

— Obrigada — agradeço, me afastando da janela. — Gostei do seu suéter também.

— Mesmo que ele não tenha estampa de animais fofos?

— Mesmo assim... além do mais, acho que você não combina com estampas de animais fofos.

— Acha realmente isso? — ele pergunta.

— Sim, eu acho. — Afirmo, guardando o meu celular no bolso frontal do meu casaco.

— Bem, você está certa, eu odeio coisas extravagantes. — Ele diz, recolhendo o seu casaco.

— Eu também não gosto — murmuro enquanto seus olhos se estreitam para mim. Então completo: — Eu gosto de coisas fofas, não extravagantes.

— Há uma diferença? — ele sonda ao vestir o seu casaco e recolher o celular e as chaves sobre a estante.

— Muitas... muitas diferenças.

— Se você diz — ele se diverte. — Pronta para ir?

— Prontíssima. — Murmuro, já andando até a porta.

Caleb me segue, fechando o apartamento enquanto chamo o elevador. Ele chega em seguida e de forma muito rápida, estamos andando pela garagem.

Caleb aciona o alarme do carro à distância e assim que o alcançamos, abre a porta do passageiro para mim. É inevitável não sorrir para a sua

gentileza, mal acreditando que esse homem é o mesmo garoto que por anos intitulei de “Filho de Lúcifer”.

A faculdade de medicina, a morte da mãe, os anos de amadurecimento... eu não sei o que de fato foi, mas Calleb agora é mais anjo que demônio. Digo isso porque o seu sorriso às vezes parece tentador demais para ser angelical.

— Onde nós vamos? — pergunto assim que o carro começa a ganhar as ruas de Denver.

— Imagino que esse seja o momento ideal para lhe dizer que não conheço tão bem a cidade — Calleb me diz.

A neve desliza pelo para-brisa de forma lenta, ainda assim se acumula no vidro e precisa ser limpa a cada minuto. Meus olhos estão fixos à estrada a nossa frente, tão atentos quanto os olhos de Calleb devem estar também.

— Como isso é possível, Calleb? Você mora aqui há três anos.

— Eu trabalho a maior parte do tempo e quando não estou no hospital, prefiro dormir ou ficar em casa.

— Então você mentiu sobre ser o meu guia? — gracejo, com os olhos ainda fixos a neve.

— Não foi uma mentira, de fato... — ele murmura. — Aliás, você deduziu que eu seria o seu guia. Apenas te convidei para sair.

— Você concordou quando eu perguntei se seria meu guia — rio, agora encarando-o enquanto dirige.

— Ok, então me desculpe — ele também ri. — Só me diga aonde quer ir e eu a levarei até lá.

— Como posso saber? Eu não conheço Denver.

— Você e sua amiga não fizeram planos?

Amiga?

Não balbucio nada, mas olho para ele com a confusão estampada em meu rosto. Meu cérebro é lento demais para sustentar uma mentira por tanto tempo. Não tardará até que eu solte alguma pérola sobre Peter.

— Não... — tusso sem jeito, tentando disfarçar a demora em entender a pergunta tão simples. — Nós não fizemos. Acho que só gastaríamos o tempo assistindo tevê ou...

Ou, o quê?

Eu achava que essa seria uma viagem romântica. Um divisor de águas para uma relação virtual que julgava perfeita. Não posso dizer isso ao Calleb.

— Ou... — Calleb me instiga.

— Ou teríamos ido ao shopping. — Respondo, sem pensar muito. — Conhecer o Papai Noel ou algo do tipo.

— O Papai Noel? — ele se diverte, o tom de deboche muito latente em sua pergunta. — Quantos anos você tem? Achei que fosse vinte e dois.

— O quê? Qual o problema? — exaspero em minha defesa. — Papai Noel é uma figura atemporal, posso ser adulta e gostar dele.

— Se você diz...

— Pare de ser um idiota, você está se comportando como o meu irmão.

— Não precisa me ofender assim — Calleb diz, sorrindo em minha direção por um ínfimo de segundo. — Por mim tudo bem, podemos conhecer o Papai Noel, Bree.

— Eu não disse que quero conhecer o Papai Noel, Calleb — me defendo, sem conter uma risada. — Disse que eu e a minha amiga...

Paro para fazer aspas no ar e ganhar um pouco de fôlego também.

Como os homens são capazes de nos irritar com tamanha facilidade eu ainda não entendo.

— Talvez fossemos até o shopping para conhecer o Papai Noel. — Completo, segundos depois.

Retiro o meu gorro de lã cinza e o deixo descansar em minhas coxas enquanto mexo em meu cabelo, concentrando o meu olhar novamente no para-brisa.

— Você lhe pediria um presente? — Calleb me questiona, depois de ter passado os últimos minutos rindo de mim.

— Para quem? — pergunto com inocência, porque sou tola o suficiente para isso.

— Papai Noel. — É a sua resposta mais que óbvia. — Escreveu sua cartinha para ele?

— Eu pensei em escrever, mas acho que não fui uma menina tão boa esse ano. — Desdenho em um tom provocativo. — O que você acha?

Seu sorriso não se abala um único segundo, na verdade, posso jurar que se torna ainda mais divertido e cheio de zombaria. Quando paramos no primeiro semáforo vermelho desde que saímos de casa, é que ele me encara e responde:

— Eu não sei, precisaria analisar de uma forma mais minuciosa. Mas você parece boa o suficiente para mim, Bree.

Engulo em seco quando sinto uma revoada de borboletas em minha barriga. Essa é a primeira vez que Calleb flerta abertamente comigo. Tenho certeza que foi exatamente isso o que acabou de acontecer aqui.

Não, o seu olhar aquecido não foi algo aleatório. A forma como ele me disse cada uma das palavras, também não.

Oh, Deus... eu posso morrer neste instante. Mas não quero, porque o que mais pode acontecer se eu continuar viva e flertando com a minha paixão

de infância e adolescência?

— Então eu mereço um bom presente — balbucio com a boca ainda seca.

— Claro que merece. — Ele assente, colocando o carro em movimento outra vez. — O que quer ganhar?

Da forma mais clichê penso: *Você*. Como Mariah Carey e sua música natalina.

— Eu não sei — me engasgo com o meu riso nervoso, perdendo toda a confiança que pensei ter há pouco. — Não pensei a respeito... por quê? Vai me dar um presente?

— Talvez — ele sorri de lado.

Jesus, esse homem é mais lindo do que deveria ser permitido.

— Isso não é necessário, Calleb.

— Acho que é o mínimo que posso fazer depois de tudo o que te causei, Bree.

— Você não me causou nada — rio alto. — Até soa como se tivesse arruinado a minha vida.

— Eu te fiz acreditar que cheirava a queijo — ele pontua, o seu riso se juntando ao meu.

— Isso foi até eu ter o meu primeiro namorado e ele me dizer que eu cheirava a morangos. — Conto e quando ele silenciosamente parece esperar uma explicação, completo: — Por causa do shampoo... meu cabelo cheirava a morangos.

— Agora cheira a mel. — Ele pontua de uma forma carinhosa. Graças a Deus por estar sentada, minhas pernas fraquejaram agora. Muito, realmente.

— Eu mudei o shampoo — explico em um sussurro baixo. — Não gosto de usar o mesmo por muito tempo.

— E o seu perfume — diz, passando a língua pela costura em seus lábios. — É doce... como baunilha ou caramelo, e tem algo floral também.

— *Candy Sugar* — sussurro, tentando aspirar o perfume em minha pele ou roupas. Agora preocupada com a quantidade que borrifei antes de sair. — Você gosta?

— Não há nada em você que eu não goste, Bree... nada.

Se a intenção de Calleb foi me deixar sem palavras, bem, ele teve muito êxito. Mordo a minha bochecha para que um sorriso sem controle não se desenhe em meus lábios. Providencialmente, passamos por um túnel escuro e a luz do dia se extingue por alguns segundos.

Minha respiração está densa e me obrigo a normalizá-la antes de sairmos do túnel. Graças a Deus, consigo. Quando volto a olhar para Calleb, sorrio sem tremores, embora por dentro esteja uma bagunça.

É minha a iniciativa de levar a conversa para assuntos banais e é neles que nos concentramos pela próxima hora. Quando Calleb finalmente estaciona, mal posso acreditar que poderei descer e esticar as minhas pernas.

— Onde estamos? — pergunto, encarando as montanhas nevadas à frente.

— Frisco, é uma pequena vila nas montanhas do Colorado. — Ele elucida, destravando o cinto.

— Achei que não conhecesse a cidade! — exclamo, maravilhada com a vista da minha janela.

— Tecnicamente não estamos mais em Denver.

— Mesmo assim. — Sorrio, destravando o meu cinto também. — Como conhece esse lugar? Já estive aqui muitas vezes?

— Apenas uma — ele também sorri. — Para o casamento de um colega do hospital.

Sim, olhando ao redor é fácil perceber que esse seria o cenário perfeito para um casamento. Tão romântico e especial.

Caleb desce do carro e dando a volta nele, abre a minha porta em seguida. Aspiro o ar gélido, sentindo instantaneamente a neve tocar o meu rosto. Está muito frio aqui, mas é algo a ser ignorando quando se olha para todo o resto.

Fecho a porta do carro e piso cuidadosamente sobre a neve no chão, minhas botas tocando uma camada grossa de gelo. Estamos no estacionamento de um grande chalé clássico que abriga um restaurante de caldos e tortas. Ao menos é o que a placa bem visível diz aos visitantes. Às nossas costas duas montanhas não muito altas, mas ainda assim meus olhos não podem enxergar além delas.

— Podemos fazer uma guerra de bolas de neve depois? — pergunto a Caleb quando a ideia surge em minha mente.

— Guerra de bolas de neve? — ele refuta um tanto surpreso, mas também desconfiado.

— É... — encolho os ombros, meio envergonhada.

Papai Noel... Guerra de bolas de neve... Suéter e pijama com estampas infantis... Parabéns, Bree, está arruinando sua imagem sem esforço algum. Na verdade, isso parece ser um dom natural.

— Eu sou um cirurgião — ele me lembra. — Sabe quantas vidas essas mãos já salvaram?

Meu rosto está pegando fogo e a neve caindo não faz nada para abrasar o meu embaraço.

— Eu... — balbucio, mas sou incapaz de formar uma frase coerente.

— Seria terrível se eu machucasse a mão ou quebrasse um dedo. — Ele continua, sério. — Não posso me arriscar com coisas tolas como guerra de bolas de neve.

Assinto, mortalmente envergonhada. Passo por ele antes que chore porque devo estar com as emoções à flor da pele. No entanto, mal dou três passos e uma bola de neve me atinge em cheio nas costas. O ar fica preso em meus pulmões e eu estoico em meu lugar, é então que outra bola atinge a minha nuca. Giro o meu corpo, perplexa, e uma nova bola atinge a minha cabeça.

Nenhum dos golpes teve força, a neve fofa apenas se desfez ao se chocar com minha pele de forma leve.

Caleb está a um metro de mim, o carro praticamente nos separando. Ele ri alto, recolhendo mais neve do chão e formando uma bola com as mãos.

— Ahhh, seu mentiroso — rosno, levando um segundo para perceber que devo reagir.

Me abaixo para recolher a neve também e neste instante uma bola passa sobre mim. Quando sinto que compactei a neve o suficiente, fico em pé e atiro a bola em Caleb. Uso mais força do que ele usou comigo, mas estou buscando vingança. A bola atinge o seu ombro e nem mesmo o faz vacilar em seu lugar.

Ele contra-ataca, não desvio rápido o bastante e sou atingida na barriga. Balanço a cabeça e trago o indicador e o dedo médio até os olhos e aponto para ele em seguida.

— Isso é uma guerra então? — questiono, buscando mais neve.

— Era o que você queria. — Ele mal consegue balbuciar enquanto tem um ataque de risos.

— Ok, se prepare. — Ameaço, mas recebo um golpe nas costas outra vez.

Caleb tem um arsenal bem maior que o meu. Ele é mais ágil, suas mãos são maiores e ele consegue produzir bolas de neve com mais rapidez.

Pensando nisso, eu me ajoelho atrás do carro e produzo meu estoque de bolas antes de voltar à batalha.

Fico exultante quando consigo atingi-lo duas vezes seguidas. Não importa que ele nem sinta o meu golpe, estou começando a ganhar alguma vantagem.

Começo a rir, ofegante, enquanto corremos ao redor e jogamos neve um no outro. No último minuto acertei todos os meus tiros, deixando o cabelo escuro de Calleb, coberto da mais branca neve.

De repente somos duas crianças competitivas e cheias de energia. Nossas risadas se encontram e se confundem, tornando-se apenas um som alegre.

— Você é muito competitiva, Bree... — Calleb ofega ao dizer. — Não conhecia esse seu lado.

Apenas sorrio, porque eu também não conhecia esse meu lado. Nunca fui competitiva, mas quero acertar Calleb e derrubá-lo sobre a neve. *Talvez montar sobre ele...* recebo um golpe no meio da testa quando me distraio como esse pensamento que não sei de onde veio.

— Ei, no meu rosto não. — Grito, correndo na direção contrária à sua.

— Desculpe! — ele lamenta sem um pinga de culpa, correndo atrás de mim.

Tento ser rápida o bastante, porque agora ele parece não estar me dando nenhuma vantagem. Corro sem me importar com as bolas de neve mais, apenas preocupada em fugir de Calleb.

Mas quando, por um segundo, meus olhos se fecham e minhas pernas falham; sou enlaçada pela cintura. Um braço forte interrompe a minha corrida, fazendo com que o meu corpo se choque com o peito de Calleb.

Me mantenho rindo enquanto o meu cabelo escapa todo da toca e cai sobre o meu rosto em uma cascata. Eu me preparo para ser jogada na neve fofa sob os nossos pés ou algo pior, mas nada acontece. A respiração forte de Calleb soa em meu ouvido enquanto ele me mantém presa a ele.

Eventualmente o nosso riso cessa e nossas respirações se acalmam. Neste instante Calleb gira o meu corpo e nossos olhos se encontram, sua mão

ainda em minha cintura. Um aperto que parece forte, mas suave ao mesmo tempo.

Eu não sei o que dizer no ínfimo de segundo em que acho que serei beijada por ele. O frio em minha barriga é imenso, ocupando um grande espaço. Sua mão se estica e seus dedos resvalam sobre a pele do meu rosto, afastando os fios teimosos que cobrem os meus olhos. Então ele beija a minha testa... *a minha testa*.

— Vamos comer. — Ele anuncia, agarrando a minha mão e me guiando até o restaurante mais à frente.

Eu o sigo sem saber realmente o que acabou de acontecer, mas uma coisa é certa: ainda desejo aquele beijo...



Hoje é o meu quarto dia em Denver e tudo em que posso pensar é no quanto gostaria de ter mais tempo aqui.

Também é véspera de natal e mais um dia em que Peter não fez nenhum contato. A terceira informação nem é tão importante, confesso. Arrebatada por toda a minha convivência com Calleb, pensar em Peter é a última coisa que faço ao final do meu dia. E quando o faço, leva apenas os segundos necessários para checar as minhas mensagens de texto e voz.

O libertino realmente sumiu. Mas tudo bem, essa é uma página praticamente virada em minha vida.

É fim de tarde quando ando pelo apartamento de Calleb, planejando algo especial para a nossa noite. Ele está no hospital agora e de acordo com o bilhete que deixou colado em sua geladeira, só voltará após às oito.

Eu adoro o fato de que Calleb me escreve pequenos bilhetes sempre que precisa sair para o trabalho ou se trancar em seu escritório para estudar. Quase não sou capaz de decifrá-los, isso é verdade, — a lenda sobre a letra dos médicos é real — mas eu aprecio a gentileza, o carinho.

Sim, Calleb Callaham é esse tipo de cara.

Aquele que espalha bilhetinhos pela casa e te traz um doce quando volta do trabalho. O cara que pergunta como foi o seu dia e se senta enquanto você conta cada detalhe bobo e sem importância. O cara que te olha com

extrema atenção e deixa claro — de um jeito totalmente silencioso — que ele te enxerga.

O cara por quem eu poderia cair de amores sem titubear ou ao menos perceber que lhe dei o meu coração.

O cara que poderia me fazer feliz como nenhum outro.

O cara que poderia estilhaçar o meu coração também e, é esse o detalhe que me mantém longe quando ele me dá todos os sinais de que me quer por perto.

Pode parecer a mais insana de todas as loucuras, porque essa história começou comigo dizendo que estava apaixonado por outro; mas estou me apaixonando por Calleb.

Também estou morrendo de medo, só para constar. E não estou pensando em me jogar em seus braços assim que puder. Eu não farei isso. Já gastei a minha cota de imprudência para a vida toda, eu sei.

Em três dias eu irei embora e tudo o que estou sentindo irá desaparecer; assim como Calleb. Claro que essa constatação me deixa triste e quando penso nela, sinto uma dor física em meu peito, mas é melhor assim.

— Droga! — exclamo, quando queimo o meu dedo ao checar o bolo que coloquei para assar mais cedo.

Sacudo a mão ao franzir o cenho, abrindo a torneira da cozinha e deixando o meu dedo sob a água por algum tempo. Minha tolerância para a dor não é das melhores — claramente — porque mesmo sendo uma queimadura pequena, ela não para de doer.

De qualquer forma eu preciso terminar o que comecei: a nossa ceia de natal. É algo tão simples que poderia até ser deprimente, mas estou adicionando uma camada extra de amor e carinho. Isso deve bastar para tornar tudo especial.

Tomando cuidado para não me queimar outra vez, retiro o bolo de chocolate do forno e o deixo descansar sobre a grade do fogão. Espero que o sabor esteja tão bom quanto a aparência, que está ótima. Ainda preciso preparar a calda, mas isso é fácil. Já repliquei essa mesma receita tantas vezes, que posso ser arrogante em dizer que poderia fazê-la até com meus olhos vendados.

O que me preocupa é o prato principal: macarrão à bolonhesa. Sim, eu sei o quão simples a receita parece, porém nunca consigo aceitar o sal em

meu molho ou o ponto da massa. Das ocasiões em que fiz esse prato, não houve nem uma em que ficasse realmente bom. E confesso que ela foi a minha escolha da noite porque não tenho uma gama enorme de receitas em mente.

Afastando os olhos do meu bolo, mexo o molho na panela e o provo mais uma vez. Deve ser a décima vez em que faço isso, mas não consigo chegar a uma conclusão realmente.

Está bom, mas não maravilhoso. Talvez falte mais orégano ou um pouquinho de açúcar para quebrar a acidez. Acrescente ambos ao molho e mexo mais um pouco. Provo-o outra vez, gostando um pouco mais agora. Desligo o fogo quando percebo que não serei capaz de alcançar a perfeição e “bom” é tudo o que posso fazer esse molho ser.

Lavo toda a louça que sujei, estremecendo cada vez que a esponja ensaboada toca o meu dedo ferido, mas persisto porque preciso deixar tudo limpo.

Então são seis e meia quando faço a calda e a derramo sobre o bolo, tendo mais uma tigela suja ao ser lavada. Deixo a panela que irei cozinhar o macarrão sobre o fogão, mas isso só irá acontecer quando Calleb chegar.

Por último me certifico que as folhas verdes que usarei para nossa salada, estejam limpas e organizadas.

Com tudo pronto na cozinha, eu corro para o banho. Já tenho a roupa que irei vestir pronta sobre a cama, isso significa um drama a menos, ou não... porque se eu pensar que usarei o vestido que escolhi pensando em Peter, toda a minha felicidade se esvai. Portanto, nada de pensamentos aleatórios.

Vinte minutos depois estou limpando o vapor que se formou no espelho do banheiro. Envolta em um roupão macio e quente, após me enxugar, prendo os meus cabelos em uma toalha pequena.

Saio do banheiro em direção a cozinha, louca por um copo de leite gelado. A verdade é que estou morrendo de fome e mal vejo a hora de provar minha comida, mas ainda falta uma hora para que Calleb chegue. Porém, quase morro de susto ao pisar na cozinha e encontrá-lo em frente ao fogão, remexendo o molho que deixei na panela tampada.

— Está cozinhando? — ele pergunta assim que me vê, olhando para o conteúdo dentro da panela como se fosse uma poção envenenada.

Depois de me recuperar do susto, ajusto a faixa em meu roupão e me certifico que esteja bem presa. Então me dou conta da minha aparência doida e sinto certa timidez, mas coloco um sorriso blasé no rosto e digo:

— Sim, estou. Pode parecer menos perplexo, por favor.

— Eu não estou... perplexo. — Diz, colocando uma lentidão exagerada no final da frase.

— Sim, está. Muito, na realidade. — Refuto, estagnada em meu lugar.

Talvez o meu desconforto seja palpável, porque é esse o momento em que Calleb parece notar o meu roupão. A panela sobre o fogão é esquecida, por ora, e seus olhos vagam por mim a começar dos pés e terminam na toalha em minha cabeça.

Um lindo sorriso brota em seus lábios enquanto seus olhos brilham em minha direção. Parece que as borboletas em meu estômago irão me tirar do lugar e tenho vontade de me agarrar a algo para me manter estável.

Como uma emoção é capaz de ter um efeito físico tão vívido?

— Você chegou mais cedo! — exclamo, com um leve tom de acusação.

— Apenas um pouco — ele diz. — Temos um banco de horas no hospital e por sorte as coisas estavam estranhamente tranquilas hoje, então me dei ao luxo de sair mais cedo.

— Claro, eu entendo — digo, me encolhendo em meu roupão. Estou tão desconfortável aqui, porque esse roupão não é de Calleb; é meu e é exageradamente curto. — Por que não toma um banho enquanto eu me troco? Então podemos comer... ainda preciso cozinhar o macarrão...

— Ainda não acredito que você cozinhou? — ele ri, colocando as mãos nos bolsos para me analisar como gosta de fazer.

— Jura? — debocho e sua risada se repete. — O seu olhar não é nada descrente, Calleb.

— Estou apenas surpreso. Não sabia que cozinhava, Bree.

— Não tenho um amplo conhecimento culinário, mas sim, eu posso cozinhar alguma coisa.

— Alguma coisa comestível? — ele questiona em provocação. Eu ficaria ofendida se seu olhar não fosse tão aquecido e seu sorriso não denotasse tamanho carinho.

— Você verá quando provar. — Digo, já lhe dando as costas. Mas o seu silêncio me faz parar e girar meu pescoço sobre os ombros. — Você vai provar não vai?

— Se você provar também.

— Sério? Isso é ultrajante — exaspero, ofendida. — Eu praticamente cozinhei para você.

— Estou só te provocando, Bree — Calleb ri, vindo em minha direção e me obrigando a dar dois largos passos para trás.

— Você adora fazer isso, não é?

— Você nem imagina o quanto — murmura ao passar por mim, tão perto que seu braço esbarra no meu e o seu perfume me envolve como um abraço.

Nós dois quase nunca nos tocamos, mas eu sinto exatamente o contrário. Como se nossos dedos buscassem constantemente a pele um do outro e apenas aspirar o seu perfume é como abraçá-lo da forma mais intensa. Sinto-me louca ao não poder diminuir a intensidade desses sentimentos.

— O que houve com o seu dedo? — ele me pergunta, a caminho do seu quarto.

— Eu o queimei no forno. — Conto, olhando para o dedo envolto em

curativo com estampa de cachorrinhos fofos.

Em minha defesa, desta vez, preciso dizer que os curativos foram um presente singelo da minha mãe e não uma compra minha.

— Foi grave?

— Hum, uma queimadura boba. — Desdenho. — Mas ardeu como o inferno.

Ele ri, voltando até mim e segurando a minha mão puxa o curativo com delicadeza, até retirá-lo por completo. Com olhos clínicos — obviamente — ele analisa a pequena área queimada.

Agora o machucado não arde mais, mas o seu toque em mim, sim. Tento me manter casual enquanto a sua proximidade me causa tantas palpitações e frio no estômago.

— Esse tipo de curativo é ruim, mesmo para queimaduras pequenas como esta — ele me diz e levanto os meus olhos para assentir em entendimento. — Deixe sem por enquanto, depois vou aplicar uma pomada para aliviar o desconforto e envolvê-lo em gaze; será bem melhor.

— Não precisa se preocupar — sussurro, olhando para os botões da camisa cobrindo o seu peito largo.

— De verdade? — o seu riso me atinge, antes que seus dedos se fechem em meu queixo e exijam o meu olhar. — Vai dispensar os meus cuidados médicos? Estudei muito para poder exibi-los.

Dou risada, mas é só uma forma de querer me mostrar casual. Por dentro estou surtando com a sua proximidade e o seu toque.

— Eu só não quero que se preocupe, Calleb — respondo, por fim. — Foi algo tão bobo, uma queimadura sem importância.

— Tarde demais — ele diz.

— Para quê? — questiono sem entender, enquanto seus olhos escuros me hipnotizam.

— Para não me preocupar com você... é tarde demais para isso, Bree.

— Ah! — minha boca se abre e a sílaba boba escapa por ela.

— Eu me preocupo com você e não é uma obrigação, eu gosto. — Calleb sorri e automaticamente, eu também.

Então ele beija os nós dos meus dedos e solta minha mão com lentidão.

— Vai tentar curar meus machucados com um beijo? Como os pais fazem com as crianças? — sacudo a cabeça, ainda sorrindo.

— Acha que funcionaria? — ele me devolve a pergunta, arqueando uma sobrancelha.

— Provavelmente não, eu não sou mais criança. — Suspiro, puxando a barra do meu roupão. — Mas acho que não sabe disso.

O passear de seus olhos por mim, deixa claro a sua resposta. Isso me incendeia como mil sóis. Mas ao invés de querer fugir desse calor todo, só quero me jogar dentro dele e me queimar ainda mais.

— Claro que sei, Bree — ele murmura. — Eu realmente sei.

Como se jogasse uma bomba sobre mim, ele me deixa sozinha finalmente. Ouço o clique da porta do seu quarto sendo fechada e depois, somente o silêncio que fica no corredor e nos outros cômodos.

Depois de um tempo parada feito boba, corro até o meu quarto e me tranco lá pelos próximos minutos. Me visto e seco os meus cabelos, usando o pequeno espelho em minha *nécessaire* para fazer uma maquiagem simples e bem rápida.

Calço os meus sapatos — um *scarpin* em veludo preto e saltos altos —, aplico um pouco de perfume e puxando o tecido da minha meia-calça escura; saio do quarto.

A porta do quarto de Calleb ainda está fechada e colando o meu rosto a ela, tento ouvir algum som vindo do interior. Seus passos são baixos e nada apressados, mas sou capaz de distingui-los mesmo através da madeira grossa.

Me afasto e vou até a cozinha. Estranho o som que meus saltos fazem de encontro ao piso de madeira, portanto caminho mais devagar.

Obviamente eu paro em frente à janela para me observar e me pergunto se Calleb tem um espelho em seu quarto. Não, eu ainda não invadi esse cômodo e xeretei as suas coisas e não faço sequer ideia de como seja a decoração.

Puxo a barra do meu vestido evasê, acima do meu joelho. Feito em um tecido encorpado para o inverno, em um vermelho-vivo escarlata que casa perfeitamente com o meu tom de pele e cabelos. O seu decote é redondo e bem discreto, as mangas terminam um pouco abaixo dos cotovelos.

Foi a roupa mais formal que trouxe de Austin e ao comprá-la, tudo em que podia pensar era na opinião de Peter sobre ela. Agora... bem, agora eu só posso pensar na reação de Calleb ao me ver vestida assim. Sinto-me bela, mas sei que apenas um olhar seu pode mudar a forma como me vejo. O que me causa um frio insuportável no estômago quando ouço os seus passos às minhas costas.

— O que está olhando? — ele sonda, parando logo atrás de mim.

— Meu reflexo na janela — conto suavemente, observando o seu reflexo também.

Seu cabelo escuro ainda está molhado do banho e despenteado, mas esse detalhe só o deixa mais atraente. É incrível que o seu cabelo tenha crescido em poucos dias, ele provavelmente o corta toda semana para mantê-lo tão curto.

Calleb trocou a calça social escura e camisa branca que usa para ir ao hospital, por um jeans e camiseta branca. Em seus pés; tênis.

Será que ele sabe que não importa o que vista, sempre está lindo demais?

Nossos olhos se cruzam no reflexo da janela. Sorrio.

— Olhando o seu reflexo na janela? — ele sonda, erguendo as sobrancelhas com diversão. — É isso mesmo?

— Sim, é. — Dou risada, me virando para ele.

A sua proximidade me deixa agitada, sendo assim, me afasto em direção ao sofá. Olhando para o quão distintamente estamos vestidos, me questiono se não exagerei na minha opção.

— Não há um espelho no quarto — acrescento como explicação. — E o espelho no banheiro é pequeno demais para que eu possa me enxergar por inteira, então uso o reflexo da janela. Funciona perfeitamente.

Caleb me olha intensa e fixamente. Tanto que chego a temer ter nascido uma cabeça em meu ombro ou um terceiro braço, quem sabe.

— O que foi? — aflijo-me, arrastando a ponta do meu sapato sobre o tapete.

— Hum — ele tosse, desviando o olhar do meu e encarando a janela. — Tem um grande espelho em meu closet, pode usá-lo sempre que quiser. Eu já deveria ter oferecido antes, aliás... me perdoe.

— Não importa. — Digo, correndo até a cozinha. O que eu jamais deveria fazer em cima de saltos tão finos. — Vou cozinhar o macarrão e aquecer o molho, então podemos comer. Está com fome?

Minha voz soa tão ansiosa que me constrange, mas como disfarçar tantas emoções dentro de mim?

— Claro. — Ele responde lá da sala. — Faminto e muito curioso!



Caleb e eu estamos sentados frente a frente. As bordas dos nossos pratos quase se tocam devido ao tamanho diminuto da ilha no centro da cozinha. Ele não me dirige o seu olhar enquanto lentamente enrola o espaguete em seu garfo. A minha ansiedade parece lhe causar prazer; esse sádico.

Exalo, depositando a atenção toda em meu próprio prato de espaguete quentinho e bem cheiroso. Sem a mesma lentidão torturante de Caleb, enrolo a minha porção no garfo e a levo até a boca. Suspiro exageradamente para demonstrar a minha apreciação.

Caleb levanta o olhar e sorrindo, prova o seu macarrão.

Está muito bom, graças a Deus... por dentro me rejubilo, provando uma porção um pouco maior, de repente me dando conta do tamanho da minha fome.

Caleb mastiga em silêncio e o seu olhar, embora divertido, não entrega tanta coisa. Estou louca para confrontá-lo, mas imito a sua postura e como também no mais absoluto silêncio. Tudo o que se ouve é o tilintar dos nossos talheres nos pratos de porcelana e o nosso mastigar suave. Nossas taças eventualmente também fazem algum barulho. A de Caleb está preenchida

com vinho branco e a minha com suco de laranja. Dificilmente bebo algo alcóolico e com certeza hoje não seria esse dia. Minha tolerância ao álcool é quase nula e só uma taça de vinho já me deixa bem alegre.

Imagine ficar bêbada na presença de Calleb?

Eu teria que me enterrar sob a neve lá de fora e esperar a morte chegar.

Quando o meu prato está praticamente vazio, descanso os meus talheres no cantinho dele. Minhas mãos descem para o meu colo e brincam com o guardanapo sobre as minhas coxas, até que eu decida trazê-lo até o rosto e limpe a minha boca.

Encaro Calleb ainda com o guardanapo escondendo os meus lábios. Suspiro porque estou louca para lhe dizer algo e já me contive além do normal.

— Você não vai dizer nada? — eu o inquiri em um tom infeliz.

— Estou surpreso com a quantidade de tempo que conseguiu ficar sem me questionar. — Diz ele.

— Isso te diverte, não é?

— Um pouco. — Calleb responde, petulante.

Tenho vontade de atirar o meu guardanapo nele, mas cairia em seu prato e ele ainda está comendo. Eu me contenho, mesmo que me retorça em meu assento.

— Você claramente é muito ingrato para elogiar a minha comida logo na primeira garfada. — Sussurro e o faço sorrir com a boca fechada.

— Eu precisava ter certeza do meu veredito, Bree.

— Claro que precisava — refuto, roubando uma fatia de pão italiano com manteiga e orégano que coloquei em um pratinho sobre a mesa. — Eu adorei a comida e sei que fiz o meu melhor, portanto não tente me dizer o contrário, porque eu não me importo.

— É adorável como você sempre pense o pior de mim — seu garfo

também pousa no canto do prato, enquanto ele busca o guardanapo em seu colo.

— Eu não... — sacudo a cabeça, mordendo o meu pão.

— Sim, você sim. — Me contradiz ao recolher nossos pratos e levá-los até a pia.

Sacudo os ombros, comendo mais pão. Apesar de ter reservado o pequeno espaço restante em meu estômago, para o bolo que espera na geladeira.

Calleb recolhe a sua taça de sobre a mesa e me observa, parando ao meu lado. Ele não afasta os olhos de mim enquanto termina o seu vinho. O quadril apoiado no canto da madeira e uma mão no bolso da calça.

— Pare de me olhar assim. — Peço, levantando os meus olhos.

— Você está linda! — ele exclama em elogio. — Eu deveria ter dito antes, mas acho que fiquei sem palavras quando te vi...

— Pare... — eu rio ao ficar em pé também. — Pare de me provocar, Calleb.

— Por que acha que estou te provocando?

— Eu não sei — desconverso, apoiando as mãos na pia para ficar em frente a ele outra vez. — Com você eu nunca sei o que é verdade ou provocação.

— Você está linda! — Ele reforça com seriedade desta vez. — E a comida estava incrível, obrigado por cozinhar para mim.

— Gostou mesmo? — questiono, detestando o tom inseguro que não posso deter.

— Eu nunca comi nada tão bom.

— Não exagere — sorrio, olhando para os meus sapatos.

— É verdade.

— Foi a nossa ceia de Natal. — Pontuo, humildemente.

— É, foi mesmo.

A falta de ânimo em seu tom me faz levantar a cabeça e questionar:

— Não gosta do Natal?

— É uma data melancólica — seus ombros se encolhem. — Mas eu não chego a desgostar, apenas não morro de euforia também.

— Eu amo o Natal. — Afirmo sem ser questionada.

— Você parece amar tudo. — Calleb pontua com um sorriso feliz.

— É... talvez eu seja meio Poliana mesmo. — Admito, saltando para abrir a geladeira. — O que me lembra que...

Paro de falar enquanto retiro o prato com o bolo de chocolate e o trago até o meu rosto.

— Eu amo bolo de chocolate também — completo, exibindo o bolo para Calleb como se o doce fosse o meu primeiro filho.

— Por que isso não me surpreende em nada? — seu sorriso é zombeteiro ao baixar sua taça.

— Como posso saber? — dou de ombros, ajeitando a minha obra-prima sobre a mesa.

A minha falta de jeito costumeira me faz sujar o dedo na lateral do bolo e macular a minha decoração primorosa. Mentira; não estava primorosa, mas eu posso fingir que decorei como uma confeitadeira de mão cheia. Que de fato,

estou bem longe de ser.

— Você vai provar, não vai? — pergunto porque sei que ele não gosta de doces e talvez, para a minha alegria, terei que comer esse bolo sozinha. Mas se ele não provar ao menos uma fatia, será uma ofensa imperdoável.

Espero ansiosamente a sua resposta, levando o meu dedo banhado em chocolate, até a boca. Uma tarefa que não chego a concluir, porque Calleb se aproxima e retém o meu pulso entre os dedos.

Eu o fito com confusão evidente em meus olhos.

— Claro. — Ele afirma, provando o chocolate em meu dedo.

— Nã... não desse jeito — ofego totalmente sem ar.

Sua língua tocando o meu dedo indicador torna-se em segundos a experiência mais erótica que já vivenciei. Não que tenha havido tantas assim, mas eu sei que nada superaria esse momento.

— Está delicioso. — Ele diz, tirando o meu dedo da boca, mas sem soltar o meu pulso.

Meu coração se acelera em mil batidas no meu peito, tentando saltar para fora. Ele é cardiologista e deveria zelar pelo bem-estar dos corações e não arruiná-los por completo. Como sempre faz com o meu.

— Venha. — Ele comanda, me puxando para a sala.

— Mas, e o bolo? — aponto debilmente para o doce sobre a mesa. — Ainda não o provamos.

— Iremos, daqui a pouco.

Calleb solta a minha mão e me põe sentada no centro do sofá. Para isso ele precisa segurar a minha cintura com ambas as mãos, como se eu fosse uma criança a ser orientada. Mas o contato me causa sensações nada infantis, confesso.

— O que foi? — pergunto, ainda atordoada com o que aconteceu na cozinha. Olhando para as suas costas enquanto ele se afasta pelo corredor.

Sem uma resposta imediata, coloco as mãos sobre os meus joelhos, em uma postura passiva e educada. Mas isso é só para impedir que minhas pernas tremam e batam uma na outra.

— Feche os olhos. — Ele demanda em seu quarto.

— Jura? — exaspero, descrente. — Isso vai me assustar? Porque se sim, meus olhos se manterão abertos.

— Não, sem susto algum, Bree... feche esses belos olhos.

— Belos... — sussurro de um jeito que só eu possa ouvir, baixando minhas pálpebras devagar.

Assim que meus olhos se cerram, ouço os seus passos de volta à sala. Estou tensa em meu lugar, quase com medo de respirar. Então Calleb deixa algo ao meu lado, quase salto para longe, mas o farfalhar de papéis me faz crer que é uma sacola; um embrulho.

No mesmo instante uma caixinha retangular é deixada sobre as minhas coxas. *Presentes...* Calleb me comprou presentes de Natal.

Fico eufórica e triste ao mesmo tempo, porque não tenho nada para lhe dar em troca.

— Presentes? — sondo, sem coragem de abrir os olhos.

— Olhe você mesma. — Calleb orienta. Sua voz baixa soa em meus ouvidos, carinhosa e esperançosa.

Abro os olhos e observo os embrulhos lindos, como deduzi anteriormente. A caixinha é em veludo azul-bebê e tem o formato perfeito para comportar uma caneta, mas não acho que essa seria a escolha de Calleb para me presentear. Estou me roendo de ansiedade para abri-la, mas a deixo de lado, por ora.

Meus dedos ansiosos buscam a sacola de papel ao meu lado e a abrem, procurando o meu presente entre os papéis de seda perfumados e em tons pastéis. Espio dentro da sacola e sorrio, olhando para Calleb por um segundo e voltando para a sacola.

É um suéter.

Suspiro, tocando o tecido tão macio que imagino se assemelhar a uma nuvem fofa. Eu nunca toquei uma nuvem, só para constar. Mas toda vez que encontro algo extremamente macio, imagino que as nuvens sejam assim.

Tiro o suéter da sacola, com cuidado e no mesmo instante uma risadinha boba me escapa. O tom de rosa-claro me encanta de imediato, me fazendo pensar que teria sido a minha escolha de cor também. Olho discretamente a etiqueta pendurada em uma das laterais; é de *cashmere*. Isso facilmente explica a maciez e a delicadeza da peça e também a transforma na coisa mais valiosa em meu guarda-roupa.

— Você gostou? — Calleb questiona após um tempo.

— Sem estampas divertidas? — gracejo, trazendo o tecido macio até o rosto. — Está tentando me transformar em uma mulher séria?

— Longe de mim. Eu apenas não encontrei nada fofo ou divertido o bastante.

— Estou brincando, mas eu adorei de qualquer forma. — Afirmo, ainda acariciando o meu rosto no suéter. — Obrigada, Calleb.

— Abra o outro. — Ele demanda, apontando para a caixinha sobre o sofá.

— Hum, dois presentes? — mordo os lábios, deixando o suéter sobre o colo; relutante em me desfazer dele. — Você sabe que não precisava me comprar nada, não sabe?

— Claro — ele sorri, chegando mais perto para me encarar. — Mas eu quis comprar...

— Me sinto péssima porque eu não te comprei nada. — Eu o corto,

preocupada. — Confesso que até vasculhei o mercado da esquina ontem, mas eles não tinham presentes descentes... claro, eu poderia ter comprado chocolate ou desodorante...

— Desodorante? — é a sua vez de me interromper e rir alto.

— acredite, eram essas as minhas opções. — Encolho os ombros, apertando a caixinha entre os dedos.

— Eu tenho desodorante, Bree, obrigado.

— E chocolate? — sondo, pensando na minha imensa falta de inteligência em não ter lhe comprado a caixa de bombons de cassis.

— Não sou um fã de chocolate.

— Foi o que pensei — refuto. — E charutos? Você fuma? Porque tinha uma lindíssima caixa de charutos espanhóis lá, mas você é cardiologista e isso me pareceu tão contraditório.

— Bree.

Ele me interpela de um jeito carinhoso e lhe dou toda a minha atenção. Até porque preciso respirar, tenho falando feito uma doida nos últimos minutos.

— Isso não é uma troca de presentes. — Ele me informa, sério. — Não comprei algo para você, esperando ganhar outra coisa em troca.

— Eu sei que não, mas eu ainda gostaria de ter comprado alguma coisa.

— Eu sei que gostaria — ele me consola com um sorriso de menino, ajoelhando-se à minha frente. — Mas você fez o jantar e a sobremesa.

— Que você sequer provou — pontuo e o seu sorriso aumenta.

— Eu ainda irei provar.

A vontade de me inclinar um pouco e beijá-lo, mesmo que seja por um instante apenas, me toma de assalto. É um desejo que me custa controlar e por isso mordo os lábios com força.

Caleb percebe o movimento e o acompanha com olhos cálidos, ou talvez eu somente esteja imaginando o calor que vejo ali. Mas, imaginação ou não, isso só me faz querer beijá-lo ainda mais.

— Abra este — ele pede, gentil, batendo o indicador na caixinha esquecida por mim.

— *Tá* — suspiro, abrindo a caixinha com dedos trêmulos.

Vejo o seu interior e dou um gritinho, feliz, extasiada... não, não é uma caneta.

— Eu não acredito! — exclamo, fechando a caixa outra.

— Você está feliz? — Caleb me sonda. — Ou em choque?

— Nossa, você não sabe pontuar a diferença? — Dou risada, voltando a abrir a caixa e tirando de dentro a pulseira mais linda, fofa e incrível que alguém poderia criar.

Ela tem um ou dois centímetros de largura, em ouro branco, eu acho — não estou perguntando isso a Caleb —, com três pingentes ao redor. O primeiro pingente é de cupcake com cobertura rosa e um *strass* na cereja em sua ponta. O segundo pingente é de sorvete azul, com o mesmo *strass* em sua cobertura. O terceiro e último pingente é de uma lhama fofa, com o pelo amarelo, cachecol branco e os olhos brilhantes.

Não sei se amar tanto esse presente me faz parecer uma criança deslumbrada e tola, mas e daí?

— Isso é tão fofa! — suspiro, apertando a pulseira. — É a coisa mais linda que alguém já me deu.

— Você tem ganho poucos presentes ultimamente, então — ele me provoca e eu o soco levemente no ombro.

— Shhh — balbucio, trazendo o indicador aos lábios. — Fique quieto e não estrague o momento.

— Bree — ele exala rudemente e segurando o meu pescoço, me puxa até seu peito e me abraça. — Você é...

— O quê? — pergunto temerosa, aspirando o seu perfume e contornado a sua cintura. — Não me ofenda, é véspera de Natal.

— Única. — Ele profere, cheirando o meu cabelo. — Você é única, Bree Johnson.

— Isso é bom ou ruim?

Ele ri e acho que terei que me contentar com essa resposta, mas ser única aos olhos de Calleb Callaham não pode ser algo ruim.



Certa vez Calleb e Brian planejaram uma maratona de filmes de terror em nossa sala.

Infelizmente, lembro-me com tristeza que minha mãe não me deixou participar do evento àquela época. Ela disse que eu era jovem demais para assistir coisas tão assustadoras, então me proibiu de descer à sala enquanto os meninos estavam lá.

Eu tinha dez anos. Calleb e Brian, dezesseis.

Analisando melhor toda a situação, minha mãe estava certa. Eu teria ficado noites sem dormir após tantos sustos que certamente teria tomado. Mas eu fiquei em meu quarto, emburrada, chateada com a proibição da minha mãe, até relutantemente pegar no sono.

No entanto, no meio da noite eu acordei e não contive o desejo de espionar os dois. Se alguém ne encontrasse lá eu diria que estava com sede, mas a casa estava no mais completo dos silêncios.

Na ponta dos pés eu desci as escadas e fui até a sala, vi a tevê ligada, mas em um volume baixo que mal podia ser ouvido. Brian não estava à vista e Calleb dormia esparramado em um dos sofás. Meu coração se acelerou com o quão belo ele era ao dormir. Mais do que costumava ser normalmente.

Sem me conter eu me ajoelhei no tapete e fiquei admirando o seu sono, a forma como o seu peito subia a cada respiração suave, o ligeiro entreaberto

dos seus lábios cheios e principalmente a forma como o seu cabelo caia sobre a testa. Não sei quanto tempo fiquei desse jeito, mas foi o suficiente para deixar essa imagem gravada em minha mente e nunca mais esquecê-la.

Agora estou diante do mesmo Calleb adormecido, doze anos mais velho e mil vezes mais lindo. Ao vê-lo cair no sono enquanto assistimos ao “*O Grinch*”, lado a lado em seu sofá da sala, me vejo remetida à lembrança de anos atrás.

Tento ignorar o seu sono e me mantenho atenta ao filme que tanto amo, revendo pela milionésima vez as cenas já marcadas em minha memória. Minha concentração dura meros minutos, então como se um imã muito forte me impulsionasse a isso, giro o pescoço e encaro o homem ao meu lado.

Ah, Deus... ele é tão lindo! Isso é quase ilícito para o meu coração. Inclino o meu corpo para encará-lo melhor, passeando o meu olhar por cada um dos seus traços bonitos. A vontade de usar os dedos ao invés dos meus olhos é tamanha e quase chega a doer, mas não sou corajosa o suficiente para tocá-lo. Não realmente.

— Está me observando dormir? — Calleb pergunta de repente e me causa um mini infarto.

Volto para o meu lugar lentamente, cobrindo o meu peito com uma das mãos. *Não, não adianta, Bree...* o gesto não acalma as batidas do meu coração.

— Está falando enquanto dorme? — questiono ao invés de xingá-lo, o que é a minha vontade agora.

— Não estou de fato dormindo. — Ele diz ao abrir os olhos. — Estou apenas descansando os olhos enquanto você me observa.

— Eu não estava te observando. — Exaspero.

— Era o que parecia.

— Você estava com os olhos fechados — ofego, me ajeitando no sofá e trazendo uma almofada ao peito.

— Mas eu senti os seus olhos em mim. — Calleb ri, ajeitando sua postura também.

Seus olhos cansados me espreitam sob os cílios. Reviro os meus olhos.

— Não estava te observando. — Reforço. — Só estava tentando decidir se te acordava ou te deixava dormindo no sofá.

— Estava próxima demais para algo tão inofensivo. — Ele claramente provoca.

— Às vezes eu te odeio, sabia? — confesso de forma dramática, o que só o faz rir de mim.

— Sim, você não faz questão de disfarçar. — Ele pontua, apertando o meu joelho. — Mas o que sente em outros momentos?

— Como assim?

— Quando não está me odiando — ele explica, com certeza se divertindo às minhas custas. — O que sente por mim, Bree?

— O que eu sinto? — balbucio, abobalhada.

— Sim, me diga.

— Eu não sei, Calleb — rio, mordendo os lábios nervosamente.

— Como não? — ele exaspera, desenhando pequenos círculos em meu joelho. A meia-calça é fina o bastante para não reter o seu toque, mas eu gostaria de estar sem ela. — Me diga, Bree.

Fecho os olhos e respiro, então o encaro novamente e sorrio com hesitação.

— Ok — murmuro. — Quando não te odeio, eu gosto um pouquinho de você, Calleb.

Mentira. Eu gosto muito dele, demais.

O olhar arrogante me fitando com intensidade agora, deixa claro que ele sabe muito bem disso. Ser transparente demais sempre foi o pior dos meus defeitos.

— É doloroso admitir isso? — ele brinca.

— Para o meu ego sim, muito doloroso. — Refuto e ele ri baixinho.

Sua cabeça descansa no encosto do sofá e perco a sua atenção, mas não o seu toque. Ficamos em silêncio e para não enlouquecer neste instante, volto a encarar a tevê. O filme está quase no final e não me prende em nada, mas continuo fingindo que estou absorta.

A mão de Calleb abandona o meu joelho e sobe, tocando um pequeno pedaço de pele em minha coxa, sob a barra do meu vestido.

Eu vou morrer... realmente vou.

— Sabe — ele diz baixinho, de um jeito rouco.

— O quê? — questiono, morrendo de medo de lhe dar o meu olhar. Deus sabe o que ele pode enxergar em meus olhos agora.

— Eu gosto de você também, Bree — cada palavra dita é uma borboleta em meu estômago. Borboletas grandes, que ocupam um espaço imenso.

— Você gosta? — pergunto feito criança. O que me envergonha em um segundo, mas deixa de importar no segundo seguinte; porque quero a sua confirmação.

— Muito, na verdade. — Ele sussurra e giro o meu corpo para encará-lo outra vez.

No instante em que o seu olhar transpassa o meu, sei que algo acaba de mudar entre nós. É sutil, como a mudança da direção de uma brisa suave, quase imperceptível. Mas eu noto. Meu coração sente.

Minha mão aberta se espalma pelo espaço vazio do sofá, como que querendo quebrar a única distância que há entre nossos corpos. Aspiro profundamente quando a mão de Calleb deixa a minha perna, mas logo em seguida, os dedos que me tocavam há pouco, se entrelaçam com os meus. É a vez de prender a respiração.

O seu polegar passeia pelo meu pulso e o indicador toca o meu dedo ferido, me retenho porque o contato causa um pequeno desconforto e eu me culpo pela reação natural que o meu corpo teve.

— O seu dedo ferido. — Calleb observa de um jeito suave. — Eu me esqueci dele.

— Não importa — me apresso em dizer, entrelaçando ainda mais os nossos dedos. — Já não dói mais.

— Você é uma péssima mentirosa, Bree — ele graceja, saltando do sofá com rapidez e correndo até o banheiro do corredor.

Eu encolho-me em meu lugar, esperando o seu retorno e tomando coragem para beijá-lo quando ele voltar. Coragem que eu jamais terei, obviamente.

Meus lábios parecem secos, ansiosos e saudosos por um beijo que nunca aconteceu, um sabor que jamais provei, mas que parece tão bom, quase inesquecível. Calleb volta para a sala enquanto estou pensando em me levantar e correr até a cozinha. Talvez altas doses de chocolate me tragam o juízo de volta.

— Vamos lá! — ele exclama, vindo até mim com uma pequena mala de primeiros socorros.

Chuto os meus sapatos e sento de lado, sobre uma das minhas pernas. Calleb fica diante de mim, não demorando em puxar a minha mão até o seu colo e examinar a minha queimadura. O seu silêncio me incomoda, porque assim posso ouvir a minha respiração arfante, densa. Pareço uma virgem tocada pela primeira vez... agora entendo o que Madonna quis dizer. Não é a situação, mas a sensação.

Calleb abre a maletinha e tira algo de lá de dentro. Uma solução

antisséptica, eu deduzo. Com uma gaze molhada nesta solução, ele limpa o meu machucado. Então ele aplica uma generosa camada de pomada transparente e gélida, a sensação de encontro a minha pele me faz suspirar... ou gemer. Talvez tenha sido um gemido de prazer, já que chama a atenção de Calleb.

Ele me fita com um sorriso de lado enquanto murmuro:

— Isso é bom...

Ele assente, finalizando o seu curativo com gaze e esparadrapo. O que eu acho um grande exagero, é somente um dedo queimado.

— Obrigada. — Sussurro ao final.

— De nada, Bree...

Minha mão está de novo entrelaçada a sua. Ouço o barulho da tevê tão baixo, porque imagino que mais nada possa soar além dos meus batimentos cardíacos agora.

Seus olhos se prendem aos meus por alguns segundos, até baixarem para a minha boca. A secura está de volta aos meus lábios e minha língua sai para umedecê-los. Não é deliberadamente sexual, eu jamais conseguiria forçar algo assim.

— Calleb... — eu ofego o seu nome, implorando com essa única palavra para que ele diga ou faça alguma coisa.

Tenho a sensação de que um milhão de segundos se passam, até que ele toque o meu rosto, infiltre os dedos em meu cabelo e me segurando pelo pescoço, traga o meu rosto ao seu... então Calleb me beija. Chocando a sua boca à minha, ele me beija como se soubesse o quanto preciso disso. Como se ele precisasse desse beijo com a mesma intensidade também. Meus olhos se fecham quando seu gosto me atinge no primeiro instante.

Lábios firmes se colam aos meus, deslizando sobre eles de forma apaixonada e quente. Retribuo o seu beijo sem hesitar, minha boca se abre em convite e sua língua passeia pela minha... isso é tão bom.

Gemo quando ele morde a carne do meu lábio inferior e faz o mesmo

com o superior, tudo isso sem interromper o beijo. Respirar se torna secundário enquanto nossas bocas se procuram ávidas, se conhecendo mais e mais a cada segundo.

Aprecio o aperto passional que ele inflige ao meu cabelo e passeio os meus dedos sobre o seu queixo, apreciando a barba cerrada que encontro lá. O mundo que parou a sua rotação no instante em que Calleb me beijou, volta a girar lentamente quando ele quebra o beijo.

Completamente sem fôlego, trocamos um olhar que diz muito. Na verdade, diz tudo o que nós mesmos não somos capazes de dizer. Então, Calleb sorri, antes de me deitar no sofá e me beijar outra vez.



O corpo de Calleb paira sobre o meu e confesso mal acreditar na visão diante dos meus olhos. Como se fosse um sonho que eu jamais ousei ter porque sabia que seria impossível realizá-lo.

Mas o destino parece não conhecer limites; porque estou aqui.

Meu peito arfa, ansioso pela próxima respiração; mas o ar ao redor parece ter desaparecido por completo. Assim como o resto do mundo.

Ele me beija de uma forma suave, brincando com os meus lábios sem pressa ou desespero. As mãos passeiam pelo meu cabelo, rosto e corpo e parecem atingir cada pedaço meu, ainda sobre a roupa.

Meus lábios anseiam pelos seus, famintos, mas cedem à sua lentidão porque só querem o seu sabor. A língua que desliza pela costura entre eles e se encontra com a minha, parece saber exatamente o que fazer. É magistral. Um beijo tão lento que incendeia tudo em mim.

Então, arqueio em meu lugar, querendo mais. Querendo suas mãos grandes e quentes sob o meu vestido. Trilhando um caminho de calor em minha pele até ardermos em puro fogo. A grandeza do sentimento me assusta, mas não o suficiente para que eu queira rejeitá-lo.

Infilto meus dedos em seu cabelo e exijo um beijo mais voraz. Não consigo ocultar a minha inexperiência ansiosa, mas Calleb parece não se importar e muda o ritmo dos seus beijos e carícias, tornando-os ansiosos e apaixonados.

Sua boca rouba cada uma das minhas respirações, me deixando trêmula, inquieta. Uma mistura de sentimentos me tonteando, me atirando em um vértice do qual não posso fugir.

Sua mão errante está embaixo do meu vestido agora, apertando a minha cintura sobre a costura da minha meia-calça. *Droga, por que eu me vesti assim justamente hoje?* Quero rasgar as minhas roupas do meu corpo, mas não quero interromper o beijo.

Seus dedos brincam com a costura em minha cintura, enquanto sua boca deixa a minha e trilha o seu caminho pelo meu queixo, se fechando na pele macia em meu pescoço e mordendo levemente a minha carne. Meus olhos se cerram além do limite, meu corpo totalmente entregue e mais excitado do que imaginei ser possível.

Ele aperta um dos meus seios cobertos pelo tecido do vestido, sua boca desce beijando a minha garganta e a pequena faixa de pele em meu decote, que não está coberta pela roupa.

Eu odeio essas roupas, de verdade. Porque ele não as tira de uma vez?

Como se lesse os meus pensamentos, graças a Deus, Calleb, se afasta sutilmente e com ambas as mãos em meus quadris, me liberta da minha meia-calça. A sensação das suas mãos sobre a minha pele nua agora, é inebriante e entorpece cada um dos meus sentidos. Ele aperta os meus quadris, me puxando de encontros ao seus e retomando o passeio de sua boca em minha pele. Beijando atrás da minha nuca e todo espaço disponível em meu pescoço que se oferece para ele.

Minhas mãos ansiosas e trêmulas descem pelas suas costas e se infiltram sob a camiseta, aspiro profundamente quando as pontas dos meus dedos provam a textura firme da sua pele quente. Meus dedos parecem queimar, mas sobem até os seus ombros; então tiro a sua camiseta. Calleb me ajuda, puxando a peça para longe do seu corpo com rapidez. Nos entreolhamos enquanto toco o seu peito, quase reverente, encantada. Como se eu nunca tivesse visto tamanha beleza, e de fato nunca vi.

Não me contento em tocá-lo, eu me inclino e mordo o seu queixo. Sua risada sensual ecoa bem rente ao meu ouvido, antes que ele retribua a mordida e feche os dentes no lóbulo sensível em minha orelha. Ofego,

beijando a sua garganta, sentindo a pulsação sob a minha língua quando ela sai para provar o seu sabor.

Minha mão se espalma sobre o final do seu abdômen sólido, desejando seguir o seu caminho, mas estacionando no cócs da sua calça jeans. Se eu fosse mais corajosa é exatamente o que faria... *mas então, o que Calleb quer de mim? Uns amassos no sofá? Uma noite de sexo quente? O quê?*

Meu cérebro grita por controle, mas o meu corpo não ouve o conselho e se mantém entregue. Meu coração é uma bagunça e só quer sentir e se algo é tão bom, não pode me causar tantos danos.

Meus pensamentos parecem saltar além da minha mente, como se Calleb pudesse ouvi-los também; por isso ele me beija e cala qualquer uma das minhas inseguranças tolas e desmedidas.

Eu quero isso com toda a força do meu ser, não sei por que sequer duvidei por um instante.

Seus dedos andam pela borda da minha calcinha, sua boca tortura a minha sem piedade e de repente, Calleb está me tocando intimamente. A grande mão escorrega para dentro da minha calcinha, cobrindo o meu monte nu. Meu clitóris pulsa pelo seu toque, o calor entre as minhas pernas torna-se avassalador e se espalha pelo meu corpo feito um rastro de pólvora prestes a explodir.

Eu me agarro em seus braços como se fosse cair, trêmula dos pés à cabeça. Desejando o seu toque que finalmente vem.

Dois dedos deslizam por entre as minhas pernas, me tocando de um jeito que nunca fui tocada até hoje. Então um dos dedos entra em mim com lentidão e me retenho, não por desconforto, mas por ser uma carícia que nunca provei...

— Você é virgem? — a pergunta é sussurrada em minha boca.

Leva um segundo ou dois para que eu saia do torpor em que estava e finalmente possa sussurrar de volta:

— Sim...

O corpo de Calleb se tensiona sobre o meu e abro os olhos em busca da sua reação para a minha resposta. Seu olhar ascende da minha boca para encontrar os meus olhos e minha próxima respiração se prende em minha

garganta.

Por favor, não pare... não pare... não pare...

Enxergo claramente as suas emoções na forma como me encara agora. Há um duelo explícito entre elas, mas é evidente que ele me quer da mesma forma ardente que anseio por ele. A constatação me faz corajosa de repente.

— Eu quero isso, Calleb — afirmo, embora ainda sussurre porque nossos lábios estão perto demais e elevar a voz não se faz necessário. — Eu realmente quero...

Ele não me refuta e o seu silêncio, por um ínfimo de segundo, esmago o meu coração. Aspiro rudemente, mas o ar nem chega a deixar os meus pulmões porque Calleb me beija e meu coração volta a ser inteiro. Eu deveria me preocupar com a grandeza de tudo o que ele me faz sentir, mas não tenho tempo.

Sem que eu possa piscar, ele interrompe o beijo, fica em pé e leva o meu corpo junto com o seu. Sem meus saltos eu preciso ficar na ponta dos pés para beijá-lo e é o que faço. Encaixo os meus lábios nos seus, meus braços circulam o seu pescoço enquanto ele nos leva através do corredor. Suas mãos se fecham em minha bunda sob o vestido rodado e quando percebo, estou escarranchada em seu colo, minhas pernas circulando a sua cintura.

Eu não enxergo o caminho pelo qual andamos, mas sei que o colchão sob as minhas costas — quando Calleb me coloca na cama — não é o meu. Estamos em seu quarto e há pouca luz aqui, apenas a que vem do lado externo do apartamento. Eu quero vê-lo. Quero enxergar cada pedacinho seu.

Como se novamente ouvisse os meus pensamentos, Calleb acende a pequena luminária à cabeceira da cama. A luz suave o torna visível outra vez e sorrio, tocando o rosto tão próximo ao meu.

Um beijo suave é deixado em meus lábios quando ele me coloca sentada na cama, deslizando o meu vestido para longe do meu corpo. Minha respiração é arfante ao me dar conta de que somente uma peça de roupa não me faz completamente nua aos seus olhos.

A vontade de me cobrir é avassaladora, todas as minhas inseguranças se arrastando sobre mim como ratinhos cheios de dedos. Mas o olhar aquecido de Calleb me retém, ele me faz ir contra a tudo o que minha mente me diz agora. Seus olhos passeiam por mim com uma apreciação imensa e de

repente, sinto-me tão linda. Ao menos essa noite eu serei a mais desejável das mulheres.

Com os lábios entre os dentes, eu o observo desabotoar o seu jeans e com lentidão baixar o zíper e se livrar deles. Eu me preparo para o impacto de ver um homem nu pela primeira vez, temerosa pela reação que possa ter. Confesso que parte de mim quer fechar os olhos, mas a parte que quer mantê-los abertos leva a melhor.

Ele joga seus jeans em um canto qualquer do quarto e se mantém em sua boxer cinza, ainda não me brindando com a sua nudez. Mas Deus, a beleza de Calleb é algo indescritível. Apenas um olhar pelo seu corpo e todo o meu fôlego se esvai.

Estico uma das mãos e o convido a voltar para mim. Descanso minhas costas sobre o seu colchão e o seu corpo cobre o meu. Um beijo lento se inicia, mas é só uma fagulha para reascender o fogo que nos consome.

Calleb crava os dedos em meu quadril, deslizando facilmente a minha calcinha por minhas coxas, voltando a me tocar entre as pernas e fazendo magia com o seu toque. Não há nada desconfortável no deslizar dos seus dedos em meu clitóris ou no penetrar de um deles em mim. Calleb é gentil em seu contato, deixando com que eu me acostume a ele. Sua boca morde o meu pescoço, até chegar em um dos seios e prová-los da mesma forma. Ele o abocanha entre os dentes, sua língua deslizando sobre o meu mamilo para acalmar a mordida infligida. A sensação é tão boa que minhas costas arqueiam para o seu toque, meu corpo se oferecendo a ele, louco para que esse êxtase não se finde.

Sua boca muda-se para o meu outro seio e lhe dá a mesma atenção. Um segundo dedo trabalha dentro de mim, enquanto Calleb explora os meus seios sem pressa. Ele parece, na verdade, ter todo o tempo do mundo. Pequenos gemidos escapam de sua boca a cada segundo. Gemidos de contentamento e apreço que facilmente me levam ao limite.

Gemo também, alto, ao provar o orgasmo que chega em seguida. Mordendo os lábios, choramingo enquanto minha cabeça descansa no vão em seu pescoço. Segundos depois, Calleb segura o meu queixo e usa os dentes para soltar os meus lábios do aperto que causei. Gemo outra vez, é inevitável não fazê-lo, quando ele me beija e sai da cama.

Assisto quieta, ainda ofegante, ele se livrar da sua boxer e buscar um preservativo na cômoda em frente a cama. Hipnotizada, não desvio o olhar em momento algum enquanto ele abre a embalagem e desliza o preservativo

sobre sua ereção.

A realidade me assalta. Estou mesmo prestes a perder a minha virgindade com Calleb Callaham. O garoto da casa ao lado. O culpado pelas primeiras borboletas em meu estômago.

Não sei se tenho medo ou me rejubilo, acho que consigo sentir uma mistura exata das duas coisas.

Seus olhos se cruzam com os meus e me prendem, então não tenho mais tempo de pensar em nada quando Calleb volta para mim,

A pele quente do seu peito cola-se a minha, esmagando os meus seios de encontro ao seu peso. Sua ereção se aninha em meu centro, então ele desliza para dentro de mim com delicadeza, nossos olhos nunca se deixam. Preenchendo o espaço vazio com lentidão, pouco a pouco, até romper a barreira do meu hímen. Arde, mas não chega a doer, ainda assim um suspiro me escapa.

O corpo de Calleb estaciona sobre o meu, dando-me o tempo necessário para me acostumar com a sensação dele pulsando dentro de mim... *dentro de mim*. Calleb Callaham está dentro de mim e sobre mim, me preenchendo, me consumindo como se eu não me pertencesse mais a partir desse instante.

A sensação de completude é esmagadora, principalmente a que sinto em meu coração com o seu olhar preso ao meu. Um coração que bate além do permitido, ecoando em meus ouvidos fervorosamente. Toco o peito de Calleb e seus batimentos são perceptíveis na ponta dos dedos, assim como os meus.

Eu não sonhei com esse instante, mas se tivesse sonhado, poderia dizer o quão melhor a realidade pode ser.

Eu o beijo e com uma das pernas enganchada em seu quadril, o incentivo a se mexer finalmente. E é o que ele faz, aumentando a velocidade gradativamente. Uma estocada mais rápida que a anterior, indo e vindo e me levando ao céu.

Nossos lábios imitam o encontro dos nossos corpos. A mesma cadência rítmica, o mesmo encaixe perfeito. *Tão certo...*

Agora somos amantes urgentes, aflitos em explorar tudo o que o outro pode oferecer. Tão perto de explodirmos juntos em um céu que é só nosso.

Calleb grunhe o meu nome, mordendo os meus lábios quando goza. Faço o mesmo com o seu nome, mas em um sussurro doce e apaixonado. O mundo se silencia por um momento, então nossas respirações sem fôlego se encontram e se confundem, tornam-se uma.

Assim como nós dois.



Meus olhos sonolentos e relutantes, se abrem para encontrar Calleb parado ao lado da cama. Quero me enterrar sob esse edredom fofo e quente e continuar dormindo pelas próximas horas, mas esfrego os olhos e me sento. De um jeito desajeitado, óbvio, porque minha mente não está nada desperta. Até me dar conta de que estou absolutamente nua nesta cama. A constatação me põe em completo alerta em segundos.

— Bom dia! — Calleb exclama, divertido.

O meu rosto se aquece com timidez descabida, mas forço um sorriso de lado.

— Bom dia! — minha voz não passa de um sussurro rouco e sonolento, desnortado.

— Dormiu bem? — ele pergunta com genuína preocupação e não sei por que isso aquece tanto as minhas bochechas.

— Sim — sorrio, após suspirar. — Você tinha total razão.

— Sobre o quê? — sua sobrancelha se arqueia, curiosa.

— Sobre a qualidade do seu colchão, ele é... incrível — digo, nunca tentativa falha de flerte, porque tudo o que eu consigo é acalorar ainda mais o meu rosto.

— Eu te disse — ele diz, rindo.

O seu riso parece ser a alavanca para atizar as borboletas em meu estômago. Fecho as mãos sobre os lençóis e desvio o olhar por um breve instante. Mas como se um imã me atraísse de volta, meus olhos aterrisam em Calleb outra vez.

Finalmente noto a pequena bandeja em suas mãos: *café da manhã na cama*. Se isso não for romântico e fofo, não sei realmente como classificá-lo.

Olho para Calleb, indecisa entre sair da cama com máxima rapidez e vestir a minha roupa do dia anterior — ainda sobre a poltrona ao lado da cama — ou tentar prender o lençol embaixo do meu braço. Não chego de fato a um veredito, mas opto pela segunda opção apenas por parecer a mais fácil.

— Como você está? — ele me sonda.

Humm, como eu estou?

Deixe-me ver...

Na noite anterior perdi a virgindade com o homem mais lindo que conheço. Foi incrível, algo além das estrelas. Muito aquém de qualquer expectativa que eu pudesse ter tido ao longo dos anos.

Então acho que, de uma forma absolutamente imprudente, estou apaixonada por esse lindo homem... isso me deixa apavorada.

Estou morrendo de medo do que sinto por você, Calleb Callaham.

— Estou bem. — Balbucio nada convicta, o que não passa

despercebido para ele.

— Bem mesmo? — seus olhos se estreitam para mim.

— Sim, bem mesmo. — Reforço e aponto para a bandeja. — Isso é comida?

— Sim, é comida. — Sorri, colocando a bandeja encima do meu colo.

Encaro o conteúdo da bandeja, depositando um interesse especial sobre a caneca fumegante de café. Eu preciso de cafeína como nunca precisei antes; para me manter desperta e tentar ordenar meus pensamentos nebulosos.

— Colocou açúcar aqui? — questiono com desconfiança, trazendo a caneca ao lábios.

— Uma quantidade obscena, como você faz todas as manhãs. — Ele provoca, sentando-se na beirada do colchão.

Reviro os olhos para ele e provo o café com desconfiança. Está quente como eu gosto, forte e doce na medida. Gemo em apreciação, bebendo um gole maior dessa vez.

Caleb só me observa em silêncio. A forma como ele me fita, faz com que eu me sinta apreciada, querida... importante. Algo que desejo ardentemente ser para ele.

Sorrio, deixando minha caneca encima da bandeja e segurando uma das torradas dispostas em um prato, ao lado da tigela de frutas.

— Isso é queijo Brie? — gracejo, antes de dar uma mordida na torrada.

— Você sabe que não. — Ele diz, me blindando com um sorriso torto. — É cream-cheese.

— Eu sei, estou só te provocando. — Digo, dando uma segunda mordida na torrada.

— Gosta de fazer isso?

— Te provocar? — pergunto, cobrindo a boca com os dedos, ainda mastigando lentamente.

— Sim, me provocar.

— Não sei... acho que não sou uma boa provocadora.

— Você é que pensa. — Seu sorriso torto, torna-se um sorriso cheio; aumentando a temperatura do quarto em instantes.

— Hum — balbucio, deixando a torrada de lado e segurando a caneca outra vez. Dois longos goles em meu café e eu pergunto: — Estou te provocando agora?

— O que acha? — ele questiona sério, aqueles olhos aquecidos para mim; por mim.

— Eu não sei... — disfarço, tímida.

— Não sabe mesmo?

— Bem, deliberadamente eu não estou.

— Não, você não está e é justamente por isso que me provoca tanto, Bree.

— E como eu faço isso, Calleb? Me diga — peço e meu dedos tremem quando busco um morango na tigelinha de frutas.

— Você é uma tentação, Bree. De muitas maneiras que nem imagina.

Quase me engasgo com a fruta, é verdade, mas também me retenho porque o tom usado por ele foi sério e emblemático. De repente o ar de flerte se esvai e começo a sentir uma incômoda preocupação.

— Hum... por que isso soa como algo ruim?

— Isso é tão óbvio, não é? — a pergunta parece ser retórica, mas a minha efusiva negação com a cabeça o faz acrescentar: — Por você ser quem é, Bree.

— E quem eu sou, Calleb? — questiono, insegura.

— A irmã caçula do meu melhor amigo. — ele responde tranquilamente.

— Realmente? — arqueio as sobrancelhas, além de ofendida. — Esse argumento é tão velho e sem sentido.

— Eu aposto que Brian não pensa dessa forma.

— Pois está imensamente enganado. — Refuto, exasperada, empurrando a bandeja para longe de mim e só não me levanto porque me recordo da minha falta de roupa. — Brian tem uma vida na Flórida e não está nada preocupado com quem eu não namoro ou deixo de namorar.

— Estamos namorando agora? — sua zombaria é evidente, isso se o seu riso contido não fosse a evidência mais clara dela.

— Eu estou falando de um modo geral... — vacilo. — Sobre os outros caras e não sobre você.

Sua boca se comprime levemente quando falo sobre outros caras, que sequer existem. O meu álter ego dança em meu interior. Sim, um pouco de ciúmes faz bem ao meu ego.

— Nem um dos outros... caras — a palavra parece amargar a sua boca, cubro os meus lábios com o lençol para não sorrir em triunfo. — Deve lealdade ao seu irmão, eu sim. Sou seu amigo de infância e você a irmãzinha querida!

— Esse é um pensamento retrogrado, se me perguntar — digo, observando ele recolher a bandeja e colocá-la sobre a cômoda. — E não

quero desanimá-lo, mas é um pouco tarde para se preocupar com essa coisa de lealdade...

— Sim, eu sei. Nós já cruzamos essa linha.

— E a rompemos. — Completo e ele ri sobre os ombros, girando o corpo para me encarar.

De forma tardia eu percebo que a minha emenda soou como uma clara alusão à minha virgindade. Mas Deus sabe que a minha fala foi inocente, sem duplo sentido algum. Agora meu rosto e cada pedacinho em mim está ardendo em fogo, como a vez que teimosamente comi muita pimenta mexicana.

— Literalmente — Calleb atíça, seus olhos se deleitando com o meu embaraço.

— Eu não quis dizer neste sentido, não seja um idiota!

— Não estou sendo um idiota — sua risada dança até mim. — Por que está tão envergonhada?

— Eu te odeio — disparo, pronta para mergulhar entre os lençóis.

— Eu sei que não é verdade.

— Não esteja tão convicto — digo, enquanto minha voz some embaixo dos lençóis.

Tenho um brevíssimo instante de paz, até que Calleb resolva me fazer companhia aqui embaixo. Dou um grito quando os lençóis são puxados por um instante e então o seu corpo paira sobre o meu. *O seu corpo vestido paira sobre o meu corpo nu, é importante que isso seja bem pontuado.*

Congelar em meu lugar é a minha primeira reação... Cobrir os seios é a segunda e perceber que não tenho mãos suficientes para esconder tudo o que preciso é o pensamento latejante em minha mente. Estamos sob lençóis brancos e a luz que vem do quarto ultrapassa timidamente o tecido, mas

Caleb pode me ver e eu a ele. Minha nudez não me deixa nada confortável, pelo contrário, hoje à luz do dia, sinto-me mais vulnerável que nunca.

Fizemos sexo ontem à noite, sim, e vivemos o momento mais íntimo que duas pessoas podem compartilhar, mas não conversamos após isso. Antes de pegar no sono eu tentei interpretar o seu silêncio de todas as formas, no entanto, meu coração insistiu em me fazer acreditar nas possibilidades ruins; uma delas é o arrependimento.

— Você está me esmagando. — Minto, cobrindo os seios com o braço para usar a mão livre e empurrar o seu peito.

Ele não se preocupa em responder e tenho a sensação de que me aperta ainda mais sobre o colchão. O seu peso não me machuca, mas causa dados muito maiores que esses ao meu corpo. A sua proximidade me tonteia, o aspirar rente ao meu rosto me arrepia como uma pluma deslizando por meus pontos sensíveis. Parece que tudo o que ele precisa é me olhar e me liquefaço por inteira.

Não sou mais dona das minhas emoções, mas quando fui realmente desde o instante que voltei a colocar os olhos sobre Caleb Callahan?

— Caleb — sussurro, sem fôlego.

— Deus, você é tão linda! — ele exclama de encontro ao meus lábios, beijando o canto do sorriso involuntário que sua frase me causa. — Tão linda, porra...

Fecho os olhos, ainda sorrindo e quando ele afasta o braço que cobre os meus seios, não ofereço resistência.

Não sei como é possível, mas mesmo sem ver o seu rosto, sinto o deslizar dos seus olhos sobre mim; passeando sem pressa alguma pelo meu corpo.

Tudo bem, estou morrendo, mas é uma morte que vale a pena.

Caleb respira com rudeza e soa aos meus ouvidos como o rosnar de um leão. Um leão que encontra a sua presa — eu — e a aprecia antes de devorá-la. Não sei explicar o quanto isso me aviva, me aquece.

Eu imaginava ter sentimentos por Caleb antes, mas hoje, após a noite anterior, tenho a certeza de que tudo o que eu sinto é imensamente maior.

Chame-me de insana por isso, mas penso que pessoas podem se apaixonar em um único segundo se esse for o destino delas. O tempo é relativo, essa é uma valiosa verdade. Só me pergunto se Calleb é mesmo o meu destino.

No entanto, não fazer a mínima ideia do que ele sente por mim, me tortura além do limite.

— Olhe para mim — ele pede em um murmúrio cheio de rouquidão.

Não lhe nego o seu pedido e abro os olhos para que nosso olhar se encontre. Os olhos negros como de costume me aquecem. Como se eu já não estivesse quente o bastante com a proximidade do seu corpo. Quanto calor um corpo pode suportar até entrar em combustão?

— Eu amo o seu sorriso. — Calleb diz, deslizando o polegar sobre o meu lábio inferior.

O elogio é a chave automática para que o meu sorriso cresça ainda mais. Sou tão boba quanto uma adolescente vivendo o seu primeiro amor. O que, se formos analisar bem de perto a minha vida, não estou tão longe de ser.

— Também adoro o seu sorriso — refuto, tocando a sua boca da mesma forma que ele fez com a minha.

Ele sorri e então morde o meu dedo. Meu corpo vibra sob o seu, desejando algo que nem sei nominar. Uma angustia que só se abrandava quando Calleb me beija, finalmente. Arqueio o meu corpo para beijá-lo de volta, de repente não me preocupando com mais nada que não seja o roçar da minha boca na sua, o encontro das nossas línguas, o seu sabor explodindo em mim e dominando tudo. As suas mãos viajam pelo meu corpo e me tocam de uma forma que eu começo a temer que ninguém jamais fará.

Estou tão perdida, mas ao menos por ora os braços de Calleb não me permitem cair. Por enquanto, estou segura. E enquanto fazemos amor novamente, não deixo de pensar que estar aqui com ele é o melhor e maior presente de Natal que já recebi...



— O que está fazendo aqui sozinha? — Calleb me pergunta assim que chega em casa. Vindo até meu quarto para me encontrar sentada no chão, com o livro que tentei ler o dia todo, ao meu lado.

— É estranho que me pergunte isso — digo, encarando o seu lindo rosto. — Porque quando não está em casa eu estou sempre sozinha.

— É verdade, engraçadinha. — Ele brinca, me tirando do chão para me abraçar apertado.

Ah, que coisa mais incrível são esses abraços. É como se o mundo parasse enquanto estou aqui, a melhor sensação de todas. Aquela que eu não gostaria que tivesse fim.

Ele beija o meu cabelo, então segura o meu queixo e beija os meus lábios. Algo que esperei o dia todo, desde o instante em que Calleb me deixou sozinha na cama e foi para o hospital pela manhã.

— Como foi o seu dia? — pergunto, aspirando o perfume em seu pescoço e logo voltando para beijá-lo mais. — Conte-me tudo.

— Tudo seria entediante — ele diz, apertando a minha cintura. — E

você não entenderia metade das coisas.

— É provável — sorrio. — Mas me conte algo interessante, então.

Ele parece pensar, sentando-se na cama e me puxando para o seu colo. A minha mala atrás da porta não passa despercebida a nenhum de nós. O meu tempo em Denver está se findando como a areia fina de uma ampulheta.

Por que Calleb não diz nada sobre a minha partida?

O seu silêncio me destrói.

— Hoje foi um bom dia no hospital. Um grande dia, na verdade. — Confessa, trazendo o rosto ao meu pescoço e me beijando sob a orelha, após aspirar longamente o meu perfume.

Isso é algo excitante, saber que ele gosta tanto do meu cheiro. Também amo o seu perfume com loucura e não é aquele que vem em um frasco. É o cheiro de Calleb, feromônios, talvez. A ciência com certeza é capaz de explicar tal fascínio.

— Fico feliz. — Sussurro, prendendo a respiração enquanto sua boca brinca com a minha pele, mordendo levemente, chupando... *ah, como alguém pode manter uma conversa sã em circunstâncias como estas?*

— Fica? — ele me provoca, mordendo a minha orelha.

— Sim — sussurro outra vez. — Você pode me contar o motivo que tornou esse dia, um grande dia?

As mordidas cessam e eu lamento, mas a mão em meu cabelo impulsiona o meu rosto para o encontro da minha boca com a sua. Ele me beija firme, sem hesitação. Contorno o seu pescoço com meus braços e retribuo o beijo, ansiosa por provar cada segundo dele. Mas ele se afasta deixando uma pequena mordida em meu lábio inferior. Minha língua sai para acalmar a picada e Calleb sorri em minha boca, me beijando suavemente antes de se afastar de vez.

— Sobre o que estávamos falando? — ele me pergunta, brincalhão.

— Hum — penso por um segundo, já que seus beijos me fizeram mesmo esquecer o assunto. Confesso que o roçar dos seus dedos sob o meu suéter não me ajudam a me lembrar também.

— Sobre o meu dia no hospital — ele responde por mim.

— Ah, claro! — exclamo e o faço rir. — Isso, me conte.

— Meus beijos te fazem esquecer do mundo? — ele questiona com certo orgulho, um orgulho que nem precisa de uma afirmação minha para existir.

— Seus beijos me fazem mil coisas, Calleb — sussurro, colando minha testa à sua e aspirando forte.

— Me diga que coisas são essas, então — ele exige, cravando os dedos em minha cintura.

— Não... — nego o seu pedido, me afastando minimamente. — Conte-me sobre o hospital, estou curiosa.

— Você não parece curiosa.

— Eu estou... conte-me...

Ao invés de atender o meu pedido, Calleb me joga sobre o colchão e me prende com o seu grande corpo. Uma mão permanece em minha cintura e a outra sobe até o meu rosto, afastando o cabelo que cai em meus olhos. Então nos fitamos em silêncio e apenas esse curto momento é o que basta para me arrebatrar por completo. Meu coração salta, errando uma batida e cadenciando de forma frenética depois, porque ele sabe o perigo que corre.

— Fizemos o transplante de uma garota de vinte anos hoje. — Ele conta, por fim. — Ela tinha uma anomalia genética muito rara e esperava o transplante há cinco anos.

— Caramba, isso é ótimo. — Balbucio feliz. — É maravilhoso que ela finalmente tenha conseguido um novo coração.

— Sim, é.

— Eu imagino quantos sonhos ela tenha e o quão fácil irá realizá-los agora.

— Ela está internada em nosso hospital há cinco meses, vivendo presa à uma cama; mas nunca deixou de nutrir sonhos.

— Isso é admirável — refuto, encantada. — Agora estou tão curiosa para saber quais são os sonhos dela. Qual irá realizar primeiro.

— O que faria com um coração novo? — ele quer saber com genuíno interesse.

Acho que eu o daria a você, assim como este que já pulsa em meu peito. Rio, escondendo o meu rosto em seu ombro, temerosa que ele possa ler os meus pensamentos. *E se pudesse mesmo, o que me diria sobre eles?*

— Acho que me apaixonaria. — Reflito, ainda escondida do seu olhar.

— Mas e se você já estivesse apaixonada? — a pergunta é sussurrada em meu ouvido.

— Então eu amaria essa pessoa com cada fibra do meu ser, sem ter medo de terminar com um coração partido.

— Você tem medo de ter o seu coração partido agora? — o tom em sua voz não revela muito, então volto a encará-lo, buscando em seu olhar as emoções que quero tanto que ele sinta.

Deus, é claro que sim! Eu estou apavorada e você é o culpado por isso.

— E quem não tem? — dou de ombros, brincando com os botões em sua camisa. — Como qualquer humana frágil estou sujeita a me magoar e

com certeza não anseio por isso.

— Quem seria louco para te fazer sofrer? — ele parece perguntar a si mesmo, beijando a ponta do meu nariz e então, a minha boca. — Você não merece sofrer.

— Ninguém merece. — Contraponho.

— Algumas pessoas merecem, você não — ele diz e acabo rindo, porque conheço um certo ex-namorado virtual que merece mesmo. Ao menos um pouquinho.

— Obrigada por me desejar coisas tão boas! — exclamo, em tom jocoso. — Mas o meu coração já se partiu algumas vezes, como o de todo mundo.

— O bom é que corações não se partem de fato. — Calleb diverte-se.

— Só as nossas emoções, — observo. — mas a dor é como se fosse realmente física.

— Eu sei — ele assente e ficando de costas agora, me puxa para o seu peito. — Não irei partir o seu coração, Bree.

Aspiro em seu peito, ainda com um botão de sua camisa entre os dedos; sorrio.

— Eu também não irei partir o seu, Calleb — afirmo, me perdendo nas batidas do seu coração e na melodia agradável que elas têm.



De alguma forma meu sono se agita além do normal e desperto no meio da noite. Desvencilhando-me silenciosamente dos braços de Calleb,

saio do quarto na ponta dos pés.

Está tão quieto aqui que posso ouvir a minha respiração, mesmo que ela saia em baforadas suaves. Outra coisa que parece gritar dentro de mim são as batidas do meu coração, provavelmente foi esse o motivo pelo qual despertei quando a cama e os braços quentes de Calleb eram tão convidativos.

É a minha última noite aqui, neste apartamento e nesta cidade... minha última noite nos braços do homem pelo qual sou apaixonada. Assim como fiz na primeira noite que passei aqui, caminho até a janela e sento-me no alpendre dela, admirando a neve cair lá fora. Ainda me mantenho embasbacada com essa vista tão linda e sentirei saudades além do que posso mensurar.

Uma semana... uma semana e tudo em minha vida mudou por completo. Quando eu penso na realidade que me espera em Austin, sinto-me uma estranha olhando para a sua própria vida.

Minha alma se angustia com o silêncio de Calleb sobre a minha partida. A sua quase declaração ontem — ao afirmar que não partirá o meu coração — foi o máximo dos seus sentimentos que ele deixou transparecer. Enquanto isso eu enlouqueço um pouco mais, ansiando que ele me diga que tudo o que vivemos ao longo desses dias não acabará aqui. Eu não quero que acabe.

Perco-me em pensamentos, hipnotizada com a neve que cai e nem vejo o tempo passar. Eu me envolvo no silêncio e tento deixar um pouco de calma me envolver. Deus sabe com preciso dela.

São três da manhã quando o celular de Calleb começa a vibrar sobre a bancada na cozinha. O som não é alto, mas audível para mim e de início, eu o ignoro. Porém, quando ele se repete mais duas vezes, saio do meu lugar na janela e vou até a cozinha. Espio o celular à distância, temendo ser invasiva, mas também preocupada que possa ser algo realmente importante; crucial.

Chego mais perto, mas não tanto, apenas o suficiente para enxergar o nome do meu irmão na tela.

— Brian! — exclamo ao silêncio, cobrindo a boca em seguida, com medo de ter falado alto demais.

Volto e espio o corredor, não há movimentação alguma vinda do quarto; Calleb ainda dorme. Retornando à cozinha e ao celular sobre o

balcão, mordo a unha do polegar, trocando um pé pelo outro.

Eu detesto ser tão curiosa... *porque Brian ligaria a essa hora?*

Ando para lá e para cá até que Brian envia uma mensagem. Volto a morder a minha unha e recomeço a minha caminhada ao redor do balcão, um sentimento estranho começa a me assolhar.

Por fim, sabendo o quão errado isso é, seguro o celular e desbloqueio a tela. Não há senha... *não há senha, isso é um sinal?*

Não, não é um sinal. Recoloco o celular em seu lugar, mas volto a segurá-lo meio-segundo depois, então abro a mensagem de Brian. Meu corpo se esfria, porque sei o quão imaturo e desrespeitoso isso é, mas parece que não posso me deter agora.

Leio a mensagem curta, percebendo facilmente que meu irmão estava bêbado ao digitar:

Brian: COMO a MiNhhha IRMÃ Está?

Releio a mensagem algumas vezes, rindo em silêncio ao morder os lábios para evitar que o som se propague ao redor e chegue até Calleb.

Caleb... Bree, o que você fez? Penso, ao imaginar que agora terei que apagar a mensagem para que Caleb não note que eu a li. Sim, um crime sempre leva a outro, que isso sirva de aprendizado.

Meu dedo paira no ícone para apagar a mensagem, mas me vejo lendo as mensagens anteriores e todo o histórico de conversas do meu irmão com Caleb. Culpo o diabinho em meu ombro por isso, meu anjo, aparentemente ficou na cama...

Brian: E aí, cara? Conseguiu fazer Bree esquecer aquela loucura de namorado virtual?

Caleb: Ela não tocou no assunto. Como eu poderia fazer isso?

Brian: Sendo um cara legal e a fazendo enxergar que aquele tal de Peter é um imbecil.

Caleb: Está me pedindo para seduzir sua irmã?

Brian: Não necessariamente, mas ela tem uma queda por você, use

a seu favor.

Caleb: Isso é loucura...

Brian: Não é!

Caleb: E depois eu faço o quê? Finjo que nada aconteceu?

Brian: Ela tem uma vida em Austin, no máximo vai te encher de ligações e mensagens.

Caleb: Posso fazer sexo com ela?

Brian: Se quiser continuar com suas mãos, não...

Um exalar rude faz com que eu deixe as mensagens de lado e levante a cabeça para encontrar Caleb logo à frente.

Sofrego, assustada, deixando cair o celular sobre o balcão enquanto nos entreolhamos.



— O que está acontecendo? — Calleb me pergunta em uma mistura de desconfiança e rudeza que não combina em nada com ele.

Está tão claro o que está acontecendo, não está?

Estou invadindo a sua privacidade e lendo as suas mensagens. Meu rosto involuntariamente se aquece com o flagrante, mas, ao mesmo tempo, recordo-me das mensagens lidas e meu coração se afunda. De repente a tristeza é muito maior que a vergonha.

— Bree... — ele me chama, vindo até mim enquanto passa os dedos pelo cabelo bagunçado.

Abro a boca e não encontro a minha voz, então, tudo o que faço é engolir o ar entre nós. Calleb quebra o espaço que nos separa e recolhe o

celular do balcão, seus olhos aumentam visivelmente quando ele vê as mensagens abertas.

— O que você fez, Bree? — ele questiona em um sussurro baixo e nada contente.

— *Euu...* — gaguejo, fechando brevemente os olhos.

— Estava lendo as minhas mensagens? — o tom altivo me faz abrir os olhos.

— Eu acordei faz algum tempo. — Digo, engolindo o nó em minha garganta. — Perdi o sono de repente e vim para a sala.

— Claro, isso explica perfeitamente como o meu celular foi parar em suas mãos.

O deboche arrogante me faz congelar por um segundo, mas só por um segundo. Porque depois sinto minha raiva aflorar gradativamente.

— Ei... — assobio, levantando um dedo para ele. — Eu acordei e vim para a sala, fiquei perto da janela por um tempo, até que seu celular começou a vibrar aqui na cozinha...

— Então você achou que fosse uma boa ideia vir pegá-lo e ler as minhas mensagens. — Ele me interrompe, ríspido.

— Não, eu não achei, Calleb — refuto, colocando as mãos na cintura para não empurrar seu peito. — Eu esperei e como a vibração se repetiu, temi que fosse uma mensagem importante, algo do hospital, quem sabe. Vim olhar e teria te acordado, se fosse.

— Obviamente. — Ele ri sem humor.

— Claro que teria.

— Bem, e como não era uma mensagem do hospital me acordar já não

era o caso... mas ler as minhas mensagens, sim.

— Não foi assim que aconteceu. — Defendo-me, exasperada, embora não haja argumentos para um crime tão evidente.

— Então me conte como foi. — Ele me desafia.

Droga, nunca fui boa em mentir para me safar. Ou em inventar histórias e argumentos para abrandar os meus erros. Penso e decido que a sinceridade é o melhor caminho.

— Inferno, eu li as mensagens, ok? — confesso em desespero.
— Sei que não tinha o direito algum e foi totalmente errado da minha parte, nem mesmo sei porque fiz isso.

— Falta de respeito — ele elucida. — Imaturidade, talvez.

— Obrigada por pontuar. — Ironizo, ruidosa. — O meu erro é imperdoável, eu sei, mas com certeza não invalida tudo o que li nessas mensagens que trocou com meu irmão, não é?

Seus lábios se comprimem em desagrado e o leve brilho de preocupação em seus olhos negros quase me deixa satisfeita. Quase, porque sinto-me triste demais para provar qualquer satisfação.

— Não é, Calleb? — questiono, elevando a voz quando o seu silêncio me incomoda.

— São mensagens bobas, Bree. — Ele diz, sem muita emoção.

— Mensagens bobas? — minhas sobrancelhas sobem até o topo da cabeça, a banalidade com a qual ele trata a sua parcela de culpa me deixa ainda mais enervada. — Só isso?

— Bree — ele exala, coçando os olhos. — Aquilo é besteira, nada dito ali é realmente importante.

— Jura? Simples assim? Você nem mesmo está interessado em argumentar comigo. — replico, irritada com a sua falta de argumentos. — Não me subestime tanto, Calleb.

— Pare... nós conversaremos amanhã.

— Não! — nego, dando um passo para trás quando ele tenta segurar a minha mão. — Falaremos agora mesmo.

— Por favor, seja razoável, Bree — ele pede, vindo até mim mesmo quando me recuso a ser tocada. — Eu estou cansado, tenho um dia inteiro no hospital amanhã. Quando eu chegar em casa à noite, nós nos sentaremos e falaremos com calma; é o melhor a ser feito.

— Amanhã — balbucio roboticamente, como se a palavra nunca tivesse sido dita por mim. — Eu quero falar hoje.

Amanhã eu não estarei mais aqui, seu idiota; é o que quero gritar em seu rosto. Como ele pode ser tão desinteressado a ponto de nem mesmo me perguntar a data do meu voo?

— Eu te perdoo por ler as minhas mensagens! — ele exclama, apertando a minha cintura ao me encurralar entre o balcão.

— Não diga...

— Agora me perdoe sobre o que eu escrevi naquelas mensagens.

— Não é essa questão — eu ofego, porque ele está tão perto e não quero que use o que sinto por ele contra mim. — Aquelas mensagens me machucaram e nem cheguei a ler todas elas... Deus sabe o que chegaram a falar sobre mim. Eu nunca irei perdoar o Brian.

— Não seja boba, Brian nunca deixaria que eu te ofendesse. Nós só tivemos uma conversa boba, imbecil talvez, mas totalmente inofensiva.

— Ele te pediu para me seduzir. Disse que eu tinha uma queda por

você e eu não tinha. — Acho importante pontuar, ele sorri porque sabe que estou mentindo. — Você sabia sobre Peter e não me disse esse tempo todo.

— E como eu deveria tocar no assunto? — Calleb pergunta, apertando ainda mais a minha cintura sobre o tecido da minha camiseta. — Você teria me contado se quisesse.

— Eu jamais contaria, isso me envergonha tanto. — Sussurro, mal percebendo a minha confissão.

— Está tudo bem, não precisa se envergonhar — ele diz com gentileza, colando a testa na minha. — Você fez uma má escolha, mas não houve grandes danos.

E o que você diria sobre o meu coração? Acho que ele está bem danificado, sim. E a culpa nem é de Peter, sabemos bem disso.

— Pare de me consolar. — Eu ordeno, espalmando as mãos em seu peito, mas sem coragem de afastá-lo. — Isso não é sobre Peter. É sobre nós e como você e meu irmão me fizeram de boba às minhas costas.

— Não a fizemos de boba, Bree — ele enfatiza com seriedade, agarrando o meu queixo e exigindo o meu olhar.

— Eu me sinto boba agora e enganada, como se tudo o que dissemos ou fizemos juntos tivesse sido uma farsa.

— Mas não foi.

— E como posso acreditar? — eu o inquiri, chorosa.

— Porque eu estou te dizendo que foi verdadeiro, tudo, cada pequena coisa.

Seus olhos parecem sinceros, eles brilham como se a verdade habitasse cada ponto deles. Sua voz soa da mesma forma, linear e séria. Eu, em contraponto, sei que não posso acreditar em meu próprio julgamento agora.

Meus sentimentos por Calleb podem me induzir ao erro. Meu coração pode me guiar a caminhos falhos mais uma vez, isso é certo.

— Eu estou apaixonada por você! — exclamo baixinho, um murmúrio que mal parece ter forças para sair da minha boca.

— Eu sei — ele diz da mesma forma murmurada.

Não é a resposta que eu queria, mas era a esperada. Ainda assim não deixa de machucar. É como dizer a alguém que a ama e essa pessoa apenas agradecer em retorno.

Fixo-me em seus olhos, aceitando o beijo terno que ele me dá nos lábios. Morrendo por dentro por querer que ele sinta o mesmo que eu, mas uma declaração roubada, imposta, jamais teria o mesmo valor e acho que sou grata pelo seu silêncio. Ele não é tão bonito quanto uma mentira seria, porém, é verdadeiro.

— Vamos para a cama. — Calleb me pede, puxando o meu corpo de encontro ao seu.

Meu corpo se retém e fico plantada no mesmo lugar, respirando de forma pesada e densa. Cruzo os braços à frente do peito, feito uma criança malcriada, mas a vergonha que a minha postura me traz não é maior que a dor em meu coração.

— Bree, vamos. — Ele insiste, tentando descruzar os meus braços para segurar a minha mão.

— Eu acho... — começo a dizer, mas preciso parar e fechar os olhos por um segundo.

— Acha o quê? — ele me sonda, um tom de preocupação que não me passa despercebido.

— Que é melhor eu passar o resto da noite no quarto de hóspedes.

— Por quê? Me dê um motivo razoável, por favor.

— Porque deveria ter sido assim desde o início — enfatizo ao abrir os olhos, mas olhando para o lado. A força do seu olhar é demais para mim. — Se você nem tem sentimentos por mim...

— Ei, quem disse que não tenho?

— Não precisa dizer... eu sinto e depois dessas mensagens, eu sei, Calleb.

— Bree, você está exagerando, meu Deus. — Ele sibila, não me dando passagem quando começo a empurrar o seu peito. — Não entende o quão infantil e injustas as suas atitudes estão sendo?

Provavelmente ele nunca esteve em um relacionamento, caso contrário saberia o quão irritante é dizer para alguém que suas atitudes são infantis. Sim, eu sei que em algumas ocasiões não me comporto como a rainha da maturidade e talvez essa ocasião seja uma delas, mas eu descobriria sozinha. Agora me sinto tão pequena e isso só aumenta a minha irritação.

— Calleb, me deixe passar. — Peço educadamente, mas sem abrandar a força que coloco contra o seu peito. Para o meu azar, o seu corpo não vacila uma única vez.

— Não, me escute, Bree. — Ele pede, agarrando o meu rosto.

— Há cinco minutos você não queria falar... me deixe ir.

— Bree, pare!

— Me deixe ir. — Reforço e talvez a urgência em minha voz o faça me soltar.

Quando me vejo livre ando até o quarto de hóspedes que dormi nos primeiros dias aqui. Eu não corro, mas apresso os meus passos quando vejo que Calleb vem atrás de mim.

— Bree, me ouça, por favor — sua mão tenta tocar a minha, mas já estou longe do seu alcance.

— Eu preciso ficar sozinha e você precisa descansar para o trabalho. Vamos deixar as coisas como estão.

— Bree... — ele exala em aborrecimento, a frustração escorrendo de cada letra do meu nome.

Chego ao quarto um segundo antes dele e entro rapidamente, fechando a porta em seguida. Calleb poderia ter me detido se quisesse, com o seu tamanho e peso seria fácil para ele fazer isso. Mas é evidente que optou por não fazê-lo, sou grata por esse gesto.

Colo minhas costas à porta fechada, ouvindo a respiração densa de Calleb do outro lado. *Ou será a minha respiração tão ofegante?*

O silêncio se faz longo por algum tempo e chego a imaginar que Calleb já voltou para o seu quarto, isso até que ele bata na porta...

— Bree, abra essa porta — sua mão se choca com a madeira, em um baque profundo e descuidado. O barulho me assusta, mas não me faz vacilar na decisão de manter a porta trancada pelo resto da noite.

— Me deixe em paz, Calleb. — Eu grito de volta. — Só me deixe em paz, eu não quero te ver agora.

— Precisamos conversar — ele refuta, gritando em retorno. — Abra essa porta, porra.

— Vá embora — exaspero, me afastando até a cama. — Não quero conversar, tampouco te ver. Tudo o que eu desejo é ir embora desse lugar e esquecer que você existe.

— Por que está fazendo isso, Bree? Será que agir como uma criança de cinco anos te traz alguma satisfação?

Deve ser uma pergunta retorica, sim? Não é possível que ele queira uma resposta minha. Bufo, trazendo as mãos ao rosto. Isso é um pesadelo...

um pesadelo muito ruim.

— Me deixe em paz! — exclamo, sem forças.

— Bree, por favor...

Não respondo. Eu só me afundo no colchão, puxando o edredom sobre o meu corpo, desejando me esconder de uma forma que sei não ser possível.

— Bree...

É a última vez em que ele me chama, depois disso o silêncio se faz por completo enquanto me esforço para ouvir os seus passos pelo corredor.

Abafo o meu choro com o travesseiro, permitindo que o meu coração se parta dentro do peito. Não foi assim que eu imaginei a nossa despedida. Não com Calleb do outro lado do corredor e eu me sentindo em pedaços.



No dia seguinte ando pelo apartamento, me questionando sobre ser dramática demais. As minhas emoções em conflito não me deixam ter certeza de nada. A cada passo eu contengo o choro, porque sei que se deixá-lo sair agora eu não poderei controlá-lo mais. Um olhar para a minha mala feita, ao lado do sofá de Calleb e meu coração se parte sutilmente. Mas é uma sutileza avassaladora, por sinal.

São onze e quarenta da manhã e meu voo sai às três. Sei que com a neve que cai do lado de fora, o trânsito está mais lento e preciso de ao menos uma hora e meia para chegar ao aeroporto. Portanto, esses são os meus últimos instantes aqui. A constatação me enche de melancolia e tristeza.

Calleb estará no hospital o dia todo, eu sei. Ele não tem certeza sobre o horário do meu voo, já que nunca chegamos a conversar sobre isso, mas o bilhete deixado na porta da geladeira me faz crer que ele imagina que seja à noite.

Ele me pediu — melhor, implorou — para que eu o esperasse voltar do trabalho; mas a verdade é que estou morrendo de medo. Medo do que ele

possa me dizer. Medo de ser convencida por sua explicação e tudo não passar de uma mentira bem contada.

Parte de mim quer ficar, mas uma parte quer correr para a segurança de Austin, onde eu ainda terei um coração partido; isso é fato. Mas se eu ficar talvez tenha um coração destruído a ponto de nunca mais me sentir inteira.

— Que inferno. — Sussurro sem que ninguém possa me ouvir, sentando-me no sofá. Mas levanto-me em seguida como se uma agulha me picasse. Não posso ficar parada.

Encaro as horas no meu celular, sabendo que não tenho todo o tempo do mundo para indecisões. Minha passagem descansa encima da mesinha de centro e parece me encarar em afronta, me desafiando a ser forte e deixar Calleb para trás.

Dou risada, esfregando o rosto com preocupação, colocando o cabelo atrás da orelha antes de suspirar longamente. Então, em um rompante eu me decido; agarro minha passagem e dou uma última olhada ao redor. Me demoro principalmente ao encarar a janela e a vista mais linda de Denver nevada.

Minutos depois saio do apartamento com minha mala a tiracolo, notando que terei que deixar a porta aberta já que não faço ideia se Calleb tem uma chave extra. Se eu fosse uma pessoa ruim, levaria as chaves para Austin e o obrigaria a chamar um chaveiro e a pagar por chaves novas. Mas não sou vingativa a esse ponto, na verdade, não sou vingativa a ponto algum.

Deixo a porta encostada e entro no elevador, fazendo um caminho rápido até a saída do prédio e com a mesma rapidez, encontro um táxi até o aeroporto. O trânsito está mais parado do que imaginava e tenho ainda mais tempo ocioso para me perder em pensamentos.

Em meu celular há duas mensagens não lidas de Calleb, além da chamada perdida de hoje cedo que eu fiz questão de não atender. Eu me pergunto até quando ele tentará manter contato, até quando até que ele me esqueça por completo. As pessoas costumam se esquecer do amor que viveram durante anos, imagine tolos sete dias juntos? Com o tempo eu não serei nada mais do que uma lembrança nublada para Calleb.

— Moça, já chegamos! — o motorista anuncia, tirando-me do meu torpor e auto flagelo.

Pago a corrida e peço ajuda com a minha mala, saindo do táxi com rapidez. O ar frio me recebe assim que piso na calçada, me abraçando sem gentileza alguma. Agarro a alça da minha mala e encolho-me em meu casaco, dando uma corridinha até a entrada do aeroporto.

Há uma multidão aqui dentro, portanto o barulho de vozes e passos apressados me ensurdece de imediato. Retiro o meu gorro e o guardo na minha bolsa, ajeitando os fios desgrehados do meu cabelo com uma das mãos.

São quase duas da tarde e é hora de fazer o check-in e despachar a minha mala, sendo assim, caminho entre a multidão. Meus passos parecem pesar mais do que o normal e sei que não seria assim se Calleb estivesse comigo. Seria difícil me despedir dele, obviamente, mas com o peso do nosso desentendimento de ontem o meu retorno para a casa parece mais doloroso.

Chego a fila do check-in e me inclino para analisar as pessoas à minha frente. Isso irá demorar, constato e só consigo gemer em desgosto. A impressão que se tem é que todas as pessoas que estavam fora, retornaram à Denver hoje. E todas as pessoas que estão em Denver, retornarão às suas casas hoje também.

A espera aumenta o meu mau-humor e o tempo todo me remexo em meu lugar, trocando os pés e olhando as horas. Às duas e quinze, apenas duas pessoas me antecedem na fila. Isso me traz uma felicidade mínima, bem mínima mesmo, mas já é algo.

A pessoa no guichê de check-in é atendida e cede lugar à outra. Suspiro, porque falta pouco para que seja a minha vez... isso até que alguém passe por mim e chama a minha atenção totalmente. Como a luz de uma lâmpada atraindo uma mariposa indefesa.

Sigo a pessoa com o meu olhar e antes que ela desapareça por completo, abandono a fila e começo a segui-la pelo aeroporto. Não é uma tarefa fácil ganhar passagem entre o mar de gente, enquanto tento manter meus olhos no meu alvo. Eventualmente me esbarro em algumas pessoas ao caminhar e por vezes quase sou derrubada por outras.

Bufo em frustração quando perco a pessoa de vista, dando um giro de trezentos e sessenta graus no meio do aeroporto; mas um minuto depois eu o reencontro. Agora carrego a minha mala no colo como uma criança, correndo atrás do meu perseguido até agarrar o seu moletom preto.

Meus dedos contornam o tecido com toda a força, impedindo que o

jovem homem à minha frente dê mais um passo adiante.

— Que porra... — ele resmunga, girando o corpo para me encarar com irritação que aos poucos se transforma em perplexidade. — Beatrice?

— Sim, Beatrice. — Sibilo, debochada. — Como vai, Peter?

—Oiiiiii! — ele exclama abobalhado, obviamente sem saber o que fazer com a minha presença aqui.

Tomo um tempo para analisá-lo de perto e percebo que nosso primeiro contato físico não me traz nenhuma emoção, além da indignação por suas atitudes. Peter é mais alto que eu — como se isso fosse mesmo algo extraordinário —, mas não tão alto quanto Calleb. Percebo que talvez ele tenha mentido com relação a sua altura. Na verdade, com relação a tudo.

— Você não tem um e oitenta — exaspero, cutucando o seu peito sobre o moletom.

— Tenho um e setenta em dois. — Confessa, colando as costas à parede logo atrás do seu corpo. Sua grande mochila esportiva cai do seu ombro e ele a coloca à frente dos pés.

— E seus olhos não são azuis. — Assobio, revirando os olhos o máximo que consigo. — Eram lentes ou *photoshop*?

— Os dois... lentes quando falávamos por chamada de vídeo e *photoshop* para as fotos compartilhadas.

— Claro — exalo, colocando minha mala no chão. Como a carreguei por tanto tempo, nem sei ao certo. — Você nem é tão bonito.

Seus ombros se encolhem em silêncio e ele sorri sem jeito. Esse sorriso não faz nada ao meu corpo... nada. *Graças a Deus!*

—Está satisfeito por ter me enganado, Peter?

— Anjo... — ele começa, mas piso em seu pé.

— Não me chame assim, seu idiota.

— Desculpe, Beatrice. — Ele oferece, temeroso.

Além de tudo é um completo covarde. Rio, brevemente.

— Sim, sou Beatrice para você. — Digo, com um franzir de sobrancelhas. — Nada de anjo ou qualquer outra baboseira. Não gaste suas energias mentindo, não é mais necessário.

— Eu sinto muito. — Peter balbucia, incerto.

— Não, não sente.

— Sim, realmente sinto. Você é uma garota legal, an...

O meu olhar fulminante o impede de terminar a frase. E eu nem me julgava capaz de ameaçar alguém com o olhar; bom saber.

— Onde esteve essa última semana? — pergunto e quando percebo onde estou. O barulho ao redor parecia ter cessado nos últimos minutos, mas agora voltou com força.

— Havaí. — É a sua resposta sincera. Lhe dou crédito por isso.

— Hum, Havaí — recito, debochada. — Foi divertido?

— O que quer que eu responda? — seus ombros se encolhem um pouco mais. Mais alguns instantes e nós teremos a mesma altura.

— Seja sincero, Peter.

— Sim, foi divertido.

— Ótimo — assinto, pisando em seu pé outra vez. — Você é um

imbecil, só para constar, não se esqueça disso pelos próximos anos. Eu voei até aqui para encontrá-lo, seu idiota.

— Eu sei...

— Não estou perguntando. — Grito, zangada. — Tem consciência do que fez? Me deixou sozinha aqui neste aeroporto, enquanto voava para o Havaí para se encontrar com outra pessoa não foi?

— Sim.

— Seu babaca.

— Me perdoe!

— Não, não perdoo. — Nego, estendendo minha mão aberta para ele.
— Me dê seu telefone.

— Para quê?

— Quero apagar quaisquer vestígios meus que existam aí dentro.

— Eu apagarei, prometo.

— Você acha que eu acredito em você, seu mentiroso?

— Ok... — ele suspira, recolhendo o celular de um compartimento frontal da mochila. — Então eu farei isso na sua frente, pode ser?

— *Tá*, que seja. — Dou de ombros, não muito feliz.

Fico ao seu lado enquanto ele começa a buscar nosso histórico de mensagens, apagando um grande lote por vez. São milhares e isso leva tempo, mas não abro mão desse desejo. Depois de um tempo vamos para a galeria de fotos e tento não olhar para as outras garotas ali. Algumas não foram tão cautelosas como eu e enviaram a Peter suas fotos íntimas, algumas bem comprometedoras.

Meu estômago se retorce quando me dou conta do final terrível que essa história poderia ter tido. Vejo que meu anjo da guarda estava de plantão quando eu lhe enviei poucas fotos e todas com roupa. Isso é um alívio.

Por fim, apagamos o meu número e eu exijo que ele me mostre sua nuvem de armazenamento como garantia de que nada relacionado a mim ficará salvo. Claro, eu não sou tola o bastante para acreditar que isso significa que estou mesmo segura, até onde me consta, Peter pode ter um *pendrive* exclusivo para cada garota que já enganou na vida.

— Isso é tudo. — Ele me diz, recolhendo a mochila do chão.

— Se você fizer qualquer coisa para me prejudicar saiba que sei onde mora, onde trabalha, onde seus amigos moram — a cada palavra citada, seus olhos castanhos aumentam. — Então, eu não hesitarei em deixar que meu irmão te persiga. Ele luta MMA, eu te disse?

Ele apenas nega com um aceno de cabeça, já começando a se afastar de mim.

— Pois é, ele luta — minto casualmente. — E ele é muito bom, até já matou um cara.

O sangue parece fugir ainda mais da sua pele naturalmente pálida. Mordo os lábios para não ter uma crise de risos agora. *Ele é tão bobo, como pude achar que estava apaixonada?*

— Fique atento. — Eu o aconselho. — Olhe a sua sombra, se possível.

— Eu preciso ir. — Diz, ao apontar a saída.

— Claro... a propósito, a sua vizinha é legal.

— A fofoqueira da casa à frente?

— Ela não é fofoqueira. — Eu o repreendo. — É uma senhora muito educada, por sinal.

— Não, ela é uma intrometida. — Ele refuta, descontente.

— Sim — dou risada. — Uma intrometida que sabe tudo da sua vida.

— Porra! — ele exala. — Posso ir agora?

— Vá, seu idiota. — Eu desdenho com um aceno de mão, porém mudo de ideia. — Espere...

— O que, meu Deus?

Rio do seu desespero, é bem divertido.

— Você tem mesmo um gato? — questiono, já agarrando a minha mala.

— Sim, eu tenho.

— Então eu espero que ele sente em sua cara e te sufoque durante o sono.

— Você é louca!

Eu o ouço murmurar enquanto me afasto, então giro o meu corpo e lhe mostro o dedo do meio. É o máximo de felicidade que senti nas últimas dozes horas. Mas essa felicidade se esvai toda, no instante em que percebo que perdi o meu voo.



Estou de volta ao apartamento de Calleb, sentada em um sofá na recepção, porque o porteiro não autoriza a minha entrada. Não importa que o imbecil tenha me visto deixar o prédio mais cedo, ele diz que não estou

autorizada a subir sem o consentimento de Calleb. E ele não está em casa, *que sorte a minha, não?*

Meu corpo se esparrama no estofado de camurça, enquanto ouço música em meus fones de ouvido e vez ou outra, olho para o porteiro. Faz quase três horas que estou plantada aqui, como se eu fosse mais um dos pinheiros da decoração natalina.

Estou faminta, cansada e apreensiva; o último sentimento se sobrepõe facilmente aos outros. Mordo a minha bochecha, batendo os meus pés ao ritmo da música, mas a verdade é que o nervosismo dita os meus atos.

— Pode chamá-lo agora? — peço ao porteiro, retirando um dos meus fones. — Já passa das oito, ele costuma chegar em casa antes disso.

— Eu interfonei há dez minutos. — É a sua resposta, desinteressada. — Ele não está em casa, moça.

Palavras malcriadas dançam em minha língua, mas engulo-as com muito custo e só assinto, desanimada. Tudo o que realmente preciso para coroar o meu dia é ter uma briga infantil com o porteiro de Calleb. Não, isso não está acontecendo.

Sorrio de forma doce e fico em pé, reunindo bolsa e mala, fone de ouvido e celular, saio do prédio sem dizer mais nada. É chocante enfrentar o ar gelado do exterior do prédio, a neve cobrindo tudo o que toca ao cair vagarosamente do céu. Por uns minutos eu apenas encaro o alto e observo os flocos brancos, em estupor, nem mesmo me dando ao trabalho de pensar em uma solução para os meus problemas mais urgentes.

Depois, então, começo a andar pela calçada sem pressa; me preocupando em pisar nos lugares certos para não escorregar no gelo fino. Eu amo o inverno, mas a partir desta noite ele pode se transformar na minha estação menos favorita do ano. Eu detesto o frio se infiltrando pelo meu casaco grosso e odeio a neve caindo pelo meu gorro de lã e estacionando em meus cílios ou nariz. Não há nada romântico ou glamoroso em congelar em uma calçada vazia, de uma rua pouco iluminada.

Paro na esquina de um semáforo, esperando que ele se feche e eu possa atravessar em segurança. Para ser sincera não há nenhum trânsito por aqui e o único carro que posso enxergar vem lentamente em minha direção do final da rua, mas cuidado nunca é demais e eu espero. O sinal fecha e eu começo a

atravessar sem a agilidade que gostaria, já que as rodas em minha mala não ajudam na minha desenvoltura.

— Bree! — ouço o meu nome quando a porta do carro é aberta.

Levanto o olhar, descrente, temendo pela minha sanidade se irei começar a ouvir vozes no meio da rua. Mas não é um delírio, é uma visão entre flocos de neve e pouca luz. A visão de Calleb ao lado do carro, apoiado em sua porta entreaberta.

— Oi. — Eu grito, como se tivéssemos em lados opostos em uma ponte. Mas estamos a menos de um metro um do outro.

— Bree, meu Deus! — Ele parece perplexo, vindo até mim com rapidez.

— É, eu sei — concordo, sem que ele precise dizer uma única palavra.

— O que está fazendo aqui? — é o seu questionamento quando estamos frente a frente e a fumaça em nossas respirações ofegantes se encontram e se fundem.

Por um instante a sua visão rouba a minha concentração, mas sacudo a cabeça e balbucio:

— Quer a versão completa ou resumida?

— Resumida, por ora. — Calleb sorri. — A completa fica para depois.

— Ok... — suspiro. — A minha passagem estava marcada para hoje, às três. Fui para o aeroporto e da fila do check-in, vi Peter passar ao meu lado. Eu o segui, obviamente e nossa conversa, nada amistosa, durou um pouco além do previsto. Perdi o meu voo. Voltei para o seu prédio e o porteiro não permitiu a minha entrada, esperei por três horas e desisti.

— Essa é sua versão resumida? — ele debocha, agarrando a minha mão livre.

— Eu sou uma pessoa de muitas palavras, resumir algo é complicado.

— Eu percebi.

Sem que eu possa piscar ou murmurar em protesto — o que nem sei se faria de fato — Calleb segura a minha mala e com a mão ainda entre a minha, me leva para o carro. A essa altura mais dois carros estacionaram atrás do seu e começaram a buzinar, pedindo passagem.

Ocupo o banco do passageiro com rapidez ao mesmo tempo que Calleb joga minha mala no banco de trás e, ocupando o seu lugar em frente ao volante, coloca o carro em movimento.

Aspiro, feliz, o ar quente que me envolve. Tirando as minhas luvas, sopro os meus dedos e esfrego as mãos em busca de calor.

— Você foi embora sem se despedir. — Ele recita, ao puxar minha mão entre a sua e deixá-lo sobre sua coxa coberta em jeans.

— Sim, eu fui.

— Por quê?

— Porque eu estava chateada. — Sou sincera, não afastando minha mão da sua perna mesmo quando o aperto dos seus dedos se vai. — Eu estava triste... e também não podia perder o meu voo, é muito desgastante remarcar uma passagem. A burocracia é imensa.

— Mas você perdeu o voo mesmo assim. — Ele pontua, parando o carro em uma esquina e me encarando. — Acha que foi o destino?

— Você acha? — eu o desfio, ofegando quando ele beija o nó em meus dedos. Isso me aquece mais do que dezenas de cobertores seriam capazes de fazer.

— Eu não acreditava em destino há uma semana. — Calleb diz.

— E agora acredita? — não sei por que essa pergunta rouba todo o

meu fôlego.

Ele me encara enquanto solta o seu cinto e faz o mesmo comigo, então agarra o meu rosto e me beija. Com um choque rude dos seus lábios nos meus, eu ofego. É um beijo descuidado e urgente, que me arrebate sem que eu possa me conter. Eu me agarro a ele, temendo a queda, mas sabendo que será fácil me jogar no mais profundo abismo se ele continuar me consumindo com seus beijos.

Minha boca se abre para receber a sua língua, gemendo em apreciação ao seu sabor. Um sabor tão único, tão seu. Diferente de tudo o que já provei e que duvido superar algum dia. Meu coração se afunda quando temo que esse seja o nosso último beijo, mas desejando além de tudo que não seja.

Nos beijamos profundamente, bocas deslizando uma pela outra, dentes tilintando às vezes, línguas enredadas e respirações ofegantes. Sua mão se emaranha em meu cabelo, a minha agarra a sua nuca. O nosso beijo se abrande e se transforma em sua suavidade, até que ambos busquemos o ar tão necessário.

Meus olhos se mantêm fechados por um tempo, enquanto a respiração de Calleb parece acalmar a dor em meus lábios inchados. Meu corpo está tão mole, cansado como se eu tivesse corrido uma maratona sem sair do lugar.

— Agora você acredita? — repito a pergunta feita antes do beijo, quando o meu cérebro volta a funcionar aos poucos.

— Em destino? — é a sua réplica junto aos meus lábios.

Abro os olhos e mergulho nos seus, sentindo uma avalanche de emoções.

— Sim. — Sussurro. — Você acredita em destino?

— Eu não sei, Bree — ele diz, colando sua testa à minha... *eu amo quando ele faz isso*. — Mas, se você não for o meu destino; acho que não tenho um.

— Eu? — a minha boca se abre, embasbacada.

— Eu deveria ter dito ontem... também estou apaixonado por você!

— Mas... — balbucio, porém um beijo me cala.

— Ouça-me — ele pede, gentil. — Eu estou apaixonado por você, passei o dia todo pensando em uma forma de te dizer.

— Porque não me disse ontem? — eu o desafio. — Eu queria tanto ouvi-lo dizer.

— Porque fui covarde e porque às vezes parece insano como uma semana pode mudar tudo para sempre...

— Um segundo pode mudar tudo — refuto, sorrindo.

— Tem razão e você mudou tudo, Bree.

— Parece difícil de acreditar, mas se eu me sinto da mesma forma, quem irá me convencer de que isso não é real?

— É real — Calleb afirma, beijando o meu sorriso. — Você não sabe que é como um raio de sol entrando pela janela e tocando tudo o que alcança? Eu apaixonei por você desde o primeiro instante.

Minha boca se abre em um sorriso gigante e me pergunto como posso duvidar de algo dito de uma forma tão linda, enquanto nossos olhos não se desgrudam. Mas se um houver uma fagulha de dúvida em mim, ela se esvai quando Calleb me beijo o amor flui densamente por nós.



O comandante anuncia que pousaremos em breve, sua voz ecoando firme pelos autofalantes do avião. Ajeito a minha postura relaxada em minha poltrona e fecho o meu cinto, puxando a cortininha em minha janela para admirar o céu de Denver que se derrama para mim.

É lamentável que o tempo esteja tão fechado e as nuvens estejam tão carregadas, mas eu me esforço para admirar além delas. O céu em Denver é diferente, principalmente no verão. As estrelas costumam brilhar como diamantes em um céu azulado e lindo.

Estava exatamente assim a última vez em que estive aqui. Isso foi há alguns meses. Então Calleb viajou para Austin no outono e passamos duas incríveis semanas juntos.

Essa foi a última vez em que nos vimos pessoalmente.

Manter um relacionamento à distância não é nada fácil, preciso confessar. Mesmo com o tamanho do amor que nutrimos um pelo outro,

passamos por momentos turbulentos ao longo desse primeiro ano de relacionamento. Foi a nossa prova de fogo, certamente.

O meu último ano de faculdade me prendia à Austin, assim como o trabalho de Calleb o prende à Denver e obviamente nenhum dos dois poderia abrir mão da sua vida naquele instante, então tudo o que nos restou foi namorar através de um celular ou computador. Nossos encontros físicos foram raros e valiosos, cada nova despedida se tornando mais difícil que a anterior.

Mas vencemos! Eu mal posso acreditar que estou prestes a pousar em Denver, pronta para correr até Calleb e mergulhar em seus braços. Me perder em seus beijos e nas noites — e dias também — de amor que iremos viver.

Meu sorriso é bobo, apaixonado, exultante enquanto agarro os braços da poltrona e sobrevivo a pequena turbulência da aterrissagem. Agarro minha bagagem de mão e preciso controlar a minha euforia e não sair atropelando os outros passageiros em direção à saída.

Pisando na área de desembarque, começo a apressar os meus passos até a esteira de bagagens. À espera das minhas malas — sim, são três desta vez — saco o celular da bolsa e digito uma mensagem rápida para Calleb.

Bree: Ei, meu amor ♥ Acabei de desembarcar, está me esperando aí fora?

Envio e espero a sua resposta imediata, mas ela não vem. FRANZO o cenho e recolho as minhas malas minutos depois, gastando mais tempo do que gostaria para ajeitá-las no carrinho de bagagens, devido ao seu peso.

Saio pelo portão de desembarque, olhando freneticamente ao redor a procura de Calleb. Meu coração se acelera e aquela estranha insegurança — que não tem permissão para estar aqui — começa a ganhar destaque aos poucos.

Não, — *meu cérebro grita* — Calleb não me deixaria plantada aqui. Qualquer pessoa, menos Calleb... Paro o meu carrinho de bagagens em um ponto qualquer e digito outra mensagem para o meu namorado. Eu sempre sorrio quando penso nesta palavra e quando preciso usá-la então, meus olhos brilham com uma felicidade que nunca tento disfarçar.

Bree: Você está no aeroporto, eu sei... pode parar de se esconder, Calleb!

Envio a mensagem e meio minuto depois, um braço forte e familiar contorna a minha cintura. Meu corpo derrete feito sorvete em calda quente e rio no momento em que lábios — igualmente familiares — beijam o meu pescoço.

Eu desfruto desse momento com a preciosidade que ele possui, mas não posso esperar muito para girar o meu corpo e me jogar nos braços de Calleb. Meus braços contornam o seu pescoço, ficando na ponta dos pés enquanto ele me impulsiona até seu peito.

Nunca pensei que meu lugar neste mundo não pertenceria a um espaço físico, mas sim a alguém, mas Calleb é o meu mundo e eu o amo além do imaginável.

Ele me tira do chão e eu sorrio antes que sua boca arrebate a minha. Nosso beijo é saudoso, cheio de ansiedade e paixão. Lábios que se procuram e se absorvem, se consomem. Durante o nosso beijo o mundo deixa de existir e quando as vozes ao redor se fazem audíveis outra vez, é como se tudo enfim estivesse no lugar certo.

— Você está aqui. — Calleb sussurra, mordendo levemente a minha boca e sorrindo da forma mais linda. — Nem posso acreditar!

Seus dedos deslizam pelo meu rosto, terminando com um toque suave em minha bochecha. Sorrio, extasiada.

— acredite! Estou e vim para ficar — afirmo, afastando o cabelo em sua testa. — Agora me leve para casa e me beije até que eu não lembre mais o meu nome.

— Só isso? — ele debocha, aspirando o perfume em meu pescoço. — Peça algo mais desafiador.

— Tem razão, não é? — dou risada, enroscando o meu braço no seu e deixando que ele empurre o carrinho até a saída. — Um beijo seu e eu já me esqueço de tudo.

Ele ri, nos guiando para fora do aeroporto.

O ar gélido bate em nossos rostos assim que pisamos na calçada. Esse é

mais um dos motivos para que eu me aconchegue ao corpo de Calleb e me esconda do frio.

Esse inverno, no entanto, me parece menos rígido que o anterior. Ao menos se levamos em conta a data em que estamos. É vinte de dezembro e amanhã faz um ano que Calleb e eu nos reencontramos e nos apaixonamos. Um ano em que compartilhamos o nosso primeiro Natal juntos. O primeiro de muitos, eu desejo.

Atravessamos a rua até a pick-up de Calleb e ele gentilmente abre a porta do passageiro para mim. Fico dentro do carro enquanto ele ajeita a minha bagagem no porta-malas. Tudo o que eu tinha em Austin está dentro dessas três malas; roupas, sapatos e muitas lembranças. Mas eu não me sinto deixando nada para trás, tudo o que vislumbro é o futuro lindo que temos à frente.

Rio quando Calleb entra no carro após alguns minutos, esfregando as mãos em frente ao aquecedor para espantar o frio.

— Tudo bem? — ele me pergunta ao dar a partida.

— Nada nunca estive tão bem. — Digo, deixando que a minha mão descansa sobre a sua coxa.

Durante o trajeto eu falo sem parar. Calleb apenas assente ou murmura algo em retorno. Ele é um bom ouvinte e sou uma faladora nata, sem contar que a minha felicidade me deixa eufórica.

Quando chegamos ao seu apartamento — o meu lar a partir de hoje — espero até que ele desça e venha abrir a minha porta. Então nos enroscamos em um beijo, deixando minhas malas no carro para serem resgatadas depois. Nos beijamos no elevador, em nossa subida até o oitavo andar. Continuamos nos beijando no corredor e só interrompemos o beijo para que Calleb busque as chaves em seu casaco e abra a porta.

Assim que entro, é como se retornasse para a casa. Eu não preciso olhar ao redor para me recordar de tudo, pois sei a disposição exata de cada cômodo ou móvel. Livro-me do meu casaco e ando em direção a janela, enquanto Calleb fecha a porta e vem até mim.

— Eu amo essa vista — digo a Calleb assim que ele me abraça por trás, afastando o cabelo em minha nuca e beijando um ponto sensível em meu

pescoço.

Obviamente me derreto toda de encontro ao seu peito quente, enquanto me deslumbro com a neve caindo lá fora. Sinto o sorriso de Calleb nascer de encontro a minha pele antes que ele morda o meu pescoço. Isso me rouba um riso, mas faz muito mais ao meu corpo. Ele me gira em seus braços para que nossas testas se toquem.

— Eu te amo... — ele sussurra enquanto parece que estamos dançado, mas nem saímos do lugar.

— Eu também te amo. — Sussurro de volta.

— Eu já te disse que você me faz feliz?

— Você me diz sempre — sorrio, ficando na ponta dos pés. — Só não nas últimas horas.

— Você me faz feliz, Bree... tão, tão feliz. — Ele cantora em meus lábios, me apertando em seu peito como se fosse nos fundir. Figurativamente eu me sinto exatamente assim. Como se fôssemos um. Um só corpo e coração.

— Você também me faz feliz, Calleb.

— Eu faço?

— Insanamente. — afirmo, convicta.

Compartilhamos um sorriso e muitos beijos, até que Calleb pergunte:

— Ainda quer que eu a faça esquecer o seu nome?

— Parece tentador, não é? — gracejo, mas sinto o meu corpo estremecer com a possibilidade. — E se tem alguém mesmo capaz de fazer isso, esse alguém é você.

— Então venha... — ele pede, me puxando em direção ao quarto.

Assinto, olhando pela última vez a neve lá fora. Tenho a certeza de ser breve, mas Calleb segura o meu rosto e exige o meu olhar outra vez, como se ele sentisse ciúme dos lugares em que meus olhos tocam.

— Deixe a neve lá fora. — Ele pede de encontro aos meus lábios.

Suspiro quando as borboletas fazem festa dentro de mim, segurando as suas mãos e começando a caminhar pelo corredor que nos levará ao seu quarto.

— Quando estamos juntos o mundo todo fica lá fora. — Recito ao pararmos em frente a porta do seu quarto. — Somos só eu e você, e nada mais...

*Muito obrigada por sua leitura e por ter
escolhido essa história entre tantas. Que o
tempo passado com Calleb e Bree tenha sido
agradável e feliz.*

*Se você gostou da história e quiser deixar uma
avaliação; irei amar e lerei com muito carinho.*

*Se não gostou e quiser deixar uma crítica;
prometo ler com o mesmo carinho e gratidão!!!!*

Lucy ❤️